

GELCI MARIA UNSER

**MULHER: DE VÍTIMA A DISCÍPULA DE JESUS.  
PASSAGEM DE UMA CONDIÇÃO DE VIOLÊNCIA DE  
GÊNERO PARA CONDIÇÃO DE DISCÍPULA E  
MISSIONÁRIA CRISTÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Susin

Porto Alegre  
2009

GELCI MARIA UNSER

**MULHER: DE VÍTIMA A DISCÍPULA DE JESUS.  
PASSAGEM DE UMA CONDIÇÃO DE VIOLÊNCIA DE  
GÊNERO PARA CONDIÇÃO DE DISCÍPULA E  
MISSIONÁRIA CRISTÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Susin

Aprovada em \_\_\_\_\_ de agosto, pela Comissão Examinadora

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Susin

---

Examinador: Prof. Dr. Ramiro Mincato

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucia Weiler

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela vida e inspiração.

A Moema Muricy e a Vera Lucia Calgaroto , pela compreensão e pelo apoio.

Ao Prof. Dr. Luís Carlos Susin pelo acompanhamento e disponibilidade em orientar a dissertação,

Ao Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin, Coordenador da Pós-Graduação em Teologia, gratidão pelo estímulo e apoio dado a esta pesquisa,

Aos demais professores da Pós-Graduação em Teologia que colaboraram para me ajudar a crescer na ação de refletir.

Ao CAPES pela bolsa concedida que nos possibilitou a realização desta dissertação.

## RESUMO

“Mulher: de vítima a discípula de Jesus. Passagem de uma condição de violência de gênero para condição de discípula e missionária cristã” é uma dissertação de Mestrado, Área de Teologia Sistemática, cuja pesquisa pretende explicar a problemática da conformidade da mulher ou sua capacidade e força de luta para o enfrentamento e superação das situações de violência sofrida em todas as áreas e de diversas formas. O processo de conscientização da mulher sobre essa realidade, pode levar à resistência e à compreensão do seu lugar na sociedade, produzindo mudança nas relações sociais e a integração social da mulher. Esta dissertação examina, em paralelo com a situação presente, a condição da mulher no tempo de Jesus e o que significou a intervenção de Jesus em suas vidas, sendo a fé cristã o caminho para sua libertação. O seguimento de Jesus liberta a mulher que passa de vítima à discípula e missionária cristã, exercendo liderança na comunidade.

**Palavra - chave:** Mulher. Vítima. Violência. Gênero. Discípula. Missionária.

## **ABSTRAC**

“Woman: from a victim to a Jesus Christ’s disciple. There was a change in the violence condition related to genre into disciple as well as Christian missionary” is a Masters dissertation, in the Systematic Theology Area, that aims to explain the issue concerning to woman’s acceptance or her ability to fight in order to face and solve many violent situations suffered in all areas and in many ways. Woman’s awareness process about this kind of reality can lead to resistance and understanding of her position in the society, that has trigged many changes in social relationships and woman’s social integration. This dissertation examines, simultaneously to the present situation, woman’s condition in Jesus Christ time and what was his intervention in her lives, being Christian faith a way to freedom. Following Jesus Christ is a way to make woman free, transforming her situation from victim to a disciple as well as christian missionary, being a leader in the community.

**Key-words:** Woman. Victim. Violence. Disciple. Missionary.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b><u>7</u></b>
<b>1. A MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA</b> .....	<b><u>9</u></b>
1.1 ESTADO ATUAL DA QUESTÃO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....	<b><u>19</u></b>
1.2 HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA.....	<b><u>34</u></b>
1.3 DADOS ESTATÍSTICOS DE VIOLÊNCIA QUE AFETAM O BRASIL E O MUNDO .....	<b><u>43</u></b>
<b>2. A PROPOSTA CRISTÃ: DE VÍTIMA A DISCÍPULA E MISSIONÁRIA</b> .....	<b><u>47</u></b>
2.1 MULHER NA HISTÓRIA DE ISRAEL .....	<b><u>47</u></b>
2.2 MULHERES SEGUIDORAS DE JESUS.....	<b><u>59</u></b>
2.2.1 As mulheres no Evangelho de Marcos .....	<b><u>61</u></b>
2.2.2 As mulheres no Evangelho de Mateus .....	<b><u>69</u></b>
2.2.3 As mulheres no Evangelho de Lucas .....	<b><u>69</u></b>
2.2.4 As mulheres no Evangelho de João.....	<b><u>70</u></b>
2.2.4.1 A Mulher Maria Madalena .....	<b><u>71</u></b>
2.2.4.2 A Mulher Samaritana.....	<b><u>72</u></b>
2.3 MULHERES LÍDERES DE COMUNIDADES CRISTÃS .....	<b><u>74</u></b>
<b>3. DISCÍPULAS E MISSIONÁRIAS: UM CAMINHO PEDAGÓGICO</b> .....	<b><u>85</u></b>
3.1 A PALAVRA DA IGREJA.....	<b><u>85</u></b>
3.1.1 João Paulo II: A dignidade e a vocação da mulher .....	<b><u>85</u></b>
3.1.2 Magistério Latinoamericano .....	<b><u>90</u></b>
3.1.2.1 Documento de Puebla .....	<b><u>90</u></b>
3.1.2.2 Documento de Aparecida.....	<b><u>92</u></b>
3.2 A MULHER NA IGREJA .....	<b><u>94</u></b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b><u>114</u></b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b><u>117</u></b>

# INTRODUÇÃO

As mulheres vivenciam diariamente a opressão e a violência, experienciadas de diferentes formas, dependendo do lugar social em que se encontram. Elas podem ser oprimidas em razão de seu gênero, de sua raça, de seu *status* socioeconômico, de sua idade, de sua aparência, de sua orientação sexual, de seu estado civil, de sua filiação religiosa, de sua filiação partidária, de seu nível de escolarização, do número de filhos, do local onde reside, do estado de saúde e tantos outros. E sempre que uma mulher está sendo oprimida tem por traz um indivíduo ou um grupo se beneficiando com essa opressão. Os dados sobre a violência indicam que em 70% dos casos, o agressor é o próprio marido ou companheiro da vítima e a agressão ocorre dentro de casa. Dados recentes da Sociedade Mundial de Vitimologia indicam que 23% das mulheres brasileiras estão sujeitas à violência doméstica, sendo que 41% dos homens que espancam suas mulheres, também são violentos com os seus filhos. Um terço das crianças que sofrem violência também vão reproduzir esse ciclo no futuro. Ainda 95% das vítimas de violência sexual são mulheres, 75% destas possuem menos de 30 anos de idade. Destas mulheres 65% a 80% conhecem seus agressores e em dois terços dos casos as agressões ocorrem no domicílio das vítimas ou em lugares considerados seguros. Os agressores são homens com vida sexual normal em 60% dos casos.

A dissertação ***A mulher de vítima a discípula de Jesus: passagem de uma condição de violência de gênero para uma condição de discípula e missionária cristã*** se propõe a explicitar essa problemática e buscar elementos teóricos que possibilitem compreender melhor essa realidade.

- **Por que a mulher não reage diante da violência? Quais as causas manifestas dessa acomodação?**
- **A vivência da fé cristã pode ser caminho de libertação para a mulher, abrindo possibilidades para a conscientização, resistência, mudança nas relações sociais e integração na sociedade?**

Para discutir a temática, a dissertação consta de três capítulos:

No primeiro capítulo apresenta a mulher como vítima de violência, o estado atual de violência de gênero e o histórico da violência e algumas estatísticas de violência do mundo e do Brasil. As mulheres usuárias de instituições de serviços sociais com frequência internalizam sua própria opressão e consideram sua situação de vida, ou seja, a violência a qual são submetidas como resultado de seu próprio agir e não produto de forças da estrutura social onde estão inseridas. Isso resulta em aceitar o sofrimento e as diversas formas de violência com peso de culpabilidade e resignação.

No segundo capítulo é apresentada a proposta cristã da transformação libertadora da mulher, passando de vítima à discípula e missionária cristã, como líderes da comunidade, como mulheres seguidoras de Jesus, também o papel da mulher na comunidade de Israel.

O terceiro capítulo aborda a construção do caminho pedagógico da discípula e missionária, através da Palavra e do enfoque dado na Carta Apostólica de João Paulo II *Mulieris Dignitatis* e nos documentos Latinos-americanos de Puebla e de Aparecida e finaliza com a mulher na Igreja numa visão crítica.

As mulheres na América Latina, além dos cuidados com a casa, desempenham um papel muito importante nas suas comunidades. Nos movimentos populares se percebe uma participação expressiva de mulheres. Elas criam maneiras novas de lidar com os problemas tais como da pobreza e fome e, principalmente com a violência. Por exemplo, “através de sopões”, compra compartilhada de alimentos, cooperativas de alimentos, cultivo comunitário e outras tantas maneiras que elas encontram para amenizar e vencer a pobreza e a fome de pessoas de suas comunidades. Muitas já conseguem encontrar alternativas em relação à violência que sofrem como denuncia aos órgãos competentes: Delegacias de Mulheres e outros.

Possa a reflexão proposta, nessa dissertação, contribuir para ajudar a afirmar o valor da mulher na sociedade e a sua conscientização. A resistência fortalece a mulher e ativa o seu processo de conscientização, pois ela passa a compreender o seu lugar na sociedade e se esforça para mudar as relações sociais. Esse processo leva a mulher a perceber sua situação não como resultado da sua fraqueza, mas como condicionamento social que necessita ser superado pela sua resistência e integração participativa na sociedade.



## 1 MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

A mulher é vítima de violência desde a hora que nasce até no momento da morte, umas sofrem mais outras menos, mas em geral, todas sofrem. Neste primeiro capítulo vamos apresentar algo sobre o que é violência, como e onde ela ocorre e algumas conseqüências decorridas desta violência.

Conforme Alzira Gomes Machado “a violência contra a mulher é um fato que se arrasta ao longo da história da humanidade. Porém não dá para permitir que continue se alastrando sempre mais”.<sup>1</sup>

A violência contra a mulher tem ligação com todos os atos de violência na sociedade que ocorrem entre os poderosos e os desprovidos de poder, entre os dominantes e os dominados. A raiz de toda a violência em especial contra a mulher, são as regras hierárquicas e a autoridade coercitiva. Os esforços individuais das mulheres submetidas à violência, principalmente a violência conjugal, devem estar conectados ao esforço coletivo de transformar as estruturas maiores que perpetuam e perdoam a violência contra a mulher.

Assim, podemos definir a violência como sendo “força, ação ou tratamento rude ou lesivo”<sup>2</sup> segundo M. Shawn Copeland. Para esse autor a violência tem o objetivo de restringir, limitar e impedir o exercício e a realização da liberdade que é essencial a uma pessoa humana. Ele ainda diz que “a violência visa obliterar a liberdade fundamental ou determinação ativa e dinâmica do eu por parte do sujeito humano”<sup>3</sup> e nesse caso a mulher que sofre a violência. Em mulheres que sofreram a violência, como o abuso ou espancamento, ela destrói não só o corpo, mas também o espírito, isto é, destrói a pessoa por completo, por dentro e por fora.

Uma das causas da violência contra a mulher é o conjunto de idéias. Este acaba causando a violência contra as mulheres e segundo Machado é muito arraigada a idéia de que os homens devem controlar a vida das mulheres. Ela diz

---

<sup>1</sup> MACHADO, Alzira G. Violência contra a mulher: uma hermenêutica de João 7,53-8,11. In *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, v. 96, 2007, p. 30.

<sup>2</sup> COPELAND, M. Shawn. Reflexões editoriais. In *Conclium* nº 252, 1994/2, p. 321

<sup>3</sup> COPELAND, M. Shawn. Reflexões editoriais. In *Conclium* nº 252, 1994/2, p. 321

que há uma noção criminosa de que a honra dos homens deve ser lavada com o sangue da mulher considerada infiel.<sup>4</sup>

A violência está presente em todos os lugares e de várias formas. Ela está onipresente. Para começar, as “necessidades básicas não garantidas já constituem uma relação de violência”,<sup>5</sup> conforme o que nos diz Schiele. Tanto Schiele quanto Copeland<sup>6</sup> consideram que a violência contra a mulher impregna todos os setores da vida de uma mulher, pois em seu próprio lar bem como na vida pública, a mulher está sujeita a molestamentos e a abuso físico, psicológico, emocional e mental e corre perigo de vida. Assim, muitas mulheres tanto individual quanto coletivamente vivem diariamente com o medo da violência. Já conforme Fiorenza, a violência “não se limita a uma classe específica, a uma área geográfica determinada ou a um determinado tipo de pessoas. Ao contrário atravessa as diferenças sociais e os limites de status”.<sup>7</sup> Em geral, todos os tipos de mulheres, infelizmente, sofrem a violência em função do sexo. Aqui podemos citar vários tipos de mulheres tais como: brancas, negras, ricas, pobres, jovens, velhas, profissionais, iletradas, religiosas, seculares, urbanas ou rurais, enfim, mulheres de todas as classes, raças e etnias sofrem de alguma forma a violência.

É interessante observar como persistem as diversas formas de violência por mais que este estigma seja ocultado e de forma muito vergonhosa até mesmo por aquelas que padecem a violência. Essa realidade não pode ser quantificada, pois, ela se dá de diversas formas tais como: “violência física, psíquica, moral e sexual, e as mulheres a sofrem com sentimentos de vergonha e culpabilidade. Isto as atormenta e lesa duplamente, de maneira que os maus-tratos, vexações e humilhações se mantêm em segredo”<sup>8</sup> como nos revela Felisa Elizondo. Além disso, ainda podem ser considerados como fatos do âmbito privado.

O sofrimento em silêncio da mulher manifesta o medo do agressor, a vergonha de sua situação por não ter coragem de romper com o ciclo de agressões, o medo de se expor e de ser vista pelos outros como fraca.

---

<sup>4</sup> Cf. MACHADO, Alzira G. Violência contra a mulher: Uma hermenêutica de João 7,53-8,11. In *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, v. 96, 2007, p. 31.

<sup>5</sup> SCHIELE, Beatrix. Violência e Justiça. In *Concílium* n° 252, 1994/2, p. 219

<sup>6</sup> Cf. COPELAND, M. Shawn. Reflexões editoriais. In *Concílium* n° 252, 1994/2, p. 321

<sup>7</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concílium* n° 252, 1994/2 p. 163.

<sup>8</sup> ELIZONDO, Felisa. Violência contra as mulheres: estratégias de resistência e fontes de cura a partir do cristianismo. in *Concílium* n° 252, 1994/2 p. 298.

A violência de gênero na sociedade passa sem visibilidade como forma de abafar o problema, mas infelizmente essa violência contra a mulher não tem cara nem idade.

Os conceitos de mulher maltratada e mulher submetida à violência são socialmente construídos e objetivados por forças sociais que detêm o poder que gera vários tipos de discursos: “o governo, o sistema legal, o sistema médico (em particular, psiquiátrico), a mídia e o sistema de Justiça Criminal”<sup>9</sup> são as maiores fontes de discurso que afetam as mulheres submetidas à violência principalmente nas relações conjugais segundo Grossi e Werba.

Conforme a escritora norte-americana Ntozake Shange citada por Fiorenza, as mulheres correm perigo de vida diariamente e são “mulheres de todas as classes, raças, religiões e culturas”.<sup>10</sup>

Porém as mulheres negras são as que mais sofrem a violência porque elas se defrontaram com a violência no contexto doméstico, experimentaram a violência trabalhando como empregadas nas casas de mulheres e homens brancos e, além disso, como nos diz Williams, “sofreram a violência também em seus próprios lares e comunidades”.<sup>11</sup>

Aspectos como raça, gênero, etnia e classe, participam na construção da mulher vítima de violência principalmente nas relações conjugais e essas são processos de relações entre pessoas que emergem através de esforços para controlar os meios de produção e reprodução de uma sociedade.

Inúmeros ataques violentos contra as mulheres ocorrem diariamente só pelo fato delas serem mulheres. Neste sentido podemos pensar e citar uma lista enorme de abusos e violências contra as mulheres tais como: pornografia infantil, molestamento sexual na escola e no emprego, turismo sexual, tráfico de mulheres e meninas, escravidão sexual e doméstica, violações dos direitos humanos em relação ao sexo, espancamentos, terror contra as mulheres, mutilação e apedrejamento de mulheres por motivos de infidelidade, restrição de movimentos e exclusão da esfera pública, agressão sexual no lugar de trabalho, estupro, mulheres refugiadas,

---

<sup>9</sup> GROSSI, Patrícia K ; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 33.

<sup>10</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2 p. 163

<sup>11</sup> WILLIAMS, Delores S. Mulheres Afro-americanas em três contextos de violência doméstica. in *Concilium* n° 252 – 1994/2 p. 222

analfabetismo, pobreza, prostituição forçada, prostituição infantil, incesto e abuso sexual, falta de um lar, silenciamento de mulheres, negação dos direitos femininos, contaminações com doenças pelos maridos/companheiros, confinamento de mulheres, abuso de mulheres mentalmente doentes, violência emocional, tortura, marginalidade cultural, privação de alimentação, assassinatos, mutilações genitais e tantos outros que aqui poderíamos citar ainda.

Estas e tantas outras atrocidades fazem parte da vida das mulheres mundo afora. No fundo a violência masculina é o pior aspecto de ser mulher e essa violência assume diversas formas e às vezes tão disfarçado que até se torna difícil de ser identificado como uma violência. Vejamos aqui dois exemplos de violência ou duas formas que não aparecem como violências explícitas, mas elas existem e estão camufladas: “nos Estados Unidos mais de dois milhões de mulheres submeteram-se a implantes nos seios e o número de mulheres que optaram por cirurgia plástica cresceu mais de 60% na última década”.<sup>12</sup> Como um segundo exemplo de violência não explícita aparece: “na África mais de 84 milhões de mulheres passaram por cirurgia sexual, segundo dados da Organização Mundial de Saúde”.<sup>13</sup>

Sabemos que os meios de comunicação dominados pelos homens dificilmente vão informar sobre tais violências ou crimes cometidos contra as mulheres.

A expressão “submetida à violência nas relações conjugais”<sup>14</sup> segundo Grossi e Werba evoca várias presunções existentes na sociedade: que as mulheres que vivem estas situações de violência não são educadas, que estão ligadas ao modelo tradicional e patriarcal de família, no qual, a autoridade do marido é aceito como natural e que em geral, essas mulheres não trabalham fora.

O senso comum em relação às mulheres submetidas à violência é mantido através do discurso governamental e das instituições em geral como: sistema educacional, redes de comunicação e outras instituições sociais que refletem o aparato sociológico da sociedade. Nestes discursos as mulheres são muitas vezes tidas e retratadas como fracas, passivas, não educadas, vítimas empobrecidas.

---

<sup>12</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 165.

<sup>13</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 165.

<sup>14</sup> GROSSI, Patricia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 34.

Conforme Grossi e Werba uma mulher vítima de violência principalmente nas relações conjugais sofre discriminação não somente pelo que ela é, como indivíduo, mas pelo que ela se torna enquanto pertencente a um grupo que foi estereotipado de forma negativa<sup>15</sup>. Assim as características de passividades, cumplicidade, fraqueza, submissão, impotência e outras atribuídas às vítimas da violência doméstica influenciam como os outros vão perceber e interagir com ela, isto nos dois níveis: tanto no individual quanto institucional.

O feminicídio, assassinato de mulheres, é muito comum, pois é resultado de tamanha violência que não tem fim. Neste sentido, vemos que “muitíssimas mulheres em todo mundo são assassinadas em seus lares por homens com quem partilharam suas vidas”,<sup>16</sup> diz Fiorenza. “O perpetrador da violência é um familiar, o irmão, e outros homens da família são coniventes e silenciam a violência. Mas a vítima não é passiva diante da violência, pelo contrário protesta, grita e torna público o estupro”<sup>17</sup>, conforme o que nos mostra Elaine Neuenfeldt. A violência contra a mulher e suas conseqüências muitas vezes fatais não se limitam ao Primeiro ou Terceiro Mundo, mas estão e ocorrem em todos os lugares, ou seja, em todo o mundo, em toda parte. Assim em Santiago do Chile vemos que 80% das mulheres sofreram algum tipo de abuso. Esse abuso pode ser sexual, emocional ou físico por parte de um parceiro ou parente do sexo masculino. Outro exemplo de que não existe limite quanto à violência é Bangladesh. Aí pelo menos 50% de todos os assassinatos são de esposas/companheiras assassinadas pelos próprios maridos/companheiros.

A maior causa individual dos ferimentos mortais causados às mulheres é o espancamento, principalmente nos Estados Unidos. Segundo Fiorenza, “seu impacto é maior que os dos assaltos, acidentes de carro e estupros somados”<sup>18</sup>.

As estatísticas mostram que a maioria das mulheres assassinadas foram mortas pelos maridos/companheiros de vida e isso ocorreu apesar de pedir proteção da polícia e algumas até obtiveram medidas de proteção. Neste sentido podemos

---

<sup>15</sup> Cf. GROSSI, Patricia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. EDIPUCRS, 2001, p. 35.

<sup>16</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. In *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 166.

<sup>17</sup> NEUENFELDT, Elaine. Violência sexual e poder. In Revista *RIBLA* n° 41 2002/1, p. 42.

<sup>18</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 167.

dizer que o lugar mais perigoso para muitas mulheres vem sendo a privacidade do próprio lar.

Assim, uma das classes que mais sofre a violência são as empregadas domésticas que precisam fugir dos patrões abusadores. Isso ocorre no Kuwait como em todo o mundo.

Diante das grandes atrocidades, os que cometeram a vitimação das mulheres normalmente não assumem a responsabilidade por tais atos e neste caso as mulheres são de uma forma ou de outra acusadas de serem as provocadoras dos atos criminosos, ou ainda pior, as próprias mulheres vítimas interiorizam essa culpa.

A violência física ou sexual não são casos isolados ou um comportamento perverso, mas são práticas resultantes das normativas estruturais. Neste sentido Fiorenza diz que

essa violência deve ser colocada num *continuum* de poder e controle masculinos sobre mulheres e crianças, que abrange não apenas a violência física mas também a construção cultural e religiosa de corpos femininos dóceis e personalidade femininas subservientes.<sup>19</sup>

Assim, os vários tipos de violência contra a mulher como a verbal, física, sexual, emocional, econômica e política deve ser entendida em termos estruturais.

No patriarcado clássico os homens exerciam o poder de vida e morte sobre as mulheres e na democracia patriarcal capitalista o homem tem direito de exercer controle físico e poder legal sobre as mulheres. Entretanto, o poder pessoal e nacional nestas culturas era expresso pelo controle e violência contra a mulher que representa a fraqueza. “A violência contra a mulher não é produzida apenas pelo poder patriarcal heterossexista mas também pelo poder kyriarcal colonialista”<sup>20</sup>, diz Fiorenza.

A violência contra a mulher constitui o cerne da opressão. Esta se sustenta por estruturas multiplicadoras de controle, exploração e desumanização. E essa violência se expressa de diversas formas podendo ser através das práticas socioculturais disciplinadoras que, como diz Fiorenza, “produzem o dócil corpo

<sup>19</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 168.

<sup>20</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 168.

submetido e produzido, como sendo o corpo ideal da feminilidade”.<sup>21</sup> A autora fala de quatro grupos de práticas disciplinadoras aos quais as mulheres são submetidas e que são geradores de violência: o primeiro tipo de praticas procura reproduzir o corpo feminino como um corpo de certas proporções e configuração geral; o segundo grupo procura produzir o corpo feminino dócil, inculcando um repertório específico de gestos, posturas e movimentos; o terceiro tipo visa mostrar o corpo como uma área ornamental e o quarto e último tipo visa formar o corpo feminino como símbolo cultural religioso.

É apresentado à mulher um padrão de beleza que ela deve seguir. E para conseguir alcançar esse padrão ela se submete a práticas de disciplina que na grande maioria dos casos acabam violentando a mulher. Vê-se que para conseguir a beleza corporal, o amor de um homem e sua própria felicidade a mulher acaba tornando-se objeto de consumo dos homens.

Quando é pregado a mulheres valores cristão como o amor e o perdão, assim acredita Fiorenza, que eles ajudam a manter relações de dominação e aceitar a violência doméstica e sexual.<sup>22</sup> A autora acha que os textos da escritura e a ética cristã em muitos casos apóiam o ciclo da violência e que conseqüentemente assim se impede de romper este ciclo. Mas não é bem assim, pois ao se pregar os valores cristãos se quer libertar as mulheres e se incentiva o respeito e a valorização dessa mulher.

Seguindo esta linha de pensamento, as vítimas de estupro acreditam que para serem obedientes a vontade de Deus devam preservar sua virgindade e pureza sexual mesmo que isto lhes custe a própria vida e que sofram de perda da auto-estima. Mas muitas sobreviventes desta violência sentem-se como bens usados e até responsáveis pelo próprio estupro. Neste sentido, para as mulheres seria muito difícil lembrar ou falar de abuso sexual se esse abusador foi um pai, professor, parente e mais difícil ainda seria recuperar sua auto-imagem prejudicada e sua auto-estima.

Fiorenza ainda acredita que quando, por exemplo, “a Nova Direita nos Estados Unidos defende abertamente que se conservem os tradicionais valores familiares, seu objetivo oculto é defender a legitimidade dos castigos e maus-tratos

---

<sup>21</sup> FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 169.

<sup>22</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p 176.

infligidos a mulheres e crianças no lar...”.<sup>23</sup> Penso que para conservar os valores familiares não é preciso haver castigos e maus-tratos às mulheres. Pode-se mantê-los com respeito e valorização da mulher.

Na Bíblia encontramos textos onde aparecem atos de violência. Um deles, por exemplo, é o texto de 1Cor 11,2-10 no qual encontramos a justificativa para a posição e autoridade dos homens sobre as mulheres com base principalmente no sexo e poder,<sup>24</sup> segundo o que relata Fiorenza.

Normalmente estamos acostumados a ver a violência como episódica ou como uma anormalidade numa cultura como a nossa que é civilizada, mas na verdade, a violência se tornou contextual e neste caso, na verdade a justiça é episódica, ou seja, acontece de vez em quando. Neste caso a violência sexual é epidêmica, isto é, não é algo que acontece ocasionalmente, mas normalmente é mais comum que possamos imaginar. Aqui a violência contra a mulher não se restringe a ações isoladas de homens que são considerados dementes em momentos imprevisíveis. Os abusadores na verdade são homens comuns e que levam uma vida aparentemente normal. Tanto os abusadores como as vítimas pertencem a todas as classes, religiões, raças, grupos ou nacionalidade. Portanto, os abusadores estão em todos os lugares e podem estar em varias situações diferentes e que às vezes nem nos damos conta de que possa ocorrer.

O abuso sexual, na sua grande maioria ocorre dentro do próprio lar da vítima com pessoas de seu relacionamento próximo tais como, parente, amigo da família, vizinho e o que é pior, o maior grupo de abusadores ainda são os pais. Sabemos que os números dos estupros são altos, mas as informações são omitidas em muitos casos, por isso nunca se pode chegar ao número exato de pessoas que sofreram este tipo de violência.

Brown define violência sexual como sendo o uso “de força, controle e fúria que são exercidos de uma forma sexualmente violenta”.<sup>25</sup>

Assim a violência e o abuso sexual podem criar um clima de vulnerabilidade e medo o que pode moldar todas as experiências e relacionamentos diários de uma

---

<sup>23</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p 178.

<sup>24</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p 184.

<sup>25</sup> BROWN, Joanne C. Em respeito aos anjos: violência e abusos sexuais.. in *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 187.



pessoa. Podemos dizer então que a violência ou o abuso sexual são meios eficazes de controle sobre a pessoa violada.

Sabemos que existem muitas formas de violência e abuso sexual. Neste caso a primeira ação de violência contra as mulheres é o estupro. Em relação a este ato existem muitos mitos associados, tais como: as mulheres o desejam, as mulheres o procuram pelo modo de vestir-se ou pela maneira de andar. Muitas mulheres também são censuradas e acusadas por causa do seu estupro por elas não terem reagido com mais força ou por estar a vítima de noite fora de casa. O estupro geralmente é menosprezado, não é levado em conta e é usado contra as próprias mulheres para humilhar, dominar e controlar.

Susan Brownmiller citada por Brown afirma que “todos os homens são estupradores”.<sup>26</sup> Se formos ver o que as mulheres sentem, realmente alguns homens são estupradores, abusadores e violentadores porque eles os são em potencial, ou seja, a qualquer momento podem violentar as mulheres.

O estupro, antes de tudo, é uma forma de controle do homem sobre a mulher. Na verdade é uma forma de mostrar a superioridade do homem sobre a mulher derrotada.

Brown afirma que: “toda violência, especialmente a violência sexual, é destrutiva – psíquica e espiritualmente”.<sup>27</sup> Acrescentaria ainda além da psíquica e espiritual a social e econômica. Porque a violência ameaça o auto-respeito e a autoconfiança e além de criar sentimentos de impotência, desamparo, humilhação, inutilidade bem como a autocensura.

A violência contra as mulheres traz muitos prejuízos a vida delas, isto é, faz com que elas se calem, paralisa suas mentes e emoções, além disso tira-lhes a capacidade de agir e de enxergar um futuro alternativo ou mesmo melhor.

Brown acredita que “a violência contra as mulheres tem mais chance de alastrar-se em situações onde o ensinamento e prática da Igreja legitimam o status inferior da mulher em relação ao homem”.<sup>28</sup> Tem-se consciência que algumas igrejas têm pregado de certa forma a inferioridade da mulher, a questão da obediência da mulher ao homem como uma vontade de Deus, por exemplo, e os homens se

---

<sup>26</sup> BROWN, Joanne C. Em respeito aos anjos: violência e abusos sexuais. in *Concilium* nº 252, 1994/2, p. 188.

<sup>27</sup> BROWN, Joanne C. Em respeito aos anjos: violência e abusos sexuais. in *Concilium* nº 252, 1994/2, p. 190.

<sup>28</sup> BROWN, Joanne C. Em respeito aos anjos: violência e abusos sexuais. in *Concilium* nº 252, 1994/2, p. 191.

aproveitam disso para violentá-las. Na história as mulheres sempre foram marginalizadas e depreciadas tanto pela linguagem, como pelo ensinamento e pela organização da Igreja. Houve uma época em que o cristianismo aceitou e afirmou o controle do homem sobre a mulher.

A violência sexual e abuso sexual na realidade são os principais instrumentos do patriarcado que instituem a dominação dos homens sobre as mulheres.

A violência padecida foge geralmente da prevenção, conforme Elizondo e, se afasta das possíveis ajudas por parte de outras instâncias. Tanto o maltrato físico como a humilhação são geradores de traumas graves além de deixar seqüelas nas mulheres que sofreram algum tipo de violência. Neste sentido, a resistência e as tentativas de erradicar o comportamento agressivo acabam por constituir uma urgência que é registrada dentro da causa da dignidade e dos direitos humanos.<sup>29</sup>

Diante da violência contra a mulher o ato violento é sempre uma confissão e sinal do desequilíbrio pessoal.

Cardoso fala que na violência familiar existem vários mitos legitimadores a respeito dessa violência, tais como:

- a violência familiar é rara. Mas acontece o contrário, ela só não é denunciada e não muito estudada;

- a violência familiar é restrita a pessoas com distúrbios mentais ou pessoas doentes, mas os estudos mostram que menos de 10% dos casos de violência familiar são ocasionados por transtornos psicopatológicos;

- que essa violência é restrita a pessoas de classes populares, neste caso sabemos que a pobreza e a ausência de recursos educacionais são fatores de risco para as situações de risco, mas não são exclusivos desta população, mas em todas as classes sociais e em todos os níveis educacionais existe a violência;

- esposas agredidas gostam de ser agredidas, senão elas se separariam: a grande maioria das mulheres que sofrem situações crônicas de violência não consegue sair delas por uma série de razões de índole emocional, social, econômica. O sentimento de culpa e de vergonha que essa mulher experimenta pelo

---

<sup>29</sup> ELIZONDO, Felisa. Violência contra as mulheres: estratégias de resistência e fontes de cura a partir do cristianismo. In Concílium nº 252, 1994/2, p. 298.

que está ocorrendo a impede de pedir ajuda. Mas, não é verdade que a mulher sinta prazer nas situações de violência;

- o álcool e as drogas são as causas reais da violência no lar: o consumo de álcool e drogas podem favorecer o surgimento de condutas violentas, porém não é a causa, pois muitas pessoas alcoolistas não usam de violência dentro do lar e há os que mantêm relações familiares abusivas e não são usuários do álcool;

- violência e amor não coexistem na família: os episódios de violência dentro do lar ocorrem em ciclo e nos momentos em que a família não está vivendo a fase violenta do ciclo existem interações afetivas;

- as pessoas que sofrem violência às vezes a buscam ou algo fazem para procurá-la: a conduta dessas pessoas pode provocar discordâncias, mas a conduta violenta é absoluta responsabilidade de quem a exerce, não existe nenhuma provocação capaz de justificar a violência;

- o abuso sexual e as violações ocorrem em lugares perigosos e escuros, quem abusa é desconhecido: pelo contrário o abuso, a violência geralmente ocorre em lugares conhecidos e por pessoas conhecidas;

- a violência emocional não é tão grave como a violência física: o abuso emocional provoca conseqüências graves do ponto de vista do equilíbrio emocional;

- a conduta violenta é algo inato que pertence a essência do ser humano: a violência é uma conduta aprendida a partir de modelos familiares e sociais que normalmente é usada para resolver conflitos. Da mesma forma que se aprende a violência como possível forma de resolver os problemas é possível aprender que não se precisa dela para resolver os conflitos, conforme Cardoso.<sup>30</sup>

## 1.1 ESTADO ATUAL DA QUESTÃO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A palavra violência não é utilizada só por psicólogos ou analistas sociais. Essa palavra passou a ser bastante usada para expressar comportamentos, modos de vida, sociedades e outros fenômenos humanos. A violência está cada vez mais presente nos meios de comunicação social e parece ser integrante da vida e no

---

<sup>30</sup> STREY, Marlene N. *Mulher, estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 1997, p. 130.

cotidiano humano, de forma explícita ou indireta. Está presente nas brigas, cena de televisão, mas também na fome, no desemprego e na miséria urbana.

Igualmente, como a violência, as questões de gênero podem ser evidentes ou invisíveis, geralmente, associadas com as questões de classe, de etnia e de raça. Entre as várias questões de gênero, a violência aparece com grande força e não conhece fronteira, nem de classe, nem de nível de industrialização, de região ou país, nem de tipo de cultura ou grupo étnico.

Strey, citada por Grossi, fala que a violência tem muitas caras, ela pode vir disfarçada de tradição, de moralidade ou então carregada de algum tipo ou quantidade de poder que permite violentar em alguma extensão.<sup>31</sup>

Podemos conceituar “violência (abuso, ou maus-tratos, ou agressão) como qualquer comportamento que visa controlar e a subjugar outro ser humano pelo uso do medo, humilhação e agressões emocionais, sexuais ou físicas”,<sup>32</sup> segundo Cardoso.

Assim, Cardoso citando Strey está de acordo com o que ela pensa e diz que a violência deve ser entendida ainda como:

Toda a ação ou omissão cometida no seio da família por um de seus membros que despreza a vida ou a integridade física, psicológica ou, inclusive, a liberdade dos outros membros da família que causa um sério dano ao desenvolvimento da personalidade.<sup>33</sup>

A violência pode ser percebida pela identificação do sujeito violento e do sujeito-objeto violentado, bem como corpo mutilado, o sangue derramado, a morte, a destruição do ser, a dor e o sofrimento. Pode envolver, também, ações e sujeitos invisíveis.

Gênero é como “elemento constitutivo das relações sociais e históricas fundadas sobre diferenças percebidas entre os dois sexos, mas que não são consequência direta nem da biologia, nem da filosofia e que explicam persistentes

---

<sup>31</sup> GROSSI, Patricia K ; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 48.

<sup>32</sup> STREY, Marlene N. *Mulher, estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 1997, p. 127.

<sup>33</sup> STREY, Marlene N. *Mulher, estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos, 1997, p. 127.

desigualdades de todos os tipos entre mulheres e homens”,<sup>34</sup> segundo Grossi e Werba.

Gênero é um conceito relacional que se vincula ao conceito sexo. Sexo pode ser considerado como um sistema multivariado e sequencial, que inclui o sexo cromossômico, hormonal fetal, gonadal e morfológico, diz Grossi. No dicionário Aurélio século XXI (1999, p. 980), gênero, na sua acepção antropológica, é “a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos”.<sup>35</sup>

O gênero é o sexo atribuído a partir da forma dos órgãos sexuais externos do bebê ao nascer. A partir dessa constatação começa a construção cultural do gênero, sob influências de linguagem, atitudes e expectativas. “A construção cultural de gênero fica evidente quando se verifica que se fazer homem ou mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades e em diferentes épocas”.<sup>36</sup>

Gênero ainda pode ser conceituado como a forma social que cada sexo adquire, pois é uma aquisição cultural que a pessoa vai obtendo através do processo de socialização. Este processo prepara os sujeitos a fim de que desempenhem os papéis sociais conforme sua natureza.

Gênero é o sexo social, construído histórico-cultural e socialmente, atribuindo estereótipos femininos e masculinos. Com isso são estabelecidas as idéias sobre o que é ser homem e ser mulher e que os dois tem comportamentos diferenciados.<sup>37</sup>

*A violência de gênero* reúne os conceitos *violência* e *gênero*, o que acentua a pressão sobre indivíduos. O conceito gênero implica certa quantidade de pressão sobre os indivíduos em relação aos padrões culturais sobre o que seja ser homem ou mulher.

A violência de gênero está nas idéias veiculadas aos meios de comunicação, principalmente sobre beleza em relação às mulheres, mas também aos homens.

---

<sup>34</sup> GROSSI, Patricia K ; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 71.

<sup>35</sup> GROSSI, Patricia K ; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 49.

<sup>36</sup> GROSSI, Patricia K ; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 49.

<sup>37</sup> Cf. MACHADO, Alzira G. Violência contra a mulher: uma hermenêutica de João 7,53-8,11. In Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, v. 96, 2007, p. 31.

Mas a violência de gênero também se faz presente na política, nas leis, no mercado de trabalho, na família, no espaço doméstico, nas relações de casa. Assim podemos dizer que a violência de gênero está nas e em todas as estruturas e estratégias, muitas vezes de forma oculta.

Existem dois tipos de violência: a visível e a invisível. A visível é a violência implícita e eventual contra a mulher na família e se manifesta em geral pela violência física culminando muitas vezes com a morte. Já a violência invisível é intrínseca a composição da família e é explícita nos papéis designados à mulher em relação à sua condição de gênero.

A divisão do trabalho baseada no gênero faz das mulheres as principais responsáveis pelo cuidado das crianças, da família e das tarefas domésticas, independente se elas têm ou não um outro trabalho. Os homens assumem as responsabilidades não-domésticas, na economia, na política e em outras instâncias sociais e culturais. Essa divisão de trabalho é vista como a raiz das diferenças de poder baseadas no gênero. A economia tornou-se mais importante do que a família, nas instâncias centrais das sociedades modernas, essa prioridade e responsabilidade resultam em desigualdade de poder entre os gêneros<sup>38</sup>. A desigualdade nas estruturas de divisão sexual do trabalho limita as opções das mulheres e as relega a papéis que reforçam o poder superior dos homens, independentemente das suas escolhas.<sup>39</sup>

Marlene Strey fala da estratificação de gênero dizendo que:

O grau de estratificação de gênero em uma sociedade refere-se à extensão em que as mulheres estão sistematicamente em desvantagem no acesso a esses valores em comparação aos homens de sua própria sociedade, que também são seus iguais socialmente (em classe social, raça e etnia, idade, religião, etc.)<sup>40</sup>.

A chave nesse processo é o poder de recursos e o de definição e não a diferenciação de trabalho.

---

<sup>38</sup> Cf. GROSSI, Patricia K ; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 52.

<sup>39</sup> Cf. GROSSI, Patricia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 53.

<sup>40</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 53.

Conforme Strey, a atitude feminina tradicional de adaptar-se às necessidades e estilos dos homens funciona para reforçar o poder de definição masculino. Ela diz ainda que desta forma forma-se um círculo vicioso, no qual as mulheres são sistematicamente encorajadas a definir as interpretações masculinas como as certas e verdadeiras.<sup>41</sup>

No decorrer da história aparece a violência dos homens contra suas esposas e tem sido usualmente admitida pelas leis. O punir fisicamente as mulheres ainda é admitido por muitos homens como um direito e é apoiada por algumas crenças religiosas. Há casos em que o marido é a vítima da violência da sua esposa, mas o percentual é reduzido. Essas situações de violência doméstica não aparecem em estatísticas, mas apenas em estudo de processo judicial para divórcio.

A violência de gênero é paralela a outras formas de abusos, incluídas no discurso dos direitos humanos. Mas, a subjugação das mulheres é tão comum em nossas sociedades e enraizada em muitas tradições culturais e religiosas, que não consegue ser amplamente aceita como uma questão de direitos humanos. É um passo crucial para a erradicação da violência contra a mulher, a desconstrução dos aspectos opressivos e a reinterpretação de princípios básicos.

A relação de interdependência entre os gêneros é de dependência e domínio, portanto se prestam ao abuso, à exploração e as mais diversas formas de opressão.

Estudos sobre violência doméstica, diz Strey, enfrentam dificuldade: o ataque violento ocorre em privado e, na maioria dos casos, não é do interesse da vítima admitir que ocorreu. Só se consegue obter maiores evidências de casos externos, onde a violência acabou em morte, ou quando a vítima procurou refugio fora de casa. A sociedade tem dificuldade de admitir essa forma de violência. É necessário colocar a discussão sobre a violência de gênero dentro do conceito de cidadania, em lugar de relegá-la à luta entre homens e mulheres.<sup>42</sup>

Os padrões de cultura em relação à moralidade e valores são diferentes para mulheres e homens e levam à discriminação das mulheres. O ato do marido de agredir a vítima, ou até mesmo matá-la poderia ser legítima defesa tanto da honra

---

<sup>41</sup> Cf. GROSSI, Patricia K. ; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 58.

<sup>42</sup> Cf. GROSSI, Patricia K. ; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 61.

pessoal como a da família. As mulheres que toleram a infidelidade, os maus tratos, o abuso, a deterioração da própria saúde são consideradas boas pela sociedade. “O requisito básico é que façam tudo para o bem dos demais. Este discurso é assimilado pelas mulheres, recriando um modo de vida e constituindo o consenso social”,<sup>43</sup> conforme Strey.

A educação das crianças com gritos e espancamentos, quando há mal comportamento, faz admitir a violência como natural. Assim, a criança intui que quando a mãe apanha se comportou mal. Portanto, a família serve como treinamento básico para a violência.

Estudos mostram que existe uma relação entre a delinqüência juvenil e ter recebido severos castigos dos pais/mães na infância, com generoso uso da violência. A maioria dos reincidentes sofreu na infância surras, golpes de cinto, de paus, cabos ou socos.

Em geral, os homens são as maiores vítimas de violência nas ruas cometidas por estranhos e as mulheres as maiores vítimas de violência cometida em casa por companheiros e parentes, conforme estatísticas do IBGE (1997). Strey lembra que a sociedade e o Estado são complacentes em relação a violência nas relações conjugais, por isso, poucas mulheres sabem a respeito de seus direitos e dos canais institucionais para cobrá-los.

Pelo fato da violência contra a mulher ser mais praticada em âmbito privado, de forma mais invisível, essa era interpretada como uma questão privada. Então, pode-se dizer que se não fosse cometida pelo Estado, não era tratada como violação dos direitos humanos.

As lutas dos Movimentos Feministas trouxeram à luz a violências cometidas contra as mulheres, alcançando finalmente o reconhecimento da comunidade internacional de que a sociedade também é agente de violação dos direitos humanos. A violência contra a mulher passa a ser considerada como uma violação dos direitos humanos, só a partir de 1993, após 45 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Apesar de todas as lutas e conquistas, os direitos das mulheres não foram efetivamente assegurados.

---

<sup>43</sup> GROSSI, Patrica K. , WERBA, Graziela C.(Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 63.



Strey lembra que apesar das estatísticas mostrarem que as mulheres são as vítimas preferidas nos atos violentos, parece que isso não é algo que seja efetivamente visualizado, inclusive para pessoas que lidam com o assunto: policiais, advogados, psicólogos, assistente sociais.

Strey e Werba citam a Cartilha *Quebrando Silêncios e Lendas* que foi organizada por Madza (1999) e dizem que:

A violência causa danos – às vezes irreparáveis – a uma em cada quatro mulheres brasileiras e que mais de 60% dos assassinatos de mulheres no mundo são cometidos por homens com os quais as vítimas tinham ou haviam tido envolvimento amoroso, confirmando o dado já amplamente divulgado pelas delegacias da mulher de todo o Brasil, de que os agressores das mulheres se encontram muito mais dentro de casa do que fora dela. Estes dados reforçam também a idéia de que a violência sempre passa por uma relação de subordinação e dominação, na qual o homem sente-se no direito de educar, corrigir e, se necessário, castigar física, psicológica e sexualmente a mulher.<sup>44</sup>

Todos sabem que existem muitas possibilidades de violência contra as mulheres que estão profundamente encravadas ou enraizadas na nossa sociedade. Por este motivo elas passam a ficar cada vez mais corriqueiras, e chegam até a causar enorme dano à saúde física e mental das mulheres, e na maioria das vezes não provocam mais tanta indignação ou comoção social.

Quando vemos velhos e crianças desamparadas e sem teto, conforme Strey e Werba, logo nós os julgamos como sendo vagabundos, pivetes e marginais. O mesmo acontece com a violência contra a mulher, ou seja, quando encontramos uma mulher que está sofrendo violência, logo justificamos dizendo que ela apanhou porque mereceu ou nada se pode fazer quanto a isso, pois sempre foi assim, ou dizemos ainda que as mulheres têm um gozo na violência. Baseamos os significados dessa violência em outros significados como de prostitutas, traidoras e bruxas, entre tantas outras.<sup>45</sup> A vítima passa a ré, pois os papéis são invertidos. A violência é deslocada de seu lugar de origem, desfocando assim a dor de quem sente.

---

<sup>44</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 77.

<sup>45</sup> Cf. GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 79.

Existe na sociedade uma invisibilidade das mulheres e de seus direitos humanos. Em consequência desta ocorre a invisibilidade da violência contra a mulher, que segundo Strey e Werba, são processos culturais e históricos, portanto passíveis de reversão.<sup>46</sup>

Durante as últimas décadas ocorreram muitas transformações em relação às condições das mulheres, principalmente na sociedade ocidental. Estas contribuem cada vez mais para tornar a violência contra a mulher mais visível. Porém, há ainda um longo caminho a ser percorrido para minimizá-la.

Conforme Ana Zuwick uma mulher que foi violada, que foi vítima de estupro sempre tem a impressão de que está suja. A marca que essa violência imprime em sua subjetividade se expressa na necessidade e no desejo de banhar-se por longo tempo. Outra marca forte são os sentimentos de vergonha e autoculpabilização. Estes são capazes de silenciarem exatamente quem foi ofendida em sua dignidade, que foi afrontada.<sup>47</sup>

A violência sexual, é mais comum do que podemos imaginar, pode ser representada por todo o ato exercido contra a vontade da mulher. Isto se dá através de ameaça, intimidação ou ataque. A violência sexual também engloba um conjunto de atitudes e fatos sociais. A mulher é geralmente discriminada, submetida e subordinada por ataques simbólicos à sua liberdade e dignidade. Outra violência muito comum em nossos tempos é a violência simbólica. São formas desta violência: a publicidade que apresenta as mulheres como objetos sexuais, o assédio ou o toque de qualquer parte do corpo da mulher sem seu consentimento. Esta pode manifestar-se na medida em que expressa uma assimetria nas relações de poder entre homens e mulheres.

Para Zuwick a violação ou estupro, longe de ser um acontecimento isolado, tem implicações sociais amplas pelo medo que instaura nas mulheres quanto à sua integridade, física e psíquica, e em sua liberdade sexual. Ainda segundo esta autora, a violência contra a mulher, e principalmente a violência sexual, situa-se numa relação de forças, expressão máxima das diferenças entre os sexos sob a forma de desigualdade.

---

<sup>46</sup> Cf. GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 80.

<sup>47</sup> Cf. GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 83.

No Brasil, só se configura crime de estupro, se houve conjunção carnal entre um homem e uma mulher, através da penetração do órgão masculino no órgão feminino, ou seja, quando é possível ser provado que houve penetração. A penetração anal ou oral, não é considerada crime de estupro e sim crime de atentado violento ao pudor.

O silêncio e a tentativa de esquecer o fato traumático tem sido a reação mais freqüente das pessoas que sofreram a violência sexual. Por esse motivo também o número de registro de violações é muito baixo em relação ao que de fato ocorre concretamente. É de se questionar sobre as razões que levam as mulheres a silenciarem frente a uma agressão tão violenta contra seu corpo e sua vontade.

São muitos os fatores que podem nos ajudar a compreender o silêncio das vítimas: podemos começar pelo medo de represálias ou a crença de ser um assunto privado e pessoal. Muitas mulheres silenciam diante da violência porque acreditam que se a denunciarem vão sofrer mais ainda, por isso, preferem se calar. A partir do momento que tornam um assunto público a violência que sofrem isto se torna para as mulheres violadas uma sobrecarga emocional e um aumento da experiência de humilhação. Por isso Zuwick diz que “o poder do estigma negativo que paira sobre estas mulheres, até mesmo por parte de seus familiares, contribui enormemente na avaliação sobre ‘custo benefício’ de uma denúncia formal”.<sup>48</sup>

A mulher que é vítima de violência sofre duplamente, sofre pelo fato em si de violência da qual é vítima e sofre diante das reações institucionais que a atendem: onde “passa por questionamentos embaraçosos por parte da polícia e pelos promotores da Justiça para verificar a ocorrência do crime; na sala do tribunal poderão ser expostas ao julgamento em público, quanto a sua vida sexual pregressa”,<sup>49</sup> diz Zuwick e do mesmo modo também as circunstâncias possíveis que provocaram tal violação, bem como o quanto de resistência física houve. Muitas mulheres ao serem violadas demonstram aparente passividade e isso frequentemente é visto como consentimento. Mas sabemos que a passividade ou paralisação da mulher nasce do pânico frente ao agressor e ao medo da morte.

---

<sup>48</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 86.

<sup>49</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 86.

Com relação às repercussões da violência as psíquicas são maiores para as mulheres virgens, enquanto que os preconceitos sociais são para as casadas. Podem ser apontadas como seqüelas dessa violência a autculpabilização, o temor a gravidez, as doenças sexualmente transmitidas, como a AIDS e outras, as crises de depressão que, podem levar a tentativas de suicídio, pesadelos, distúrbios psicossomáticas, distúrbios comportamentais, desordens sexuais, absenteísmo profissional. Este último é mais numeroso entre as mulheres exatamente por causa da violência praticada contra elas pelos homens.

Conforme Züwick “a mulher violada sente-se portadora de estigmas indelévels com sentimento de aniquilamento, receio de que sua vergonha repercute sobre os seus familiares e medo de represálias”.<sup>50</sup> São muito comuns nessa mulher violada os sentimentos de vergonha, humilhação, confusão, medo e raiva.

Diante disso, o tipo de reação e duração, podem durar de um a vários anos, como manifestações de sintomas de transtornos de estresse pós-traumático: pesadelo, sobressaltos, crises de pânico. Além disso, podem ocorrer reações fóbicas às interações sociais e sexuais. O uso da arma, bem como ter mais de um agressor ou conhecer o agressor e outros dados físicos são fatores que podem aumentar o trauma.

A mulher experimenta muito mais culpa, como se tivesse provocado ou facilitado a violação quando ela conhece o estuprador, mas ao mesmo tempo, este aspecto pode ajudá-la em sua recuperação, pois teria um elemento de controle sobre o agressor. Mas acredita-se que o conhecimento prévio do agressor não somente agrava a conseqüência do fato, como se torna um obstáculo a denúncia pela possibilidade aumentada de sofrer vergonha. Quando a vítima conhece o agressor também “se reduz a possibilidade de identificar a agressão como um estupro, pois este de certa forma mereceria menos crédito até para a vítima visto que agressão provém de alguém que deveria querê-la, como o marido, ou protegê-la, como o pai”,<sup>51</sup> constata Zuwick.

Falando de estupro podemos dizer que quando este se constitui um acontecimento levado a julgamento ele deixa suas marcas históricas. Neste sentido

---

<sup>50</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 87.

<sup>51</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 87.

a mulher violada, além de tudo, é descrita com estereótipos, como sedutora e desejosa do estupro, ou seja, que a mulher deseja o estupro e que ela tem prazer no mesmo ou outras vantagens. Já o que viola é descrito como descontrolado frente aos seus impulsos sexuais. Neste caso estes seriam considerados como uma ocorrência incomum os quais contaminam o modo como a violação tem sido abordada, manejada e escrita na história dos homens e das mulheres. A violação deixa marcas na subjetividade feminina de todas as mulheres.

Portanto, diante do fato do estupro a mulher violada sente a dor da perda da integridade física. A essa dor ainda podemos acrescentar aquelas construídas pela cultura as quais intensificam as repercussões psíquicas.

Não podemos esquecer que em toda a nossa história o corpo feminino vem sendo disciplinado e normatizado. Por isso a descrição e imposição de um ideal estético contemporâneo, em especial para a mulher, que, aliás, vem sendo muito bem divulgado pela mídia, imprime certos modelos que, inserindo-se em suas subjetividades, tornam-se escravas de disciplinas e normas quanto a aparência, moda, conduta e conformação corporal desenvolvendo-se a percepção de carência, insatisfação e/ou desvalorização em relação a seus próprios corpos.

Zuwick quando fala do estupro e da dominação simbólica em relação a ele diz:

Em relação ao estupro, a dominação simbólica se expressa no senso comum que o entende como um ato perpetuado por alguém portador de um desvio de conduta ou de insanidade mental frente às atitudes propiciatórias da mulher; que interpela a vítima quanto à sua vida sexual pregressa e que imprime em seu corpo significados de desvalorização que alteram sua subjetividade feminina. A vergonha de que deveria ser portador aquele que a agrediu volta-se contra a mulher e a silencia tornando-a parte da rede que sustenta a dominação.<sup>52</sup>

Sabemos que a violência doméstica é um problema crescente no país. Para enfrentar essa realidade faz-se necessário cada vez mais novas alternativas.

A estimativa é de que no Brasil, a cada quatro minutos, uma mulher é agredida. “Os dados da violência que é denunciada indicam que em, 70% dos casos, o agressor é o próprio marido ou companheiro da vítima e a agressão ocorre

---

<sup>52</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 89.

dentro de casa<sup>53</sup>. Grossi diz ainda que “dados indicam que 23% das mulheres brasileira estão sujeitas à violência doméstica, sendo que 41% dos homens que espancam suas esposas também são violentos com os filhos”<sup>54</sup>.

Diante do crescente número de casos de violência contra a mulher no país torna-se necessário também a realização de um trabalho com os agressores para que esses possam refletir sobre a violência em suas vidas e construir novos modelos de relacionamento.

Grossi diz também que “no Brasil, o movimento feminista trouxe à tona, o problema da violência doméstica, principalmente nas décadas de 70 e 80”<sup>55</sup>. Muitas mulheres agredidas expressam a necessidade de uma intervenção com todos os membros da família. Elas manifestam o desejo de ajudar seus maridos ou companheiros a romperem com o ciclo da violência. Para elas isso não significa o término da relação e sim encontrar formas para fortalecer esta relação fragilizada.

Sabemos que muitos dos homens que hoje são agressores sofreram violência na infância ou adolescência ou se não sofreram violência física testemunharam sua mãe sendo agredida pelo próprio pai. Com isso aprenderam que através da violência é possível resolver os conflitos interpessoais, ou seja, acham que a violência, especialmente a violência física é a maneira mais natural de se resolver estes conflitos. Portanto, se a violência é um comportamento aprendido, também pode ser desaprendido. Nesse sentido podemos dizer que a realidade que envolve a violência doméstica contra a mulher é complexa e este processo de mudança cognitiva não ocorre num espaço curto de tempo, conforme Grossi.<sup>56</sup>

E aqui vai uma palavra a favor dos agressores, ou seja, eles devem ser punidos pela violência que praticaram contra a mulher, mas devem também ser tratados, porque a maioria desses agressores teve em sua vida experiências fortes de violência contra eles ou contra as mulheres de sua família, com as quais tiveram contato direto ou com as quais mantiveram algum relacionamento mais próximo.

---

<sup>53</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 95.

<sup>54</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 95.

<sup>55</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 96.

<sup>56</sup> Cf. GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 100.

Essa violência presenciada ou vivenciada ele a transfere para a mulher – esposa e/ou filhas – sem muitas vezes ter consciência de seus atos violentos.

É preciso fazer com que todas as instituições e o Estado tomam consciência da “concepção condenatória de todo o tipo de violência, tanto de gênero, quanto de raça, etnia, geracional, entre outras”<sup>57</sup>. Sabe-se que muitas instituições infelizmente são as reprodutoras da cultura, em muitos casos, de violência. Mas por outro lado é preciso acreditar que a sociedade tem força para romper com essa cultura e pode transformá-la levando a sociedade a um processo de mudança de concepção de violência e dar oportunidade às mulheres para que possam reconstruir suas vidas com bases na autonomia e no respeito.

Geralmente, quando a mulher maltratada vai procurar um serviço de apoio como: uma Delegacia de Polícia, um grupo de ajuda, uma Instituição Social é porque ela chegou a um ponto em que a experiência de violência tornou-se insustentável, onde não é mais possível continuar, pois está prestes a acontecer uma tragédia. A mulher é muito forte e em geral agüenta por muito tempo a situação de violência, mas quando decide a não querer mais continuar nesta situação ela diz um basta e enfrenta o que for preciso para se livrar do agressor.

As experiências das mulheres são moldadas pelo contexto social e por isso as chamadas questões privadas que dizem respeito às mulheres como a violência doméstica, o cuidado com os filhos, a sexualidade, entre outros, pertencem também à esfera pública.

Grossi e Aginsky dizem “que os tipos de táticas de poder e controle que caracterizam a violência contra mulheres são também usados em nossa sociedade para sustentar e reforçar o racismo, a exclusão de idosos e outras formas de opressão grupais”.<sup>58</sup> Para essas autoras, entre estas táticas encontram-se os maus-tratos físicos, sexuais, emocionais, econômicos e espirituais: isolamento imposto, o uso de ameaças e intimidações e o uso de crianças como garantia de manutenção de relações de subordinação.

---

<sup>57</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 11.

<sup>58</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 23.

Muitas mulheres, por mais que possuam certos direitos perante a lei sentem-se impedidas de exercer-nos em razão dos constrangimentos baseados, em classe, raça, gênero, etc. Segundo Grossi e Aguiniski a mulher têm direitos, mas isto não quer dizer que ela possa usufruir com dignidade dos mesmos. Elas argumentam da seguinte forma:

Uma mulher pode ter o *direito* de dar queixa contra seu marido maltratante, mas ao fazê-lo pode colocar em risco seu *status* de guardiã dos filhos. Ela pode ter o *direito* a um julgamento justo em questões de guarda de menor, mas pode ser impedida de custear o devido aconselhamento legal. Da mesma forma, em uma situação tanto de risco no trabalho ou de condições inadequadas de trabalho, ela tem o *direito* de firmar uma queixa oficial, mas ao fazê-lo pode colocar em risco seu emprego, de cuja renda habitualmente sua família depende. Ela também tem o *direito* de deixar um companheiro maltratante. No entanto, se assim o fizer, não apenas ela pode perder sua principal fonte de suporte econômico, mas arrisca ser retirada de seu sistema familiar e de suporte social. Mais que isso, uma vez deixando-o, ele pode, em retaliação, negar pensão aos filhos e, em alguns casos, colocar seriamente em risco sua possibilidade de permanecer com as crianças.<sup>59</sup>

As mulheres vivenciam diariamente a opressão e esta pode ser experienciada de diferentes formas dependendo do lugar social em que se encontra essa mulher. Ela pode ser oprimida em razão de seu gênero, de sua raça, de seu status socioeconômico, de sua idade, de sua aparência, de sua orientação sexual, de seu estado civil, de sua filiação religiosa, de sua filiação partidária, de seu nível de escolarização, do número de filhos, do local onde reside, do estado de saúde e de tantos outros que poderiam ser citados aqui que oprimem a mulher. E sempre que uma mulher está sendo oprimida tem por traz um indivíduo ou um grupo se beneficiando com essa opressão.

A opressão é algo muito presente na vida da mulher. Neste sentido Grossi e Aguiniski dizem que “opressão assim se refere a todas as formas de controle que impedem o completo avanço e o preenchimento das metas de um indivíduo”.<sup>60</sup>

Por mais que as mulheres não considerem como opressão os seus problemas da vida cotidiana, a opressão assume um papel importante na vida dessas mulheres. A opressão não se manifesta apenas nos maltratos que elas sofrem nas mãos de seus esposos/companheiros, mas é quando suas necessidades básicas como a

---

<sup>59</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 25.

<sup>60</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 25.



alimentação, habitação, vestuário, cuidados de saúde, trabalho e renda não são atendidas. Além disso, a discriminação também é uma forma de opressão. Apesar de muitas mulheres sentirem-se oprimidas pela sociedade elas encontram na resistência uma possibilidade. A mulher é capaz de resistir à opressão quando ela está num processo de conscientização e de fortalecimento, ou seja, não só quando compreende sua sociedade e o lugar que nela ocupa, mas quando ela se esforça para mudar as relações sociais. Para isso ela precisa reconhecer as forças do sistema que a oprimem e superar a idéia de que sua falta de poder<sup>61</sup> está só nela ou que depende só dela.

Muitas mulheres submetidas à violência são capazes de resistir á violência interpessoal de muitas maneiras, entre elas, ameaçam a abandonar os maltratantes/agressores, tornam-se economicamente independentes, negam-se a fazer sexo, recusam obrigações diárias, confrontam o comportamento do causador de maus-tratos, deixam o lar entre outros.

Quando as mulheres se tornam cientes das percepções opressivas da sociedade que as cercam, elas podem ou não internaliza-las, podem ou não adotá-las como autopercepção. Caso elas internalizam tais concepções, acabam se comportando de acordo com o estereotipo. Por outro lado, aquelas que as desafiam em seus esforços de preservação de sua identidade e não as internalizam, demonstram sua potencialidade de auto-fortalecimento.

Grossi e Aginski afirmam que “o conceito de conhecimento contra-hegemônico é altamente relevante para profissionais que atuam na rede de apoio à mulher, vítima de violência conjugal”.<sup>62</sup> Assim, a maneira como o profissional define a situação das mulheres submetidas a violência nas relações conjugais pode levar essas mulheres a redefinir sua experiência e a ganhar um grau de fortalecimento. Depende também da maneira como as mulheres definem suas situações podem predispor os profissionais que prestam os serviços a revisar seus entendimentos sobre maus tratos de esposas e, assim, conseqüentemente, modificar suas práticas de trabalho.

---

<sup>61</sup> Poder é algo que é exercitado mais que possuído. Não está preso a agentes ou a interesses mas “incorporado” dentro de várias práticas (Foucault).

<sup>62</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 38.

Mulheres provindas de diferentes grupos étnicos e raciais experimentam várias opressões de classe, raça e gênero que seguramente moldam suas experiências com violência em suas casas.

Para Grossi “a resistência a construção social das mulheres vítimas de violência é o primeiro caminho para mobilização da mudança”.<sup>63</sup> As mulheres submetidas a violência nas relações conjugais, sofrem muito e isto faz com que elas se apropriem de novos conhecimentos sobre elas próprias, e como consequência ampliam sua compreensão de mundo.

A violência de gênero é a mais eficaz forma de domesticação das mulheres. Grossi quando fala da violência de gênero se interroga e faz-nos refletir sobre esse tipo de violência

Será possível quantificar o dano do tapa em relação à nádega exposta na mídia? Será que chegaremos a tempo para ajudar milhões de mulheres a viverem a refazerem sua auto-estima perdida em anos de relações humilhantes? Será que o status de problema social hoje dado a essa violência conseguirá desnaturalizá-la? Será que nossas meninas saberão dar os limites e dizer não quando o sexo é banalizado e exposto como bananas na feira?<sup>64</sup>

## 1.2 HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA

Neste item vamos dar preferência ao que tem a nos dizer Jean Delumeau<sup>65</sup> sobre a mulher, a forma como ela era reprimida e o seu sofrimento na história do Ocidente.

A identificação da mulher “como um perigoso agente de Satã”<sup>66</sup> segundo Delumeau, no início da Idade Moderna, na Europa Ocidental, deu margem à caça às feiticeiras. A mulher é considerada como segundo sexo e a atitude masculina em

<sup>63</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 38.

<sup>64</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 11.

<sup>65</sup> Jean Delumeau nasceu em Nantes (França), em 1923. É professor de história no Collège de France desde 1975 e responsável pelas coleções “Lês Temps et les Hommes” (Hachette) e “Nouvelle Clio” (PUF). Publicou *Rome ou XVI siècle, La civilisation de la Renaissance, Naissance et affirmation de la Reforme, Lê christianisme va-t-il mourir? E Lê catholicisme entre Luther et Voltaire*.

<sup>66</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 310.

relação ao segundo sexo sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade.

A exaltação à mulher ocorreu da Idade da Pedra até a época romântica. No início, a mulher era considerada a deusa da fecundidade, “mãe de seios fiéis”, e “imagem da natureza inesgotável”,<sup>67</sup> conforme nos relata Delumeau. A mulher em Atenas torna-se a divina sabedoria e com a Virgem Maria, o canal de toda a graça. Nas sociedades com estruturas patriarcais sempre existiu a hostilidade entre o homem e a mulher.

A veneração do homem pela mulher foi ameaçada pelo medo do segundo sexo. No homem as raízes do medo da mulher são mais numerosas e complexas do que pensava Freud, que o reduzia ao temor da castração. Freud percebia que a sexualidade feminina é difícil de se estudar de maneira analítica. E é neste sentido que Simone de Beauvoir “reconhece que o sexo feminino é misterioso para a própria mulher,”<sup>68</sup> pois a mulher não se reconhece nele e não reconhece como seus os seus desejos, conforme Delumeau.

Portanto, a maternidade é fonte de mistério profundo para o homem, pois têm tabus e ritos ligados à grande obra da natureza. Acreditava-se que a maternidade é o mistério da fisiologia feminina, ligado as lunações.

Neste sentido, o homem é atraído pela mulher, porém, do mesmo modo que é atraído também é repelido. Segundo Delumeau ele é “repelido pelo fluxo menstrual, pelos odores, pelas secreções de sua parceira, pelo líquido amniótico, pelas expulsões do parto”.<sup>69</sup> A mulher era tida como perigosa e impura durante o fluxo menstrual e quando parturiente, após o nascimento, a mulher precisava se reconciliar com a sociedade, através de um rito purificador.

O cuidado e os rituais dos mortos em muitas civilizações era considerado como coisa impura, por isso era dada à mulher, pois ela era considerada impura por natureza.

Na terra, a introdução do pecado é atribuída à mulher, acusada pelo homem de trazer a desgraça e a morte. O homem para se ver livre da culpa procurou um responsável para o sofrimento e para o desaparecimento do paraíso terrestre, por

---

<sup>67</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 310.

<sup>68</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 311.

<sup>69</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989. p. 311

este responsável ele encontrou a mulher. O medo da mulher era algo tão enraizado que o próprio cristianismo o integrou e não é invenção dos ascetas cristãos, pois ele atrapalhou e durou até o limiar do século XX. Tertuliano ao se dirigir à mulher diz: “Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero”.<sup>70</sup> Para Tertuliano, a mulher era motivo de perdição para o homem, ela que levava a culpa de tudo. Ele ainda afirma: “A mulher é a porta do diabo, porque tocou a árvore de Satã e violou a lei divina”.<sup>71</sup>

Pode-se perceber que a austeridade e agressividade excessiva de Tertuliano camuflavam de certa forma a verdadeira aversão que ele tinha pelos mistérios da natureza e da maternidade.

Já segundo São Tomás de Aquino, a mulher foi criada mais imperfeita e por isso deve obediência ao homem, pois nele é abundante o discernimento e a razão. Tomás de Aquino considera que o homem desenvolve um papel positivo na geração e que a mulher é apenas um receptáculo. A mulher por ser considerada um macho deficiente, um ser débil e por ter cedido às seduções do tentador tem necessidade do macho para gerar e para governar-se, pois não possui a capacidade de se governar e por isso permanece sob tutela.

Conforme os eclesiásticos e os canonistas na Idade Média, o sangue menstrual da mulher tinha um caráter impuro e era carregado de malefícios que impedia, segundo eles, a germinação das plantas, fazia morrer a vegetação, corroía o ferro e chegava ao ponto de ser considerado como aquele que provocava a raiva nos cães. Nesta época, a mulher menstruada era proibida de comungar e até de entrar na Igreja. Por esse motivo as mulheres não podiam servir a missa, tocar os vasos sagrados ou terem acesso às funções rituais.

Considerava-se nesta época que o afastamento da mulher trazia tranqüilidade para o homem, pois ela era considerada um ser predestinado ao mal e para qual, se deviam tomar precauções. A mulher deveria estar ocupada todo o tempo com suas tarefas para que não pensasse ou não agisse mal. Além disso, ela devia ser castigada, pois era vista como aquela que atraía o homem ao inferno.

---

<sup>70</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989. p. 316.

<sup>71</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989. p. 316

A mulher era tão desprezível a ponto que Glapion, confessor de Carlos V, recusar-se em considerar o testemunho de Maria Madalena sobre a ressurreição de Jesus,<sup>72</sup> segundo Delumeau. Grignon de Montfort citado por Delumeau, no início do século XVIII, declara guerra a todas as mulheres coquetos e vaidosas, segundo ele provedoras do inferno:

Mulheres belas, rostos formosos,  
 Como vossos encantos são cruéis!  
 Como vossas belezas infieis  
 Fazem perecer criminoso!  
 Pagareis por essas almas  
 Que fizestes pecar  
 Que vossas práticas infames  
 Fizeram afinal cambalear.  
 Enquanto estiver na terra,  
 Ídolos de vaidade,  
 Eu vos declaro a guerra,  
 Armado da verdade.<sup>73</sup>

O sermão, dirigido aos fiéis, a partir do século XIII, difundiu o medo da mulher. A preservação da castidade, entre os clérigos ligava-se ao medo da mulher, considerada perigosa e diabólica. O franciscano Álvaro Pelayo escreveu um catálogo dos 102 vícios e ações da mulher na sua obra *De Planctu Ecclesiae* redigida a pedido de João XXII por volta de 1330. Essa obra manifesta de forma contundente a hostilidade clerical contra a mulher.

A mulher era acusada de partilhar todos os vícios do homem, e além disso também tinha os seus próprios vícios. Segundo Delumeau, os argumentos principais contra a mulher, na obra do franciscano, estão agrupados em sete pontos:

1) Eva foi o começo e a mãe do pecado. Ela significa para seus infelizes descendentes “a expulsão do paraíso terrestre”. A mulher é então doravante “a arma do diabo”, “a corrupção de toda a lei”, a “fonte de toda a perdição”.

2) A mulher atrai os homens por meio de chamariz mentiroso a fim de arrastá-los para o abismo da sensualidade. Objetivando esse engano, ela se maquia e gosta da dança para acender o desejo sexual. Transforma o bem em mal, especialmente no seu domínio sexual. Ela se acasala com os animais, aceita unir-se a seu marido a maneira dos animais. Desposa parentes próximos ou seu padrinho e outras ainda são concubinas de padres ou de leigos.

<sup>72</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 321.

<sup>73</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 321.

3) Mulheres são adivinhas ímpias e lançam mau-olhado. Algumas impedem a procriação, provocando a esterilidade com ervas e composições mágicas. A falta de precaução das mulheres leva a sufocar os filhos pequenos deitados com elas em sua cama. Tornam-se, às vezes, colaboradoras do adultério: entregam virgens à libertinagem ou ajudam no aborto resultado de fornicação.

4) A mulher é ministra da idolatria, pois faz o homem cometer apostasia.

5) Além disso, a mulher é insensata, lamurienta, inconstante, tagarela, ignorante, briguenta, colérica, invejosa e quer tudo ao mesmo tempo. Sua cólera é a mais forte que existe. A sua inveja é citada no Eclesiástico (26) que diz: É mágoa e dor que uma mulher inveja a outra. E tudo isso é flagelo da língua.

6) O marido não deve confiar na sua esposa, pois pode abandoná-lo, traí-lo ou envenenar sua vida com ciúmes. Algumas agem contra a vontade do cônjuge, dão esmolas além do permitido e se vestem de viúvas para não ter relações sexuais com seu marido. A mulher, quando exerce a liberdade, torna-se tirânica, por isso não se pode dar autoridade para ela, porque desprezará seu marido.

7) A mulher perturba a vida da Igreja pelo seu orgulhoso e impureza. Assiste os ofícios divinos conversando e de cabeça descoberta, ela deveria cobrir os cabelos em sinal de submissão e de vergonha por ter introduzido o pecado no mundo.<sup>74</sup>

Segundo Delumeau no século XII, o monge Bernard de Morlas redigiu o poema *De contemptu feminae*. o qual se divide entre o louvor a Maria, o desprezo do mundo e a descrição do Juízo final. Esta obra traz no discurso elementos estereotipados de acusação contra a mulher má, mas que é lançada contra todas as mulheres. Consiste em queixas contra a deslealdade, o astúcia, a violência do outro sexo, contra a luxúria desenfreada da mulher, sua arte de se maquiar e de se pintar, os instintos criminosos que a levam ao aborto provocado e ao infanticídio. É possível perceber diante de tudo isso que a mulher era tudo de negativo, ou seja, ela chegou a ser considerada a filha mais velha do Satã, o abismo de perdição. A mulher é considerada a pior espécie existente na face da terra.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 323.

<sup>75</sup> Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p.325.

A denúncia contra a mulher é dupla: pela sua malícia e pela sua fraqueza. A diabolização da mulher faz acreditar que ela seja a causadora dos males do mundo. Essa visão antifeminista também está presente no discurso eclético no final do século XVI e começo do século XVII.

A mulher nesta época era julgada como aquela que não estava tão bem provida, quanto os homens, de razão nem de prudência e por essa razão se acreditava que ela deixava se decepcionar com tanta facilidade pelo demônio. Por este motivo ela também era vista como o sexo mais suspeito, repleto de paixões vorazes e veementes e que a concupiscência, o luxo e a mesquinhez eram os defeitos mais comuns das mulheres.

Conforme Delumeau na opinião de Rabelais a mulher aparece como aquela que é lasciva, desobediente, indiscreta e curiosa e ele pensa que a mulher não foi criada apenas para a “perpetuação da espécie humana”, mas também para o “social deleite do homem”.<sup>76</sup>

A mulher é ainda vista por Jean Wier como aquela de temperamento melancólico, débil, frágil e mole e que sua natureza é imbecil e enferma. Neste sentido, Platão já havia se questionado se a mulher deveria ser colocada entre o número dos humanos ou dos animais. A desvalorização da mulher chegou a tal ponto que foi cogitado até de ela ser contada ou considerada a nível dos animais. Mas, por mais que achavam que o homem era o que tinha todos os privilégios naturais, ele não era capaz de decidir o sexo da criança e sim era Deus que o fazia. Neste sentido os homens não deveriam se encolerizar contra as mulheres e companheiras por terem nascido meninas.

Em muitos momentos, ou seja, sempre era afirmado que o homem, macho era mais digno, excelente e perfeito que a mulher fêmea a qual é imperfeita. Pois a mulher era na Renascença considerada um “macho mutilado e imperfeito”, “uma imperfeição, quando não era possível fazê-la melhor”<sup>77</sup>, segundo Delumeau Se pensava nesta época que em relação a mulher a natureza estabeleceu um estatuto de inferioridade física e moral. A ciência médica dessa época repete exatamente aquilo que Aristóteles já havia dito e Santo Tomaz de Aquino corrigido.

---

<sup>76</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 331.

<sup>77</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 333.

Naquela época, médicos e teólogos se apoiavam para desvalorizar a mulher juntamente com os juristas. Eles “afirmavam a categórica e estrutural inferioridade das mulheres”,<sup>78</sup> diz Delumeau. Pelo fato das mulheres serem menos providas de razão que os homens, não era *possível* confiar nelas. Elas eram rotuladas de faladoras, principalmente as prostitutas e as mais velhas e que não se podia contar nenhum segredo a elas porque elas os contavam aos outros e, além disso, se dizia ainda que isso era mais forte do que elas. Acreditava-se que por serem ciumentas eram capazes dos piores delitos a ponto de matar o marido e os filhos. Também eram consideradas mais frágeis que os homens diante das tentações. A mulher era tida como animal mutável, variável, inconstante, leviana, etc., por isso a sucessão ao trono da França, por exemplo, ficava só com os homens, ou seja, as mulheres não podiam assumir nenhum cargo político.

Pierre de Lancre também não se surpreende com o fato de que as mulheres feiticeiras são em maior número do que os homens. Lancre considera que a mulher é um sexo frágil por mais fácil aceitar as sugestões demoníacas por divinas e que abundam em paixões vorazes e veementes. O juízo mais pessimista sobre a mulher está entre os demonólogos leigos. No tribunal, a proporção de feiticeiras é de dez mulheres para um homem.

Ainda segundo Jean Bodin, os sete defeitos essenciais que levam a mulher a feitiçaria consistem: na sua credulidade e curiosidade, em ser mais impressionável do que o homem, na sua maldade, na sua presteza em vingar-se, na facilidade com que se desespera e na sua tagarelice.

No começo da Idade Média a natureza da mulher sendo, mais má ou mais leviana que a do homem, coloca juridicamente, mais uma vez, o “segundo sexo” em uma condição inferior,<sup>79</sup> conforme Delumeau. No século XIV, na França, se fixou a lei que pretendia que a coroa não se transmitisse nem às mulheres, nem pelas mulheres. Na Europa lhe era proibido o acesso da mulher às funções públicas.

Nessa época a mulher não pode ser juiz, pois a mulher por sua natureza não é provida de constância e descrição. Essa discriminação da mulher chegou ao ponto de até proibir a professora primária de ensinar os meninos, pois era indecente mulher ensinar meninos. Alguns tribunais admitiam que o testemunho de um homem

---

<sup>78</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 334.

<sup>79</sup> Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 336.



valia pelo de duas mulheres, tamanha era a discriminação e desvalorização da mulher. Bodin assegura que, como testemunhas, as mulheres são “sempre menos confiáveis que os homens”<sup>80</sup> A mulher casada estava em poder do marido e lhe devia respeito e obediência. A mulher devia respeito e obediência ao marido, porém isso, não era recíproco.

Já no começo do século XVII Farinacci aconselha que sejam apreciados com maior benignidade a responsabilidade ou culpa das mulheres, principalmente, no que dizia respeito a uma infração contrária ao direito positivo. Mas esse mesmo conselho não valia para o direito divino ou humano ou ao das pessoas.

Entretanto, assim na sociedade da Renascença não havia apenas indicações negativas a respeito da mulher, mas existiam duas linhas de evolução que se cruzavam, das quais uma era favorável e outra desfavorável ao ‘segundo sexo’, segundo Delumeau.<sup>81</sup> Na França, as mulheres não podiam reinar sozinhas, mas exerciam um verdadeiro poder. As esposas de negociantes tinham participação ativa nos negócios. As leis que favoreciam aos homens também começaram a favorecer a mulher, como: punição material desapareceu, a separação de corpos se estendeu também para a mulher, melhorou a proteção dos interesses financeiros da mulher casada, foi criada a hipoteca legal onerando os imóveis do marido e os bens adquiridos, com o falecimento do marido, a esposa torna-se a guardiã ou tutora dos filhos, entre outros.<sup>82</sup> Já a partir da Renascença, observa-se a determinação do estatuto jurídico da mulher casada.

Na Idade Moderna, o renascimento do direito humano e a afirmação do absolutismo agravaram a incapacidade jurídica da mulher casada. O controle do marido sobre os atos jurídicos da sua esposa tornou-se maior e por isso a mulher casada não pode mais substituir o marido ausente ou incapaz. A mulher é considerada como incapaz em si e identificada com um menor. Por ser vista como incapaz de governar a casa e as coisas do marido ela precisa da ajuda do poder público para reforçar sua capacidade quando seu marido não o pode ou na ausência dele. Na Idade Média a última palavra sempre era a do marido, isso para assegurar a disciplina do casal, porque a autoridade do homem estava ligada ao regime de

---

<sup>80</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 336.

<sup>81</sup> Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 337.

<sup>82</sup> Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 338.

comunhão de bens. No final do Antigo Regime, a mulher se tornou uma instituição de ordem pública. O marido era antigamente “mestre e senhor da comunhão” e na era clássica tornou-se “mestre e senhor de sua mulher”,<sup>83</sup> conforme Delumeau.

Na mesma linha ia a educação de uma menina, pois, nesta época era muito cruel, ela era espancada, maltratada de todas as formas.

Adam Schubert no livro “Diabo Doméstico” (1565),<sup>84</sup> encoraja os maridos a usarem o bastão contra a esposa, principalmente se ela for um verdadeiro demônio. Segundo Schubert este livro foi escrito tendo como objetivo inclinar todas as mulheres a obediência.

Na França, já a partir do século XVI, é apresentada da mulher uma imagem alternadamente favorável e desfavorável de modo que uma desmente a outra. A dona-de-casa é valorizada ao mesmo tempo como companheira afetuosa do marido e como mãe dos herdeiros deste. Aqui a maternidade é proposta como uma espécie de equivalente feminino do trabalho masculino.

A mulher é aquela que fia e que tece, aquela que tira água da fonte; aquela que cozinha; aquela que cuida dos doentes e dá aos mortos os últimos cuidados corporais. Mas todas essas ocupações situam-se em um papel menor e na sombra do homem.

Numa época em que se descobria e valorizava a beleza do jovem corpo feminino, o fato de ter havido a repulsa pelo espetáculo da decrepitude não tem nada de surpreendente. Mas, o que merece mais atenção é o que se escondia por traz do medo da mulher velha e feia. Numa época em que era ensinado que a beleza é igual a bondade, acreditou-se que decadência física significava malignidade.

Strey e Grossi dizem que se percorrermos a história universal veremos que existem várias formas de ocultar a produção social, política e artística da mulher. Segundo elas, “a revisão desse longo processo de ocultação teve início na virada do século XIX com as manifestações feministas que foram se constituindo como movimentos sociais fundamentais”.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 338.

<sup>84</sup> Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Schwarcz, 1989, p. 342.

<sup>85</sup> GROSSI, Patrícia K; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 74.

### 1.3 DADOS ESTATÍSTICOS DE VIOLÊNCIA QUE AFETAM O BRASIL E O MUNDO

Desde a Colonização do Brasil existe a violência. Parece que ele já veio junto de Portugal. Conforme Telia Negrão “o Brasil estava ainda repartido em Capitânicas Hereditárias. Era pouco mais do ano de 1500”<sup>86</sup>, veio de Portugal Ana Pimentel, mulher de Martin Afonso de Souza para assumir os negócios da Vila de São Vicente. Durante dez anos Ana dirigiu a principal e mais próspera Capitania do Brasil. Ela foi a primeira mulher a exercer o poder nesta terra, mas isto só foi revelado quando o Brasil estava completando 500 anos, ou seja, durante todo este tempo reinou a invisibilidade em relação as mulheres no mundo público e igualmente no mundo privado.

Porém toda esta história e “as denúncias do inconformismo quanto a sua condição, a visibilidade social da violência só foi admitida e tratada como uma questão de Estado quando faltavam cinco anos para o fim do milênio”<sup>87</sup>, ou seja, somente na Conferencia das Nações Unidas para a Mulher que se realizou em Beijing, na China, em 1995 é que foi afirmado o conceito de que “a violência contra a mulher viola os direitos humanos”.<sup>88</sup>

Este enunciado é uma consequência da luta e da resistência política dos movimentos feministas que inseriram na Conferencia de Direitos Humanos de Viena que ocorreu em 1993, a declaração de que “os direitos das mulheres são direitos humanos”.<sup>89</sup>

A partir disso, na ONU (1995), surgiu o seguinte conceito de violação dos direitos humanos:

É violação dos direitos humanos todo e qualquer ato baseado no gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, psicológico ou em sofrimento para a mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou

---

<sup>86</sup> Cf. GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.). *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 09.

<sup>87</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 10.

<sup>88</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 10.

<sup>89</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 10.

privação arbitrária da liberdade, podendo ocorrer em público ou na vida privada.<sup>90</sup>

Estatísticas mostram números alarmantes de casos de violência em todo mundo. Nas pesquisas norte-americanas, por exemplo, 95% das vítimas de violência sexual são mulheres. Destas 75% com idade menor de 30 anos e as que conhecem seu agressor fica entre 65 a 80%. A maioria dos casos, ou seja, dois terços dessas agressões ocorrem nas próprias casas das vítimas, isto é, nos lugares considerados seguros pelas vítimas. Em 60% os violadores são homens com vida sexual normal.

Nos Estados Unidos, diz Zuwick o índice oficial é de 34,4 estupros por 100 mil habitantes e os casos são mais numerosos entre os negros e os pobres, chega a ser até sete vezes mais numeroso.<sup>91</sup> Calcula-se que uma em cada quatro mulheres sofrerá violência sexual durante a sua vida. Este número dobra se forem considerados os ataques praticados pelos próprios maridos, companheiros.

Ainda nos Estados Unidos, em 1985, pesquisas mostram que de 10-14% dos casamentos apresentaram episódios de violência causados pelo próprio marido e neste caso não foram levados em conta a grande maioria das mulheres que nem chegam a denunciar a violência sofrida e outras nem a detectam como tal pelo direito conjugal que é algo socialmente assumido pelos homens.

Já no Canadá, a cada 6 minutos uma mulher é abusada sexualmente e desses apenas um é denunciado. Na África do Sul em média 50 mil violações por ano. Este é o local onde acontecem mais casos de violência no mundo. Sendo assim os índices ficam em 104,1 estupros por cada 100 mil habitantes.

“O crime de estupro fez 15.106 casos em 1999”, segundo o Ministério da Justiça, diz Zuwick, o que significa que apenas um caso e meio foi denunciado como sendo uma violência.<sup>92</sup>

A mulheres sempre tiveram que suportar o peso de sua natureza de ser mulher. Como observamos, o Brasil Colonial não foge a essa regra comum a todos

---

<sup>90</sup> GROSSI, Patricia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 10.

<sup>91</sup> cf. GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 85.

<sup>92</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 85.

os países, onde a mulher é considerada “objeto de cobiça”<sup>93</sup> dos desejos sem freios de seu marido/companheiro.

No Brasil, a cada quatro minutos uma mulher é agredida. Nos casos da violência denunciada o agressor é o próprio marido/companheiro. E a vítima é agredida dentro de casa. Das mulheres brasileiras, 23% estão sujeitas a violência doméstica segundo a Sociedade Mundial de Vítimas, e 41% dos homens que agredem suas esposas ou companheiras também são agressivos com os filhos. E neste caso, pelo menos um terço dessas crianças mais tarde vão reproduzir essa violência tornando-se um círculo vicioso.

Ribeiro diz que “o Brasil se mantém no triste recorde de violência, assumindo o primeiro lugar, com 300 queixas diárias, nas delegacias de polícia, de violência contra as mulheres”.<sup>94</sup> O autor está preocupado com uma realidade que é muito grave. Se todos os dias há um número tão grande de registro, podemos imaginar que este número de violências é muito maior ainda. Num outro momento o mesmo autor comenta dizendo que existe um outro triste recorde no Brasil: “o Brasil ocupa o primeiro lugar em prostituição infantil na América Latina. E o segundo lugar em todo o mundo com 500.000, de acordo com os dados do Ministério do Bem-Estar Social”<sup>95</sup>. É uma vergonha, mas o Brasil só perde para a Tailândia na questão da prostituição infantil.

O Rio Grande do Sul ocupava em 1998, a vice-liderança de casos registrados. Registrou-se 1197 casos só em 1999 nos primeiros seis meses. Só nos primeiros cinco meses de 2000 foram registrados 315 casos. Estes índices que são altos mostram que ou a sociedade é propensa ao delito da violência sexual ou as mulheres gaúchas estão conscientes da necessidade e legitimidade do registro de ocorrências deste tipo<sup>96</sup> nos mostra Zuwick.

Diante de todos esses fatos o silêncio e a busca do esquecimento tem sido a reação mais freqüente em relação à violência sofrida.

Ao concluir este capítulo não poderíamos deixar de mencionar uma lei que é fundamental para as mulheres. Esta lei vem como uma proposta de enfrentamento

---

<sup>93</sup> RIBEIRO, Zilda F. Prostituição e estupro no período colonial. In *Conciliium* nº 252 1994/2, p. 194.

<sup>94</sup> RIBEIRO, Zilda F. Prostituição e estupro no período colonial. In *Conciliium* nº 252 1994/2, p. 194.

<sup>95</sup> RIBEIRO, Zilda F. Prostituição e estupro no período colonial. In *Conciliium* nº 252 1994/2, p. 194.

<sup>96</sup> cf. GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org.) *Violência e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 85

da violência contra a mulher e com o objetivo de garantia dos direitos dessa mulher. Portanto, para as mulheres no aspecto legal, uma grande conquista atual é a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Essa lei foi batizada como Lei Maria da Penha em homenagem a uma mulher que muito sofreu a violência e que não se acomodou diante do sofrimento, mas lutou e venceu apesar das graves seqüelas deixadas no corpo e na alma dessa mulher em consequência das agressões sofridas por parte de seu marido. Neste sentido, Fabrício da Mota Alves, advogado em Direito Tributário e Assessor do Senado, diz que:

A recém-batizada Lei Maria da Penha selou o destino de milhões de mulheres vítimas de violência doméstica e familiar do Brasil. A partir da tragédia pessoal de uma cidadã brasileira, vítima de agressões que deixaram marcas permanentes na alma e no corpo.<sup>97</sup>

A Lei Maria da Penha é um estatuto de combate à violência doméstica e familiar que é o tipo de violência mais grave que ocorre contra as mulheres no Brasil e no mundo. Esta lei modifica hoje as relações entre mulheres vítimas de violência doméstica e seus agressores. A agressão hoje é crime e os agressores são processados e punidos por seus crimes. Ainda segundo ALVES, essa

lei é fruto de vários anos de discussão entre Governo brasileiro e a sociedade internacional e também de um apelo de milhões de mulheres brasileiras vítimas de discriminação por gênero, de agressões físicas e psicológicas e de violência sexual, tanto dentro como fora do seio familiar.<sup>98</sup>

A Lei Maria da Penha em seu artigo 2º diz que:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.<sup>99</sup>

Através desta lei se criou mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

---

<sup>97</sup> [www.jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8764](http://www.jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8764) Acesso em 10/06/09.

<sup>98</sup> [www.jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8764](http://www.jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8764) Acesso em 10/06/09.

<sup>99</sup> Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Artigo 2º, Título I, Disposições preliminares.

## 2 A PROPOSTA CRISTÃ: DE VÍTIMA A DISCÍPULA E MISSIONÁRIA

Neste capítulo apresentaremos a proposta cristã que oferece algumas possíveis alternativas para resolver a problemática da questão da violência contra a mulher apresentada no primeiro capítulo. Essa proposta inicia situando a mulher em Israel, depois trata das mulheres que seguiram Jesus e por fim fala das mulheres líderes de comunidades cristãs.

### 2.1 MULHERES NA HISTORIA DE ISRAEL

Falar das mulheres na história de Israel não é um assunto tão fácil, mas se olharmos a partir do Antigo Testamento percebemos que no Oriente predominava uma mentalidade muito preconceituosa contra a mulher. Na verdade, podemos observar que em Israel esta concepção se reflete em várias ocasiões ou maneiras tais como: através da tradição oral, dos livros sagrados e dos comentários dos rabinos.

E Tepedino ao falar da discriminação da mulher no judaísmo diz que: “a discriminação sexual existente no povo judeu aparece sob todas as formas imagináveis: literárias, históricas, simbólicas, religiosas e políticas”<sup>100</sup>. Além disso, ela lembra que “as raízes desta discriminação são múltiplas, porém, as mais originais são de índole sexual andromórfica”.<sup>101</sup>

Existem várias discriminações contra a mulher, mas na classificação de Tepedino as mais relevantes são: a projeção do gênero masculino em Deus, a deficitária biologia e fisiologia da mulher, a circuncisão limitada ao sexo masculino, uma leitura parcial do livro do Gênesis, o aspecto legal e as prescrições em relação à natureza da mulher. Na seqüência serão apresentadas estas seis discriminações contra a mulher:<sup>102</sup>

a) A projeção do gênero masculino em Deus: os atributos a Deus são sempre todos masculinos, como poder, glória, etc. Também podemos observar que em toda

---

<sup>100</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 67.

<sup>101</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 67.

<sup>102</sup> Cf. TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 67.

história bíblica os personagens são sempre homens: reis, profetas, sacerdotes, juízes e sábios. Jesus, o filho de Deus se encarna num homem e trata Deus como Pai. Neste sentido a autora, citada anteriormente, se pergunta: diante desta dominação simbólica como pode a mulher querer ter um lugar?

b) Uma deficitária biologia e fisiologia: parece ter sido produzida na época em que a participação da mulher no ato gerador era considerada secundária e acidental. Por mais que a união de ambos os sexos fosse imprescindível para a origem da vida, na verdade acreditava-se que só o homem tinha potencial sexual e poder criador e que por isso só ele gerava a vida. A mulher, na época era relacionada com a fertilidade, porém não de forma ativa e sim passiva. O valor e a única dignidade da mulher estão fundamentados na função maternal (cf. Dt 25,5; Gn 24,60; Lv. 19,31; 1Sm 1,6; Sl 113,9) e a esterilidade é uma maldição (cf. Gn 29,21-30,24);

c) A circuncisão limitada só ao sexo masculino entre os judeus, exerceu um papel fundamental, pois era interpretada como sinal de justiça da fé mosaica;

d) A leitura parcial do livro do Gênesis leva a discriminação. Por mais que alguns autores, atualmente, ainda falem “que os relatos da criação colocam as mulheres numa situação subordinada, a maioria dos exegetas, (...), provam que a intenção dos autores sagrados tanto o sacerdotal (P) como o javista (J) era no sentido de mostrar a igualdade dos sexos”.<sup>103</sup> Mas por outro lado sabemos que durante séculos a mulher foi considerada ontologicamente inferior ao homem, porque foi criada depois que o homem. Neste sentido, Gn 3 foi interpretado como sendo o relato que coloca a mulher como a pecadora que levou o homem a pecar. Assim, o pecado do mundo foi posto nos ombros da mulher e por ela ser culpada do pecado é que foi considerada eticamente inferior ao homem;

e) No aspecto legal, a discriminação ocorre em função deste aspecto, porque a mulher é considerada uma pessoa sem direitos legais. Isto pode observar-se no retrato que as leis do Antigo Testamento fazem da mulher. Nestas leis a mulher é considerada em tudo inferior ao homem, como objeto (cf. Ex 20,17), e por isso deve estar sob o domínio dele: do pai, dos irmãos ou do marido. Com isso a mulher era vista como a dependente numa sociedade toda centrada e dominada pelos homens. A mulher, nesta época, era afetada pelas proibições da lei e submetida a todas as

---

<sup>103</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 67.



determinações de natureza civil ou criminal. Era excluída de todos os ministérios cultuais (cf. 1Sm 1,3-5; Ex 23,17) pois era considerada como aquela que com facilidade se inclina a idolatria. Por esse motivo ela não era obrigada a rezar três vezes por dia como os homens, também não precisava morar em cabanas na festa das Tendias, e não tinha a obrigação de peregrinar a Jerusalém nas festas da Páscoa e da colheita (cf. Ex 34, 23), não tinha necessidade de participar da festa do Purim (cf. 2Mc 15,35) nem do dia da Reconciliação. A mulher não podia estudar a Torah por ser analfabeta, e esta é uma conseqüência desta legislação discriminatória;

f) Prescrições com relação a natureza da mulher: esta discriminação se dava em função das prescrições com relação a natureza da mulher, ou seja, a sua menstruação a deixava impura por sete dias. A mulher menstruada afetava a vida dela e a da casa, tanto os objetos como as pessoas por ela tocadas tornavam-se impuras (cf. Lv 15,19-24). Também não é diferente com eventual hemorragia (cf. Lv 15,25-30). Em relação ao parto a situação era ainda pior porque a mulher ficava impura durante 40 dias se o filho fosse menino e 80 dias, ou seja, o dobro se fosse menina (cf. Lv 12,2-8). Portanto, “só o nascimento de um menino trazia alegria ao lar, pois, o nascimento de uma menina era causa de tristeza e preocupação” (cf. Eclo 42,9-10).<sup>104</sup> Aqui até poderia ser visto como uma forma de garantir o descanso pós-parto, mas o fato da mulher ficar impura o dobro quando nascia uma menina mostra discriminação.

Tepedino fala da legislação do matrimônio vigente nesta época que é um aspecto importante que discrimina a mulher e diz que:

A legislação matrimonial também é um importante elemento discriminador: a menina é considerada menor até os 12 anos, mas aos 12 ½ já é maior. Como é inconcebível uma mulher não casar, ao entrar na puberdade, o pai logo lhe arranja um marido (que ela não pode recusar mesmo que o escolhido tenha um defeito físico). Fazem um contrato pelo qual o noivo paga ao pai da moça uma quantia e começa então o período de noivado que dura um ano, quando ela então irá morar com a família do noivo e se consuma o casamento. Passa a ser posse do marido a quem trata de senhor (Ba'al). Suas obrigações são as tarefas domésticas. No sábado todos devem descansar exceto as mulheres (cf. Ex 20,8s; Dt 5,12s).<sup>105</sup>

<sup>104</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 69.

<sup>105</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 69.

A discriminação contra a mulher era tamanha que ela não podia ser identificada por ninguém e para isso ela só podia sair de casa em casos de extrema necessidade e assim mesmo ela devia sair com véu na cabeça e no rosto. Além disso, não podia falar com nenhum homem e caso falasse era acusada de adultério. Era obrigatório só para a mulher a observação da fidelidade conjugal. O homem só não podia cometer adultério com mulher casada, mas em as demais mulheres não existia nenhuma lei que o proibisse. O homem poderia pedir divórcio pelos motivos mais fúteis, desde não gostar da comida até encontrar uma mulher mais jovem que lhe interesse, diz Tepedino. A poligamia era permitida ao homem. Porém, à mulher cabia apenas suportar essa situação.

A “lei do levirato”<sup>106</sup> (cf. Dt 25,5-10) é outra forma de discriminação da mulher, pois, esta obrigava a cunhada solteira casar-se com o cunhado viúvo, mesmo que essa não quisesse, para que não se extinguisse o nome da família em Israel. Também a cunhada viúva tinha que se casar com o cunhado exceto se ele não quisesse (cf. Dt 25,5s).

Em questão de herança, as mulheres só podiam herdar se casassem com alguém do mesmo clã. Em caso de morte do marido quem assumia a tutela era o filho mais velho.

Na tradição deduziu-se que a mulher, retirada do lado do homem, tenha uma realidade de inferioridade e de subordinação, embora também feita à imagem de Deus.

Mesmo que sempre houvesse uma prática de subordinação, houve uma igualdade entre homem e mulher em documentos. Podemos citar, como exemplo, o mandamento de honrar pai e mãe (cf. Ex 20,12; Dt 5,16) que reconhece a mulher como igual ao homem no seu papel de mãe, o qual tem a máxima importância porque sua função essencial está representada pela função procriativa na sociedade desta época.

Sabemos que no Antigo Testamento houve mulheres que desafiaram o *status* subordinado destinado a elas na cultura hebraica e como exemplo temos as quatro chamadas profetizas: Miriam(cf. Ex 15,20-21), Débora (cf. Jz 4,4-6), Hulda (cf. 2Rs 22,14-20) (século VII aC) todas consideradas canais autorizados da verdade divina e

---

<sup>106</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 70.

Noadiah (cf. Ne 6,14) (século V aC) que é mencionada como a falsa profetisa. Porém, em nenhum momento lhes é dada alguma especial atenção pelo fato delas serem mulheres.

Na história de Israel a única profissão religiosa aberta às mulheres era a profecia. No entanto, as mulheres exerceram função no culto no período primitivo, conforme o relato de Miriam ao lado de Aarão que era sacerdote (cf. Nm 12,1-2) e a referência ao serviço das mulheres na festa das Tendões (cf. Ex 28,8; 1Sm 2,22). Mas esta abertura para as mulheres no culto, segundo Tepedino, “foi fechada por uma forte reação durante o período da monarquia por causa das práticas religiosas dos canaanitas, especialmente os ritos de fertilidade que envolviam pessoas femininas no culto”.<sup>107</sup>

No Antigo Testamento encontramos freqüentes e variadas citações referentes a prostituição sem nenhuma avaliação moral explícita e isto nos leva a pensar que o comércio da prostituição não era considerado denegridor em Israel (cf. Js 2,1; Jz 16,1; 1Rs 3,16), mas na verdade a prostituição sagrada e a magia eram dois pesadelos na vida de Israel. Levítico 19,29 proíbe a prostituição e pede que não seja profanada a própria filha prostituindo-a. Isto sugere certa generalização de um costume indigno. Nesta época, somente os sacerdotes eram proibidos de casar com tais mulheres, isto é, com prostitutas (cf. Gn 34,31) bem como com as violadas e repudiadas (cf. Lv 21,7).

Tanto na antiguidade como hoje em dia, a maioria das prostitutas eram ou são mulheres empobrecidas não especializadas. Essas mulheres prostitutas eram encontradas na maioria das cidades, viviam com geralmente em bordéis e casas ligadas a templos. Elas eram escravas, filhas que foram vendidas ou arrendadas por seus pais, esposas que eram arrendadas por seus maridos, mulheres pobres, meninas expostas, as divorciadas ou viúvas, mães solteiras. Portanto, eram todas mulheres que não tinham e não podiam ter meios de sustento em sua posição na família patriarcal ou então as que tinham de trabalhar para viver, mas não podiam entrar em outras profissões.

Por outro lado, os profetas utilizam com freqüência a imagem da prostituição para expressar a infidelidade e o pecado do povo em relação à Javé (cf. Jr 3,3; Os

---

<sup>107</sup> Cf. TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 73.

1,2). Assim, o povo de Israel é considerado a esposa amada por Deus que, mesmo infiel, o Senhor não abandona.

Algumas mulheres foram banidas de Israel com seus companheiros porque eram acusadas de praticantes das artes ocultas como exercendo a função de médiuns e feiticeiras (cf. 1Sm 28,7; Ex 22,18; Dt 18,10; 2Cr 33,6).

Tepedino diz que “o preconceito contra a mulher era tanto, que foi codificado no século II pelo Rabi Simeon Bem Jochai, neste refrão: ‘a mais virtuosa das mulheres é uma bruxa’”.<sup>108</sup>

Portanto, faz-se necessário buscar uma visão mais positiva da mulher no Antigo Testamento, ou seja, fazer um exame cuidadoso com o objetivo de descobrir mulheres que mostram que tem capacidade e juízo independente e exerçam uma influencia significativa. Para tanto podem ser mencionada Atalia que governou como rainha sobre Judá de 842 a 839 aC. Tanto ela, como Jezabel demonstrou iniciativa, coragem e independência.

Em tempos críticos na história política e militar de Israel as mulheres notadas pela sua sabedoria eram consultadas (cf. 2Sm 14,1-20 e 2Sm 20,14-20). Possível citar neste sentido dois incidentes descritos por Samuel onde as mulheres são consultadas (cf. 2Sm 14,1-20 e 2Sm 20,14-20). Neste contexto a criança Moisés é salva pela cooperação de sua mãe e irmã com as mulheres da casa real do Egito (cf. Ex 2,1-16).

Em Israel muitas mulheres corajosas arriscaram tudo pelas suas convicções, não aceitaram a prostituição, chegando ao ponto de desobedecer seu maridos. Em relação a isso Tepedino nos fala da seguinte forma:

As histórias de Vashti, Ester e Rute receberam uma significativa reinterpretação condicionada pela concepção contemporânea sobre os status da mulher na Igreja e na sociedade. Vashti na tradição judeu-cristã posterior foi louvada pela sua desobediência ao seu marido (cf. Est 1,10-12), assim como demonstra uma notável coragem ao recusar adular diante de um grupo de homens bêbados. Ester, por outro lado, é celebrada por usar sua beleza e comportamento como uma esposa exemplar para salvar o povo judeu. O que somos encorajados a ver nas duas histórias é que as mulheres se arriscaram por suas convicções, umas desobedecendo seus maridos, outras não<sup>109</sup>.

<sup>108</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 74.

<sup>109</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 74.

Seguidamente Rute, assim como Ester, é citada como modelo de papel apropriado para uma mulher. Rute, uma das mulheres corajosas fez escolhas radicais e desafiou os costumes, por isso é importante focalizar mais os meios nos quais ela dá forma ao seu próprio destino do que na sua dependência a Booz. Portanto, Rute, ao escolher ficar com a sogra ela escolheu outra mulher, num mundo onde a vida depende e gira em torno dos homens.

Neste contexto a história de Rute e a de Tamar (cf. Gn 38) nos ajudam a descobrir o papel decisivo e controvertido das mulheres como participantes da aliança.

De modo geral em Israel a mulher era considerada inferior ao homem, tanto legalmente, social e religiosamente não contava como pessoa. Essa mulher só era contada na sua função de mãe e de ajudante do homem. Mas, por mais que o homem se sinta onipotente na vida do dia-a-dia, é possível perceber a presença significativa da mulher na vida do povo. Essa presença é perceptível através de algumas mulheres que exerceram liderança inclusive política em benefício da comunidade e não em benefício de si próprias.

Tepedino ainda lembra que “alguns autores percebem dois filões de tradição na Bíblia, um contra a mulher (que é majoritário) e outro a favor da mulher”<sup>110</sup> que algumas vezes faz surgir uma imagem positiva.

Algumas comunidades começaram a dar às mulheres, mais liberdade na vida social e religiosa, talvez influenciadas pela cultura grega e romana. Assim, algumas mulheres se tornaram líderes nas sinagogas em alguns lugares e, além disso, há indicações de que em algumas ocasiões elas conseguiram o divórcio de seus maridos a pedido delas mesmas.

Os judeus, para manter sua identidade e unidade segregavam mais a mulher, com isso eles mantinham o patriarcalismo, o qual se tornou mais rígido no ensinamento dos rabinos. Por isso a literatura rabínica olha a mulher como social e religiosamente inferior ao homem e muitas vezes até expressa desprezo por ela. “Um rabi do século I aC escreveu: ‘É melhor deixar a Torah queimar do que ser ensinada a uma mulher’”<sup>111</sup>.

---

<sup>110</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 75.

<sup>111</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 76.

O filósofo judeu Filon diz que à mulher cabe ficar em casa e levar vida retirada, pois “os negócios, conselhos, tribunais, procissões, festivais, reuniões sobre a vida pública com suas discussões e assuntos, na paz ou na guerra”<sup>112</sup> são coisas que competem ao homem.

Segundo a interpretação do exegeta e filósofo Filon o homem é a imagem de Deus. Neste caso a mulher deve se submeter ao homem, não para ser humilhada, mas porque foi a ele que Deus deu o poder. Portanto, sua liberdade deve ser limitada e colocada sob a tutela do homem como uma eterna menor de idade. A idéia que se tinha nesta época é que a alma é composta de uma parte masculina que é esperta, profunda, prudente, piedosa, cheia de liberdade e bondade e amante da sabedoria e uma parte feminina que é irracional e disposta às paixões selvagens, medo, prazer e desejo de onde brota uma fraqueza incurável e doenças indescritíveis.

Tepedino diz que “esta explicação ideológica da inferioridade feminina divulgada pelo exegeta e filósofo Filon foi sem dúvida o legado antifeminista mais importante que o judaísmo transmitiu à tradição cristã”<sup>113</sup>.

A situação da mulher foi se tornando cada vez pior na medida em que o povo começou a se acalmar e construir cidades, e como consequência o homem foi assumindo mais e mais instrumentos de poder social e a situação da mulher se torna ainda pior. Esta evolução está vinculada em parte ao desaparecimento de um tipo de civilização agrária na qual a mulher, por causa do trabalho no campo, desfrutava de uma certa liberdade. Na Grécia ocorreu o mesmo, ou seja, a urbanização conduziu aos poucos ao encerramento bastante comum das mulheres no gineceu. Por mais que a mulher, na história de Israel, nunca tenha gozado de uma grande liberdade, mesmo assim, a sua situação era bem mais favorável em épocas mais antigas. E para piorar ainda mais esta situação social era reforçada por motivos religiosos. “A estrutura teocrática do povo judeu investia a segregação da mulher de uma “carga” religiosa muito dura”<sup>114</sup>.

Para os israelitas o culto era algo essencial, porém, as mulheres não tinham o direito nem de penetrar na parte central do templo porque ele estava inteiramente

---

<sup>112</sup> 20 aC – 54 dC

<sup>113</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 76.

<sup>114</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 77.

nas mãos dos homens. Já na própria estrutura do templo de Jerusalém que foi reconstruído por Herodes<sup>115</sup> é possível perceber a evolução antifeminista, pois não havia separação entre homens e mulheres nos templos antigos, e no templo reconstruído e que Jesus conheceu as mulheres eram relegadas ao exterior do átrio dos homens.

No judaísmo da época de Jesus, a condição feminina estava muito desconsiderada, e a mulher nessa época merecia escassa estima e era mantida à margem da vida social e religiosa.

Tepedino diz que “no livro dos Provérbios só a mãe é descrita em termos positivos. Mas aqui o termo mãe não se refere primeiramente à função reprodutiva, mas ao seu papel na alimentação e educação da criança”.<sup>116</sup> Neste sentido, a mulher não é somente o útero que gera, mas é também a fonte da sabedoria essencial à vida.

No livro dos Provérbios a mulher que é vista como uma boa esposa ou uma mulher de qualidade é considerada uma coroa para seu marido (cf. Pr 31,10). Esta mulher, coroa de seu marido, contrasta com a mulher que traz vergonha e degrada a reputação de seu marido (Pr 12,4). Além disso, Provérbios a descreve também como mulher prudente (cf. Pr 19,14) e graciosa (cf. Pr 11,16). Segundo esse livro, obter uma mulher com essas qualidades é um dom de Deus (cf. Pr 18,22; 19,14).

Segundo Tepedino “as mulheres não são simples objetos sexuais no livro de Provérbios; são pessoas com inteligência e vontade que ajudam a construir ou a destruir o homem”.<sup>117</sup> Portanto a mulher é vista como aquela que tem força tanto para ajudar o homem como para destruí-lo, isto é, ela tem inteligência e vontade próprias.

Naquela época, as mulheres eram consideradas como caracteres menores necessários ao enredo que envolve os homens: eram mães, enfermeiras e salvadoras dos homens. Eram consideradas ainda objetos ou recipientes dos milagres realizados por e para os homens. Eram as confessoras do poder da sabedoria e necessárias, mas em geral, a história é raramente sobre elas.

---

<sup>115</sup> Século I aC.

<sup>116</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 71.

<sup>117</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 72.

Se observarmos os livros sapienciais podemos perceber que de modo geral eles mostram esse exarcebado espírito antifeminista. Neste sentido Eclesiástico diz que: “a maior malícia não é nada comparada com a malícia da mulher: oxalá aconteça com ela o mesmo que aos pecadores... vale mais malícia de homem que bondade de mulher” (cf. Eclo 25,17; 42,14).

Nessa época as mulheres continuavam a viver excluídas da vida religiosa que era tão importante para os judeus. Por um lado elas eram obrigadas aos mesmos preceitos, por outro elas eram alinhadas na trilogia: mulheres, escravos, crianças e por isso, dispensadas das maiorias das atividades religiosas.

Neste sentido é compreensível o desprezo com relação às mulheres que vai mais tarde ser codificado pelo rabino bem Jehuda na oração que os israelitas faziam três vezes ao dia a Yahweh: “Louvado sejas por não me ter feito gentio! louvado sejas por não me ter feito mulher! Louvado sejas por não me ter feito ignorante!”<sup>118</sup>.

Os homens tinham que se separar das mulheres para rezar, pois a mulher casada era considerada um obstáculo a oração do marido, por mais que na história de Tobias na noite das bodas ele reze com sua esposa. Realmente as mulheres não contavam para nada nas sinagogas e era permitido só aos homens ler a Lei e os Profetas.

A exclusão da mulher da vida religiosa que definia a vida cotidiana da época se traduzia por inúmeras proibições e incapacidades da vida social. Era, portanto, impensável nesta época que uma mulher falasse na sinagoga e como conseqüência ela não podia atuar como testemunha. A mulher era tão excluída que o rabinismo proibia ao homem de conversar com as mulheres, ou seja, permite apenas conversação, estritamente, necessário com a própria esposa.

A opressão da mulher era tanta que no judaísmo tardio elas eram proibidas até mesmo de servir as comidas às refeições em que participavam convidados, pois, tinham medo que pudessem exercer alguma influencia pelo fato de escutarem conversas enquanto estavam servindo.

A mulher, conforme as regras e os comportamentos em vigor nessa época era considerada uma anomalia e não só anomalia mas uma ameaça a ordem sagrada.

---

<sup>118</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 78.



Elas eram excluídas da ordem sagrada cada vez que não estavam sob controle patriarcal.

No mundo grego e romano a independência e autonomia das mulheres eram definidas mais pelo status social e pertença a uma classe que pelo seu papel sexual.

Em Israel e no tempo de Jesus as mulheres eram excluídas da sociedade e da vida religiosa e hoje em dia não é muito diferente. Vejamos o que nos diz Gebara a este respeito:

Podemos dizer que os homens sentem-se à vontade no cristianismo e que somos nós, as mulheres, que buscamos espaços e significados que satisfaçam nossas perguntas e nossas buscas de sentido. Cada vez mais estamos convencidos da dificuldade de encontrar espaços institucionais religiosos onde uma justiça nas relações entre os corpos femininos e masculinos possa, de fato, existir. Não há, contudo, de se desesperar, há de ser fiel à dignidade que habita em nós<sup>119</sup>.

As mulheres no judaísmo rabínico são classificadas com filhos e escravos para fins religiosos legais, já nas narrativas bíblicas sobre as mulheres elas não eram consideradas como menores e escravas na vida do dia-a-dia. Mulheres bíblicas, como Rute, Ester, Ana ou a mãe dos sete filhos mencionados em 2Mc são caracterizadas com papéis e comportamentos femininos típicos.

A autonomia econômica das mulheres e seus papéis determinam o *status* real sociorreligioso delas. As injunções prescritas para comportamento apropriado “feminino” e submissão crescem na medida em que cresce o real status sociorreligiosos e o poder das mulheres dentro do patriarcado. Neste sentido, a independência e a autonomia das mulheres são geralmente limitadas, não apenas por papéis sexuais, mas também por status social e por pertença de classe. As mulheres judias partilhavam dos privilégios e limitações impostas sobre as mulheres na cultura dominante de seu tempo.

Desenvolveu-se uma compreensão negativa das mulheres, por isso, elas são consideradas ocasião de pecado para anjos e homens. O homem intelectual de classe média era avisado para ser muito cauteloso e desconfiado no trato com as mulheres. Mas a análise feminista mostra que a atitude dos homens de classe média pode encontrar-se em diferentes épocas e em várias sociedades.

---

<sup>119</sup> GEBARA, Ivone. *Corporeidade e Teologia*. SOTER. Paulinas: São Paulo, 2005, p.117.

Judite nos revela algo sobre a situação e o papel das mulheres no momento em que o livro foi escrito e lido. Ela era livre e se recusou a casar-se e por isso podia consagrar sua vida à oração, à ascese e a celebração do Sabbath. Convocava os anciões da cidade e para isso ela tinha autoridade. Ela ia contra os erros dos anciões ao julgar e a maneira de se conduzir diante do inimigo (cf. Jd 8,11). Todos ficavam encantados com sua beleza e isto quer dizer que ela não usava véu para sair de casa (cf. Jd 10,7). Judite usou essa beleza contra seus inimigos e os venceu (cf. Jd 11,21). Diante de tudo isso, Judite é apresentada como tendo uma sabedoria inteligente, uma fidelidade à piedade e um devotamento profundo à causa de seu povo. Ela revela que o Deus conosco é o Deus dos oprimidos e desesperados (Jd 13,11).

Judite é uma mulher que luta com as suas armas, ou seja, com as armas de uma mulher, e não é definida por sua feminilidade, porém ela a usa para os seus próprios fins. Ela não aceita essa determinação de beleza e comportamento femininos, mas a usa contra os inimigos varões que a reduzem a mera beleza feminina. A definição mais correta para Judite e suas qualidades pessoais: sabedoria inteligente, piedade observante, observação astuta e fiel dedicação à libertação de seu povo. Três coisas chamam muita atenção em Judite: suas observações arditas, sua beleza encantadora e seus planos traiçoeiros.

As mulheres no tempo de Judite são vistas pelos inimigos varões como mero acessórios e capital para os homens. Portanto, neste tempo não reconhecem que os seus verdadeiros inimigos não são varões de Israel os quais são caracterizados como fracos e temerosos. A grandeza de Judite e sua capacidade de solicitar a imaginação judaica da época só são percebidas quando é percebida a ironia feminista. Fiorenza continua e diz que “Judite não é nenhuma fraca, sua coragem, sua confiança em Deus e sua sabedoria (...) resgatam o dia para Israel”<sup>120</sup> .

Assim, a vitória dramática de Judite é considerada a vitória de todo o povo. Ela revela o Deus dos oprimidos e desesperados como o “Deus conosco”<sup>121</sup>. Mais uma vez o risco, a coragem e a sabedoria de uma mulher salvaram o povo de Deus. Judite é uma mulher que não se torna uma vítima e não permite que seu povo aceite

---

<sup>120</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 148

<sup>121</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 149

o papel de vítima. Essa mulher Judite em nome de Deus luta com êxito contra o poder político da opressão.

Assim, “o poder da basiléia liberta não apenas os filhos de Israel, mas também a menina que, como mulher e gentia, é duplamente poluída e sujeita à servidão de impureza ritual”,<sup>122</sup> segundo Fiorenza.

## 2.2 MULHERES SEGUIDORAS DE JESUS

Segundo Tepedino, o movimento de Jesus era um movimento de renovação do judaísmo, era carismático e itinerante e nele as mulheres também eram acolhidas. Ainda segundo essa autora, Jesus levou muito a sério as mulheres de seu tempo, fossem elas pecadoras ou não, que a sociedade marginalizava de toda vida social ou religiosa pública. Jesus conhecia muito bem seus sofrimentos e seus afazeres. Sabia falar-lhes e as escutava. Ele ensinava-as e convivia com elas. Dava “resposta à sua profunda expectativa, à sua sede de vida”.<sup>123</sup> Essa maneira de agir, ou seja, sua atitude com relação às mulheres causava espanto e assombro. Ele fala publicamente com as mulheres, inclusive com estrangeiras (cf. Jo 4,27), coisa que não era permitido na sua época, pois, os estrangeiros eram discriminados em Israel. Para a autora Jesus não compartilha do preconceito da sociedade do seu tempo em relação às mulheres, mas as trata com muito respeito e carinho, ou seja, trata-as como filhas queridas do Pai. Jesus vive com as mulheres uma especial aliança e com isso faz emergir o novo através desse seu relacionamento.

Jesus não faz acepção de pessoas em seu relacionamento. Ele acolhe a todos e a todas e se relaciona da mesma forma com todos e todas. Neste sentido podemos dizer que o movimento de Jesus era um movimento carismático itinerante onde homens e mulheres eram admitidos, em igualdade de condições.

Tepedino diz que “é um dado comum aos quatro evangelhos que as mulheres fazem parte da assembléia do Reino convocada por Jesus”,<sup>124</sup> não como componentes acidentais, mas como participantes ativas. Nos relatos podemos

---

<sup>122</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 173

<sup>123</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 82.

<sup>124</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 82.

perceber que elas são as beneficiárias privilegiadas dos milagres de Jesus (cf. Mc 1,29-31; Mc 5,23-34; Mc 7,24-30; Lc 8,2 etc). Jesus cura as mulheres, para que assim, elas possam participar de sua comunidade, como seres humanos inteiros.

Jesus se deixa tocar pela mulher com hemorragia (Ela aproximou-se por detrás, no meio da multidão...) a qual fica curada e ao permitir que ela o tocasse ele quebra o preconceito contra a impureza legal da época (cf. Mc 5,25-34). O mesmo ocorre com a cura da filha de Jairo, Jesus mais uma vez infringe o preceito de pureza legal e toca num cadáver (cf. Mc 5,21-24.36-43). Ainda segundo Tepedino, Jesus também “conversa com uma estrangeira, a siro-fenícia, e deixa-se convencer por ela, afinal cura-lhe o filho” (cf. Mc 7,24-30)<sup>125</sup>.

Jesus levanta todas estas pessoas, levando-as para uma situação de vida porque as doenças tiravam a oportunidade de participação, por exemplo, a mulher encurvada, curada no sábado na sinagoga, assim ela pode louvar e dar graças a Deus de pé. E ainda a chama de Filha de Abraão, confrontando-se a concepção judia (cf. Mt 13,19-27); assim como identifica à mulher o que há de mais elevado: a fé (cf. Mt 15,28; Lc 1,28). Para defender do jeito inconstante como ela era às vezes deixada de lado pelo marido, Jesus explica o texto de Gn. 1,26s e o leva até as últimas conseqüências (cf. Mt 19,1s). Dessa forma as mulheres experienciaram a *dynamis* (força) do Reino que ele vem estabelecer.

Jesus partilha do sofrimento de todos os que sofrem. Sofre com eles, tem compaixão deles e desta forma ele se revela, assim como revela a misericórdia do Deus do Reino, do Deus da Vida que não pode suportar uma situação de “menos vida” para nenhum de seus filhos. Jesus tinha uma especial predileção pelos pobres, entre eles as mulheres que não só sofriam por serem mulheres como também pela situação econômica, de grande pobreza.

Para curar as mulheres e dirigir-lhes sua mensagem Jesus não duvida em desafiar as proibições legais. Ele chega até o ponto de aparecer como imoral ou escandaloso (cf. Mt 11,6-15; Mc 2,15-17; Jo 6,61).

Em contrapartida as mulheres sempre foram corajosas tanto que na época de Jesus desafiavam o respeito humano e as proibições legais para seguir viajando com ele (cf. Mc 15,40-41; Lc 8,1). Diz Fiorenza que nesta época “era inconcebível um rabi

---

<sup>125</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 83.

entrar em casa de mulheres sozinhas como nos relata Lc 10,38-42”.<sup>126</sup> Da mesma forma um rabi não podia ter mulheres que o seguiam, abandonando seus lares para acompanhá-lo na sua missão itinerante como é o caso de Joana, mulher de Cusa (cf. Lc 8,3).

Mas mulheres marginalizadas se descobrem seres humanos a quem Jesus valoriza e lhes restitui seu valor e dignidade de criaturas de Deus, recuperando-as, recriando-as. É com elas que Jesus constitui sua comunidade juntamente com os outros marginalizados como os doentes, pobres, pecadores, publicanos, os desprezados e os inferiorizados. Essa recuperação, essa integridade dessas mulheres e a integração entre elas são sinais do Reino acontecendo.

Essas mulheres marginalizadas por diferentes razões se tornam as seguidoras de Jesus. Elas são apresentadas como verdadeiras discípulas.

No tempo de Jesus as mulheres preenchiavam as características do discipulado e seguiam Jesus, desde a Galiléia até Jerusalém, o serviam, escutavam e viam o que ele dizia e fazia. As mulheres não fugiram quando Jesus foi preso, permanecendo fiéis, elas arriscaram as próprias vidas: foram ao túmulo, o encontraram vazio e porque creram e permaneceram fiéis tornaram-se as primeiras testemunhas da Ressurreição.

### **2.2.1 As mulheres no Evangelho de Marcos**

Essas mulheres seguiram Jesus do princípio ao fim e neste sentido podemos conferir o que diz Marcos: “E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre elas, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, o menor, e de José e Salomé. Elas o seguiam, e o serviam, enquanto esteve na Galiléia. E ainda muitas outras, que, subiram com ele para Jerusalém” (cf. Mc 15,40-41). Este texto de Marcos mostra o discipulado da mulher. Nele as mulheres exemplificam e simbolizam o discipulado, aparecendo como seguidoras de Jesus durante todo o seu ministério, desde a Galiléia até Jerusalém.

---

<sup>126</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 83.

Este texto de Marcos 15,40-41 é fundamental pelo fato de serem nomeadas três mulheres o que revela que elas eram conhecidas e reconhecidas na comunidade como exercendo alguma liderança no movimento cristão da Palestina. Um segundo motivo é a utilização dos termos técnicos que caracterizam o discipulado como “*diakonein* e *akolouthēin*”<sup>127</sup> aplicados a elas que significam serviço e seguimento. Além disso, o texto se refere às mulheres e diz que elas seguiram Jesus desde a Galiléia até Jerusalém, ou seja, até a cruz. Quando as mulheres são apresentadas como fiéis até a cruz, elas são qualificadas como discípulas. Jesus anuncia o itinerário que faz parte da condição do discipulado e diz: “Aquele que quer ser meu discípulo, pegue a sua cruz e siga-me” (cf. Mc 8,34).

No momento da morte de Jesus os discípulos homens fogem todos e as mulheres são as únicas que permanecem fiéis e que acompanham o mestre até o fim de seu caminho na cruz.

Segundo Tepedino, o texto de Marcos nos informa da presença e da forma de atuação das mulheres num momento crucial, depois da morte de Jesus (cf. Mc 15,37), da ruptura do véu do templo (cf. Mc 15,38), da confissão do centurião, que proclama Jesus Filho de Deus (cf. Mc 15,39), no momento em que os Doze o haviam abandonado. As mulheres, permanecendo fiéis não o deixam e se tornam as únicas testemunhas oculares da execução do Mestre. O texto nos mostra a abertura do movimento de Jesus para os grupos excluídos e que agora passam a ser incluídos, que eram os gentios e mulheres.<sup>128</sup>

Até Mc 15,40 a impressão predominante é de um Jesus que andava em missão cercado por um pequeno grupo de homens e com mulheres apenas em alguns encontros particulares. As mulheres até esse momento do Evangelho estavam invisíveis dentro da multidão e que de repente se tornaram visíveis e relevantes no final do evangelho.

Tepedino diz que “considerando-se o relato da Paixão de Marcos é o mais primitivo dos evangelhos, e, neste, o papel das mulheres, é conhecido, estranha-se seu anonimato nos capítulos anteriores”.<sup>129</sup> É mencionado as mulheres, embora elas

---

<sup>127</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 86.

<sup>128</sup> Cf. TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 87

<sup>129</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 87.

estejam anônimas, porém, Jesus se encontrando com elas apenas dentro de casa (Cf. Mc 1,28-31; 5,25-34; 5,21-24.35-43; 7,24-30; 14,3-9).

O fato de Jesus ter mulheres entre seus seguidores causava estranheza porque os rabinos judeus só eram acompanhados por homens. Talvez por este fato Marcos atrasa a referência às mulheres como discípulas até quase o final do evangelho. Marcos com certeza conhecia a presença feminina no ministério de Jesus, mas procura obscurecê-la.

Porém, há autores que discordam de que Marcos tenha obscurecido a presença feminina no ministério de Jesus e alegam que às vezes alguma coisa que acontece antes pode ser contada mais tarde, não com o objetivo de obscurecer mas de clarificar e valorizar. Neste caso de Marcos (cf. Mc 15,40-41) “seria uma seção retrospectiva que completa um elemento que falta anteriormente”.<sup>130</sup> Estes autores argumentam e baseiam-se no fato de que Marcos atrasa também o reconhecimento de Jesus como “Filho de Deus” até o momento em que o verdadeiro sentido da filiação de Jesus possa ser compreendido que é o momento da morte na cruz (cf. Mc 15,37-39). De acordo com este raciocínio, Marcos também atrasa a explícita referência às mulheres como discípulas e seguidoras até aquele momento, quando o verdadeiro sentido do discipulado e do seguimento pode ser compreendido, no momento da morte de Jesus na cruz. Pois, uma das características do discipulado é o itinerário da cruz (cf. Mc 10,42-45).

Em Marcos só as mulheres seguem Jesus do começo ao fim correndo até o risco de serem reconhecidas e vistas como tendo ligação com ele. Corriam o risco de serem também elas condenadas a morte enquanto que os homens no momento de sofrimento desapareceram todos deixando Jesus sozinho. Por este motivo podemos dizer que as mulheres são suas discípulas mais corajosas e até são apresentadas como modelo de discipulado.

Essas mulheres podem ser apresentadas em duas categorias, “as muitas outras que estavam no meio da multidão que acompanhava Jesus na sua jornada para Jerusalém e um grupo menor: Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e José e

---

<sup>130</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 88.

Salomé”<sup>131</sup>. Elas são apresentadas ao grupo: ali estavam algumas mulheres, embora apenas três sejam nomeadas. Entre elas Maria Madalena, Maria e Salomé.

Este pequeno grupo das três mulheres nomeadas corresponde ao círculo menor dos discípulos, que constituía-se por Pedro, Tiago e João. Segundo Tepedino, “o fato de três serem nomeadas confirma que pertencem ao círculo interior e que elas seguiam Jesus habitualmente como é indicado pelo imperfeito *ekolouthoun* e pela frase quando ele estava na Galiléia”.<sup>132</sup> Para Marcos (cf. Mc 15,40-41) tem um significado retroativo, ou seja, não se refere a um seguimento recente onde há a ausência dos homens que haviam fugido. O início deste seguimento é o começo da missão de Jesus e seu local central era a Galiléia. Ainda segundo Marcos isto significa que o grupo interior de mulheres estava com Jesus desde o início de sua missão.

Marcos 15,41 identifica as mulheres com essa missão em seus aspectos próprios, seguimento e serviço e inclui o acesso ao grupo interior de ensinamento ou ao segredo do Reino de Deus (cf. Mc 4,11).

Mesmo que Marcos tenha considerado essas mulheres na cruz como pertencentes ao grupo menor dos discípulos ainda assim elas ficaram virtualmente invisíveis através do evangelho.

Os evangelhos não relatam nenhuma vocação de mulheres e este é um argumento utilizado contra as mulheres. Jesus se relacionava com elas de uma forma que respeitando sua dignidade, tratando-as com equidade fazia com que quisessem segui-lo. Jesus não precisou ordenar às mulheres: “seguem-me”, pois, o seguimento delas é na gratuidade e na gratidão. Percebe-se que a mensagem de Jesus deve ter tido um impacto especial sobre as mulheres de Israel.

Segundo Tepedino “o povo que seguia a Jesus não recebera um convite especial. A maneira de agir dele, sua prática de fazer o bem, seu acolhimento a todos sem preconceito de nenhuma espécie, era um convite mais atraente que qualquer ordem”<sup>133</sup>. Jesus não tinha necessidade de fazer convite às pessoas, elas o seguiam pelo que observavam nele, na sua vida. Jesus cativava as pessoas pela sua maneira de agir e isso fazia com que as pessoas os seguissem.

---

<sup>131</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 88.

<sup>132</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 88.

<sup>133</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 90.



Jesus mostra pelo seu comportamento que considera a todas as pessoas iguais, e não vê dificuldade em ter as mulheres como discípulas e seguidoras suas. Fiorenza diz que as mulheres não eram figuras marginais no movimento cristão, mas exerciam liderança como apóstolos em situação de igualdade com os Doze. Este é o testemunho das escrituras, pois, de acordo com as tradições dos evangelhos, as mulheres foram as primeiras testemunhas apóstolas dos acontecimentos fundamentais da pregação primitiva. Elas seguiram Jesus desde o início, presenciaram seus sofrimentos, como também seu sepultamento e ressurreição.

As mulheres são apresentadas como utilizando o termo *diakonein* que tem vários significados, desde servir a mesa até o serviço à comunidade (1Tm3,10-13).

O serviço aos outros faz parte da essência do discipulado, ou seja, quem quer ser discípulo deve servir.

Porém, conforme Tepedino houve uma interpretação redutora do papel das mulheres que nos é apresentado em Mc 15,40-41, como se as mulheres seguissem Jesus apenas para servi-lo nas tarefas domésticas.<sup>134</sup>

Mas Tepedino ainda relata que “pela primeira vez, as mulheres são apresentadas como um número considerável, não na privacidade da casa, mas numa área pública associada a Jesus e a sua missão”<sup>135</sup>. Este fato contradiz uma interpretação de que as mulheres teriam limitado seu papel somente ao foro doméstico.

O texto de Marcos é extremamente importante para a explicitação do discipulado da mulher. Pois, este as apresenta como seguidoras e servidoras que são termos técnicos para falar do discipulado. “As apresenta também como seguidoras de Jesus desde a Galiléia, portanto desde o início da missão, durante o transcorrer da mesma, acompanhando-o até Jerusalém, até a cruz”<sup>136</sup>. As mulheres não só estiveram perto dele desde o começo como acompanharam seu itinerário de sofrimento. Este é outro argumento para demonstrar o discipulado da mulher. As mulheres são as únicas que não fogem na hora em que os discípulos fogem, elas permanecem fiéis e corajosas e por isso se tornam as testemunhas da tortura e da morte de Jesus.

---

<sup>134</sup> Cf. TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 91.

<sup>135</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 91.

<sup>136</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 93.

Para Tepedino, Marcos nos revela que as mulheres participaram do movimento de Jesus como verdadeiras discípulas e pelo fato de três serem nomeadas demonstra sua liderança, bem como as coloca em paralelo com o círculo menor dos três discípulos mais chegados de Jesus.

Já Fiorenza acha que a compreensão equivocada e errônea do discipulado sofredor converte-se em traição e negação da narrativa da paixão. Na narrativa da paixão: Judas trai Jesus, Pedro o nega, e todos os discípulos homens o abandonaram, fugiram e se esconderam. Enquanto que o grupo dos discípulos homens não seguiram Jesus em sua caminhada para a cruz por medo de arriscarem a vida o grupo das mulheres é o modelo de verdadeiro discipulado porque elas ficam com ele até o fim, o seguem e arriscam suas vidas por Jesus. Por mais que Marcos identifique os doze, o número maior de discípulos é o grupo das mulheres e não dos homens.

Fiorenza fala da linguagem de Marcos e sua forma de inclusão dizendo :

Que a linguagem androcêntrica de Marcos funciona como linguagem inclusiva fica manifesto na informação que ele dá de que as discípulas mulheres seguiram Jesus da Galiléia a Jerusalém, acompanharam-no pelo caminho da cruz e testemunharam sua morte.<sup>137</sup>

Enquanto Tepedino fala que em Marcos são apresentadas três mulheres que foram nomeadas, isto é, as três colocadas em paralelo com círculo menor dos três discípulos, Fiorenza diz que Marcos apresenta quatro mulheres

Da mesma forma que no começo do evangelho, Marcos apresenta quatro discípulos varões líderes que ouvem o chamado de Jesus ao discipulado, assim também no final ele apresenta quatro discípulas mulheres líderes, chamando-as pelos nomes. As quatro mulheres discípulas - Maria Madalena, Maria, irmã ou esposa de Tiago o menor, a mãe de José e Salomé, são preeminentes entre as discípulas mulheres que seguiram Jesus, da mesma forma que Pedro e André, Tiago e João são preeminentes entre os doze. Se bem que os doze tinham abandonado Jesus, tinham-no traído e negado, as discípulas mulheres ao invés, se encontram sob a cruz, arriscando suas vidas e segurança. Que elas tenham bastante consciência do perigo de serem presas e executadas como seguidoras de um rebelde político crucificado pelos romanos indica-se na observação de que as mulheres "estavam olhando de longe"<sup>138</sup>.

<sup>137</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 365

<sup>138</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 365.

Para caracterizar o discipulado das mulheres sob a cruz, Marcos usa três verbos: “Elas o *seguiram* na Galiléia, elas lhe *serviam* e elas *subiram com ele* a Jerusalém”<sup>139</sup> (cf. Mc 15,41). Assim, para Marcos o verbo *akolouthein* caracteriza o chamamento e a decisão para o discipulado (cf. Mc 1,18). E para seguir Jesus é preciso “tomar a cruz” (cf. Mc 8,34 e 10,28), ou seja, aceitar o perigo de ser executado (cf. Mc 8,34). As mulheres deixaram tudo e seguiram Jesus no seu caminho até o fim na cruz, por isso elas são caracterizadas como verdadeiras discípulas de Jesus.

Segundo Marcos o segundo verbo que caracteriza o discipulado das mulheres sob a cruz é o *diakonein*, que significa *diakonia*, ou seja, não se restringe somente ao serviço da mesa. Este verbo frisa que as discípulas mulheres têm praticado a verdadeira liderança exigida dos seguidores de Jesus. *Diakonia* foi todo o ministério de Jesus, que não subordina nem escraviza outros à maneira dos governantes pagãos (cf. Mc 10,42), mas é o servo sofredor que os liberta e os eleva da escravidão. As mulheres são caracterizadas como os discípulos que entenderam e praticaram a verdadeira liderança cristã. Já o verbo *synanabainein* se refere a todas as discípulas mulheres que seguiram Jesus da Galiléia a Jerusalém e não apenas as quatro discípulas mulheres líderes as quais se refere Fiorenza.

Marcos caracteriza as mulheres que seguiram Jesus da Galiléia a Jerusalém como testemunhas apostólicas. Já em Atos quem é apresentado como as principais testemunhas apostólicas são os doze. Marcos menciona as discípulas mulheres depois que Jesus morrer e o acesso ao santuário do templo foi aberto a todos. As mulheres discípulas sob a cruz significam que a comunidade de Marcos, incluindo sua liderança, estava aberta em termos de linhas social, religiosa, sexual e ética.

Fiorenza diz que “é uma mulher que reconhece o messianismo sofredor de Jesus e, em ação profética simbólica, unge Jesus para a sua sepultura, ao passo que alguns dos discípulos a repreendem”<sup>140</sup>. É uma mulher serva que desafia Pedro a agir segundo a sua promessa de não trair Jesus. E quando age com ele dessa forma, ela o desmascara e o expõe como o que é, um traidor. Afinal, são duas mulheres, Maria Madalena e Maria, a mãe de José, que testemunham o lugar onde

<sup>139</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 366.

<sup>140</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 367.

Jesus foi sepultado (cf. Mc 15,47). Além disso, são três mulheres que recebem a notícia de sua ressurreição (cf. Mc 16,1-8). As discípulas mulheres emergem no fim do evangelho de Marcos como exemplos de discipulado sofrido e verdadeira liderança. Podemos perceber que elas são as testemunhas oculares da morte, sepultura e ressurreição de Jesus.

No fim do evangelho, Marcos parece apresentar as discípulas mulheres para mostrar que, como os doze, elas também falharam em testemunhar o verdadeiro discipulado, parece apresentá-las como desobedientes à ordem recebida do anjo. Aqui dá a impressão de que “o evangelho parece ter seu ponto alto com a falha das mulheres de anunciar a boa nova da ressurreição, com sua fuga desobediente e medo silencioso”<sup>141</sup>.

Fiorenza diz que este tipo de leitura do evangelho não é necessária porque ela negligencia o fato de que as mulheres discípulas não fogem do anjo e da notícia da ressurreição. Elas fogem da sepultura que está vazia, enquanto que, os discípulos fugiram à prisão de Jesus. Nesta época de Jesus, encontrar-se no túmulo de uma pessoa executada era arriscar-se a ser identificada como ser seu seguidor, sua seguidora, e provavelmente até ser preso. A afirmação de que as mulheres guardaram silêncio por causa desse medo de serem presas e executadas como Jesus não quer dizer que elas desobedeceram à ordem do anjo. A instrução geral de guardar silêncio refere-se ao público em geral. Da mesma forma, o silêncio das mulheres defronte do público em geral não exclui cumprir a ordem de ir dizer aos seus discípulos e a Pedro, e comunicar a mensagem do Senhor ressuscitado a cerca de sua precedência À Galiléia onde haverão de vê-lo.

As discípulas mulheres apesar do extraordinário medo por suas vidas, ficaram com Jesus em sua paixão, buscaram honra-lo em sua morte, e agora se tornam as proclamadoras de sua ressurreição. As discípulas mulheres preservam a identidade messiânica do Senhor crucificado e ressuscitado, que foi confiada ao círculo. Com elas apesar de seu medo e de sua fuga, a boa notícia da ressurreição foi levada avante. A comunidade nesta época ainda experimenta esse medo de Maria Madalena e das outras mulheres.

---

<sup>141</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 368.

### 2.2.2 As mulheres no Evangelho de Mateus

A novidade de Mateus em relação a presença das mulheres na missão de Jesus pode ser localizada na genealogia inicial do evangelho. Ali, dentro de uma lista patriarcal nos surpreendem três nomes de mulheres, todas elas em situações excepcionais, que dão nova direção a uma genealogia em risco.

### 2.2.3 As mulheres no Evangelho de Lucas

Lucas tem muitas coisas em comum com Marcos. Em Lucas 8,1-3, por exemplo, nota-se que Lucas segue Marcos. Ele também incorpora a idéia de seguimento quando liga as mulheres com os “Doze”, conforme Lc 8,1c.2a. Ao mesmo tempo, comenta Tepedino, “ele parece ter acesso a uma tradição independente que lhe permite nomear Joana e Susana que não são mencionadas em nenhum outro evangelho canônico”<sup>142</sup>. Por isso é possível a ele incluir alguns detalhes pessoais tais como: estas mulheres possuem meios e *status* social e com isso sua presença implica em significação moral assim como uma base material. Aqui Lucas quer nos mostrar que as mulheres de todas as classes aderiram a mensagem de Jesus.

Lucas busca sua compreensão de serviço em At 6,1-6. Aí essa palavra se torna um termo técnico que Lucas utiliza para o ministério da distribuição do alimento.

A presença feminina no movimento de Jesus causava uma estranha impressão e para diminuir o escândalo que isso causava, tentou-se explica-lo e colocar as mulheres no único serviço que de acordo com a tradição era reservado para elas que é o de fazer comida. Jesus tinha um tratamento igualitário para com as mulheres e isto causava um grande mal estar, como nos mostram os evangelhos canônicos (cf. Jo 4,27) e os não canônicos<sup>143</sup>. Como já dissemos anteriormente, na época de Jesus nenhum rabi se deixava acompanhar por mulheres.

O discipulado das mulheres as apresenta como seguidoras e servidoras que são termos técnicos para falar do discipulado. Também as apresenta como

---

<sup>142</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 91.

<sup>143</sup> cf. Ev. De Maria Madalena

seguidoras de Jesus desde a Galiléia à Jerusalém, ou seja, desde o início da missão até a cruz. A este respeito Tepedino diz que:

Portanto não só estiveram perto dele desde o começo como acompanharam seu itinerário de sofrimento, que é outro argumento para demonstrar o discipulado da mulher. E finalmente são as únicas que não fogem na hora em que os discípulos fogem, permanecem fiéis e corajosas tornando-se testemunhas da tortura e da morte do mestre querido<sup>144</sup>.

Depois da prisão de Jesus estas mulheres discípulas não fugiram como fugiram os homens, mas elas foram corajosas e permaneceram em Jerusalém para assistir à execução e ao enterro do mestre.

Portanto, essas mulheres fiéis ao seguimento de Jesus, capazes de o servir, também estão presentes no momento de sua morte e estão lá contemplativas. Elas contemplam aquelas coisas porque é difícil expressar a revelação.

Tepedino ainda diz que “Lucas associa as mulheres a um grupo de ‘amigos’<sup>145</sup>, de conhecidos de Jesus. Desse modo, ele prepara um alargamento da noção do discipulado, fiel ao propósito do seu evangelho”<sup>146</sup>.

Lucas associa as mulheres a um grupo de amigos, de conhecidos de Jesus, ou seja, ele prepara um alargamento da noção do discipulado que é fiel ao propósito do evangelho de Jesus.

#### **2.2.4 As mulheres no Evangelho de João**

No discipulado e na liderança da comunidade joanina fazem parte tanto homens como mulheres. No Quarto Evangelho as mulheres são mencionadas e são consideradas exemplos de discipulado, tanto para as mulheres como para os homens. O evangelista dá a elas lugares acentuados na narrativa. “Ele começa e conclui o mistério público de Jesus com uma narração sobre uma mulher Maria, a mãe de Jesus, e também sobre Maria de Betânia”<sup>147</sup>. Em seu evangelho ele coloca o fariseu Nicodemos ao lado da mulher samaritana e ao lado da confissão cristológica

<sup>144</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 93.

<sup>145</sup> O termo “os amigos” se refere a SI 37,12.

<sup>146</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 94.

<sup>147</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 373.

de Pedro coloca a de Marta. São quatro mulheres e o discípulo amado que estão sob a cruz de Jesus.

Fiorenza diz que “o ministério público de Jesus começa com um milagre num casamento em Caná”<sup>148</sup>. Nesta perspectiva, a narrativa pré-joanina ressalta a influencia de Maria como a mãe de Jesus. Pois sabemos que ela intervém em favor de seus amigos, levando assim Jesus a fazer um milagre.

A discípula mulher Marta representa a fé apostólica plena da comunidade joanina. Enquanto Marta de Betânia é responsável pela primeira articulação de fé cristológica da comunidade, Maria de Betânia articula a reta práxis do discipulado. Marta é caracterizada como uma discípula amada que o mestre chamou especificamente. Ela tinha muitos seguidores entre os judeus que vieram a acreditar em Jesus (cf. Jo 11,45). Ainda em Jo 11,1-54 Maria desempenha papel subordinado ao de Marta, em 12,1-8 ela é, todavia, o centro da ação.

Como já vimos anteriormente, segundo o Quarto Evangelho, mulheres como a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, Maria, a esposa de Cléofas, e Maria Madalena, e um único discípulo varão estavam perto da cruz de Jesus (cf. Jo 19, 25-27). Concluiu-se de que com esta cena seja indicado que a mãe de Jesus tornou-se parte da comunidade joanina depois da morte e ressurreição de Jesus.

#### 2.2.4.1 A mulher Maria Madalena

Maria Madalena, uma das quatro que estavam sob a cruz é a primeira a receber a aparição do Senhor ressuscitado. Portanto, ela não é apenas a primeira a testemunhar o túmulo vazio, mas, também a primeira a anunciá-lo. Na narrativa de João surgem mulheres como discípulos exemplares e testemunhas apostólicas.

A unção dos pés de Jesus por Maria é muito semelhante a dos sinóticos, porém com uma diferença: em João a mulher recebe um nome.

---

<sup>148</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 373.

Segundo o Quarto Evangelho, mulheres como a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, a esposa de Cléofas, e Maria Madalena e mais um discípulo homem estiveram perto da cruz de Jesus (cf. Jo 19,25-27).

Maria Madalena é a última mulher que aparece no Evangelho de João e ela também é mencionada entre os que estavam sob a cruz de Jesus. Ela é a primeira a receber uma aparição pascal além de descobrir o túmulo vazio. Maria Madalena é a apóstola *apostolorum*, a apóstola dos apóstolos. Conforme Fiorenza, “ela chama Pedro e o Discípulo Amado para o túmulo vazio e ela é enviada à ‘nova família’ de Jesus para dizer-lhes que Jesus está para subir ‘ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus’”<sup>149</sup>.

Maria é caracterizada como representante da situação dos discípulos depois da partida de Jesus e não tanto como a “grande amante” de Jesus que está triste com sua morte por razões pessoais. Além disso, ela ainda é caracterizada como uma fiel discípula e, isto ocorre de três modos: 1) Jesus se dirige a ela como “mulher” e pergunta: a que procuras? 2) ela reconhece Jesus no momento em que ele a chama pelo nome e 3) sua resposta é a de um verdadeiro discípulo. Maria Madalena apesar da grande dor e tristeza, busca Jesus e o encontra. Ela reconhece o Jesus ressuscitado como mestre e como discípula fiel que busca o Senhor torna-se a primeira testemunha apostólica da ressurreição do Senhor.

Maria Madalena é a única comum aos quatro evangelhos. Ainda que mudem os outros nomes, sempre se trata de um grupo de mulheres. João que parece falar somente de Maria Madalena imediatamente põe em seus lábios um plural: ‘levaram o Senhor, e não sabemos onde o puseram’ (cf. Jo 20,2).

Os quatro evangelistas narram de modo extremamente semelhante a visita das mulheres ao túmulo de Jesus: Cf. Mc 16,1-8; Mt 28,1-8; Lc 24,1-12; Jo 20,1-18. Com concordâncias em todas as narrativas aparece o nome de Maria Madalena, a pedra tirada do sepulcro vazio e o dia da semana.

#### 2.2.4.2 A mulher Samaritana

O quarto evangelho fala da mulher Samaritana junto ao poço de Jacó. Em Jo 4,4-42, o relato do diálogo de Jesus com a Samaritana avança de acordo com o

---

<sup>149</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 380.



método e a prática de João. Tanto Tepedino como Fiorenza falam que o auge deste capítulo é atingido diante da confissão dos samaritanos de que Jesus é o “salvador do mundo”. E elas ainda continuam e dizem que o dramático diálogo é provavelmente baseado na tradição missionária que dava um papel principal a mulher samaritana na conversão destes gentios, ou seja, na conversão dos samaritanos<sup>150</sup>.

A mulher samaritana quando se encontra com o Messias motiva através de seu testemunho os samaritanos a virem a ele (cf. Jo 4,39) assim como André chama seu irmão Pedro ao discipulado de Jesus dizendo-lhe: “Encontramos o Messias” (cf. Jo 1,40-42). Da mesma forma que Natanael se torna discípulo porque Jesus sabia o que ele fizera sob a figueira (cf. Jo 1,46-49), assim também a mulher se torna uma discípula e testemunha porque “me disse tudo o que fiz” (cf. Jo 4,29)<sup>151</sup>.

Tepedino se pergunta: “Porque Jesus se revela como o Cristo a uma mulher? E ainda mais samaritana?”<sup>152</sup> João diante deste fato mostra a surpresa e a admiração dos discípulos ao vê-lo falar com uma mulher (cf. Jo 4,17). O espanto dos discípulos era grande, mas por outro lado o respeito também era grande. Eles não se encorajaram em perguntar se Jesus desejava alguma coisa ou saber o que ele estava falando com a mulher samaritana. Nesta época, a tradição não permitia que a mulher falasse em público, ainda mais com homem. Os samaritanos eram considerados impuros e inimigos desprezados pelos judeus.

O evangelho de João apresenta a samaritana como aquela que tem uma fé maior do que a dos judeus e de Nicodemos (cf. Jo 3). A samaritana demonstra uma fé suficiente, por isso, ela é levada a perceber que Jesus é o Cristo, o Messias e assim o transmite aos outros (cf. Jo 4,25-26.29). Os samaritanos acreditam em Jesus por causa da palavra da mulher (cf. Jo 4,39.42). Esta expressão é tão importante que até aparece na “oração sacerdotal” onde Jesus reza e diz “Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra crerão em mim”, Jo 17,20. Desta forma, a mulher samaritana, os discípulos na Última Ceia e a Maria Madalena levaram o povo a crer em Jesus por causa da palavra deles. Não é

---

<sup>150</sup> Cf. TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 113; FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.374.

<sup>151</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 374

<sup>152</sup> TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p.113.

possível ir contra a idéia de que os samaritanos chegam a fé pela palavra de Jesus através da palavra da mulher.

Jesus se dá a conhecer à mulher como o Messias esperado sob a fórmula de revelação: Eu Sou. Porém, Jesus não foi forçado a dar esta resposta, pelo contrario, ele esteve muito livre e o fez por iniciativa própria conceder esta revelação à mulher. Aqui se atinge o ponto alto do diálogo, no qual Jesus conduz a mulher à fé nele que é o Messias. Ela, a mulher, tem um detalhe importante é considerada por Jesus como membro e representante do povo samaritano.

As cinco mulheres: Maria de Nazaré, a mulher samaritana, Marta e Maria de Betânia, Maria Madalena (talvez a mulher adúltera) são paradigmas do discipulado apostólico das mulheres, assim como também de sua liderança nas comunidades joaninas. Elas são paradigmas de discipulado fiel a serem imitados por todos os que pertencem à comunidade-família que Jesus chama de seus e não pelas mulheres.

### **2.3 MULHERES LÍDERES DE COMUNIDADES CRISTÃS**

Para entender mais claramente a liderança das mulheres nas comunidades cristãs é necessário retomar brevemente os evangelhos.

No Evangelho de Marcos, quando narra a paixão de Cristo, três discípulos têm papéis destacados: Judas que traiu Jesus e Pedro que o renega, e a mulher anônima que unge Jesus. Pelo Evangelho percebemos que as historias de Judas e Pedro estão gravadas na mente dos cristãos, ao passo que a história da mulher está virtualmente esquecida. Por mais que Jesus tenha dito: “Em verdade eu vos digo que, onde quer que venha a ser proclamado o evangelho, em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória”(Mc 14,9). Mesmo assim a ação profética da mulher não se tornou parte do conhecimento evangélico dos cristãos e o seu nome ficou perdido, pois onde o evangelho é proclamado e a eucaristia celebrada, se conta a história do apóstolo que traiu Jesus, ou seja, recorda-se o nome do traidor e se esquece o nome da discípula fiel só porque era mulher.

Os quatro evangelhos contam a história da unção e ao recordar o episódio busca-se torna-lo mais digerível para o auditório patriarcal greco-romano. Fiorenza

diz que “o quarto evangelho identifica a mulher como Maria de Betânia que, como amiga fiel de Jesus, demonstra-lhe o seu amor unguindo-o, mas Lucas desvia o foco da narrativa da mulher como discípula para a mulher como pecadora”<sup>153</sup>.

Os quatro evangelhos apresentam o mesmo acontecimento: uma mulher que unge Jesus. Este episódio provoca várias objeções, e Jesus responde aprovando a ação da mulher. Diante disso podemos concluir que se a história original tivesse sido apenas uma história de unção dos pés de um hóspede, com certeza, seria bem pouco provável que um gesto tão comum viesse a ser recordado e recontado como a proclamação do evangelho. Segundo Fiorenza, “é, portanto, muito mais provável que na história original a mulher tenha unguido a cabeça de Jesus e não os pés”.<sup>154</sup> A unção da cabeça de Jesus deve ter sido entendida como o reconhecimento profético de Jesus, o Ungido, o Messias, o Cristo. Foi uma mulher que nomeou Jesus por sua ação simbólica profética.

Marcos despolitiza a história da paixão de Jesus e define sua messianidade como sendo de sofrimento e morte. Os líderes varões e discípulos não compreendem esse messianismo sofredor de Jesus, porém, as discípulas mulheres, que seguiram Jesus desde a Galiléia até Jerusalém, surgem de repente como verdadeiras discípulas na narrativa da paixão. Essas mulheres são as verdadeiras seguidoras (*akolouthein*) de Jesus, que compreenderam que seu ministério não era governo e glória régia, mas *diakonia*, “serviço” (Mc 15,41). Surgem, as mulheres como as verdadeiras ministras e testemunhas cristãs. A mulher anônima, que nomeia Jesus como Messias no Evangelho de Marcos, constitui o paradigma do verdadeiro discípulo. Pedro confessa um messias sem sofrimento. Enquanto isso, a mulher, ao ungir Jesus, reconhece claramente que a messianidade de Jesus significa sofrimento e morte.

O evangelho cristão não pode ser proclamado se não se recordarem as discípulas mulheres e o que elas fizeram. Por isso o processo de requerer que a ceia em Betânia seja entendida como herança cristã das mulheres, no sentido de corrigir os símbolos e ritos de uma Última Ceia, toda de varões, que constitui traição do verdadeiro discipulado e ministério cristãos.

---

<sup>153</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 09

<sup>154</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 10

Sendo assim faz-se necessário conhecer a história das mulheres, pois, é nela que encontraremos as raízes primitivas das nossas irmãs por ser parte integrante da historiografia cristã. Essa busca não apenas o objetivo teórico, mas também o objetivo prático o qual visa tanto a crítica cultural-religiosa quanto à reconstrução da história de mulheres como história de mulheres dentro cristianismo.

Para Fiorenza “essa recuperação da história das mulheres no cristianismo primitivo deve não só restituir as mulheres à história, mas também restituir a história das origens cristãs às mulheres”<sup>155</sup>. Esta recuperação da história reivindica o passado cristão como passado próprio de mulheres, e não apenas como um passado de homens varões do qual as mulheres participam apenas à margem e no qual não eram ativas. As fontes do Novo Testamento dizem que mulheres são seguidoras de Jesus e membros líderes das comunidades cristãs primitivas.

No evangelho de São João 4,1-42 observa-se que ele reelabora uma legenda tradicional de missão sobre o papel primário de uma mulher nos primórdios da comunidade cristã em Samaria. Fala que as mulheres foram determinantes para a extensão do movimento de Jesus a não-israelitas. Que as mulheres foram os primeiros não-judeus a se tornar membros do movimento de Jesus. Podemos perceber que a sirofenícia respeita a primazia dos “filhos de Israel”, mas ela argumenta teologicamente contra essa limitação da comunhão de mesa messiânica somente a Israel. Pelo fato deste argumento ser posto nos lábios de uma mulher é sinal da liderança histórica que as mulheres tiveram em abrir o movimento e a comunidade de Jesus a pecadores gentios.

Esse desenvolvimento histórico foi muito importante para os inícios do cristianismo, pois, as mulheres que experimentaram a bondade graciosa do Deus de Jesus se tornaram líderes e expandiram o movimento de Jesus na Galiléia. Além disso, desenvolveram um argumento teológico desde as tradições de Jesus e explicaram porque os pagãos deviam ter acesso ao poder do Deus de Jesus e também participar na superabundância da comunidade messiânica de mesa.

As mulheres galiléias foram corajosas e desafiaram o movimento galileu de Jesus para que este estendesse sua comunhão de mesa também às gentias. Com esse desafio essas mulheres salvaguardaram o discipulado inclusivo de iguais

---

<sup>155</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: um nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 17

suscitado por Jesus. Assim a mulher sirofenícia, que teve um argumento acertado e que com este abriu um futuro de liberdade e completude para sua filha, tornou-se também a advogada visível desse futuro para os gentios e, além disso, ainda tornou-se a “mãe” apostólica de todos os cristãos gentios.

Essas Mulheres foram decisivas para estender o movimento de Jesus aos gentios bem como para a própria continuação desse movimento depois da prisão e execução de Jesus. As mulheres galiléias, que foram discípulas de Jesus, não fugiram depois de sua prisão, mas ficaram em Jerusalém para sua execução e seu sepultamento e assim se tornaram as primeiras a articular sua experiência da bondade poderosa de Deus que não deixou o Jesus crucificado na sepultura, mas o ressuscitou dentre os mortos.

Os discípulos galileus de Jesus fugiram depois de sua prisão de Jerusalém e acabaram voltando para a Galiléia, conforme o que diz Fiorenza<sup>156</sup>. Enquanto que as mulheres discípulas por causa de suas experiências ficaram na capital, munidas de poder para continuar o movimento e a obra de Jesus, o Senhor ressuscitado. Buscaram reunir os discípulos e amigos dispersos de Jesus que viviam em Jerusalém e seus arredores, mulheres discípulas<sup>157</sup> e também discípulos varões<sup>158</sup>. Algumas dessas mulheres voltaram, muito cedo, à Galiléia, sua terra natal. As mulheres galiléias conservaram vivas as boas novas referentes a Jesus entre os seguidores e amigos dele e continuaram o movimento iniciado por ele. Maria de Mágdala, uma mulher, foi a mais destacada dos discípulos da Galiléia porque ela foi a primeira pessoa a ver o Senhor ressuscitado. Ela é normalmente mencionada em primeiro lugar porque provavelmente foi a líder entre elas.

A libertação de estruturas patriarcais era interesse primário de Jesus e de seu movimento, se assim não o fosse, deixaria de ver as tendências androcêntricas que se detectam na tradição e na redação dos materiais de Jesus e também a intrusão de Jesus e de seu movimento no ethos religioso dominante do povo. Nesta época, a prescrição do Código de Santidade, bem como as regulamentações de escribas controlava a vida das mulheres muito mais que a dos homens e, além disso, determinavam o acesso delas à presença de Deus no Templo e na Torah.

---

<sup>156</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 174.

<sup>157</sup> Maria, Marta de Betânia, a mãe de João Marcos e Maria a mãe de Jesus.

<sup>158</sup> Lázaro, Nicodemos e o discípulo amado.

Em Mt 23,8-9, segundo Fiorenza, “o discipulado de iguais rejeita mestres, pois ele é constituído e ensinado por um e único mestre”<sup>159</sup>. Da mesma forma no discipulado de iguais na relação de parentesco não existe um pai. Ele é na verdade sustentado pela bondade e a graça de Deus, a quem tanto os discípulos como Jesus chamam de pai (Lc 11,2-4/Q/; 12,30; cf. Mc 11,25). No discipulado de iguais, o papel das mulheres é central e é da maior importância para a práxis da solidariedade.

A primeira vista parece que as mulheres não tiveram nenhum envolvimento nos primeiros inícios do movimento cristão missionário se olharmos o que sobreviveu ao silêncio lucano, pois, nenhuma mulher é mencionada entre os apóstolos originais, entre os helenistas de Jerusalém ou entre a Igreja de Antioquia. Porque Lucas em nenhum momento de sua obra fala de mulheres como missionários e pregadores. Ressalta que as mulheres em algumas ocasiões apóiam ou se opõem à obra missionária de Paulo. Nos Atos dos apóstolos as mulheres aparecem apenas como apoios auxiliares ou como opositores influentes da missão de Paulo porque o lugar central dos Atos é ocupado por Paulo.

Paulo se refere às mulheres ocasionalmente, mas a literatura paulina e pós-paulina conhecem as mulheres como líderes e missionários relevantes que trabalham pelo evangelho. Essas mulheres de quem Paulo fala estavam engajadas na liderança missionária e eclesial antes e mesmo independente de Paulo, ou seja, eram iguais e as vezes até superiores a Paulo em seu trabalho pelo evangelho. Tais mulheres como missionárias judeu-cristãs que eram pertencem às comunidades cristãs da Galácia, em Jerusalém e em Antioquia as quais se situavam nos primeiros inícios do movimento missionário cristão. Neste contexto diz Fiorenza que “as mulheres foram, por um lado, instrumento para continuar o movimento iniciado por Jesus depois de sua execução e ressurreição, e, por outro lado, estiveram envolvidas na expansão deste movimento com os gentios das regiões próximas”<sup>160</sup>. As mulheres também eram ativas na comunidade cristã de Jerusalém segundo as narrativas lucanas.

Mesmo que não seja mencionada nenhuma mulher entre as helenistas que foram designadas para se dedicar a *diakonia*, à mesa, as filhas de Felipe são

---

<sup>159</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 187.

<sup>160</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 193.

mencionadas por Lucas como profetisas bem conhecidas no cristianismo primitivo. Atos relata que tem mulheres envolvidas no conflito original que levou à separação do ministério em ministério dos apóstolos e o dos sete. Portanto, o conflito entre helenistas e hebreus acabou envolvendo as mulheres as quais não tinham muita vez. Neste sentido vejamos o que Fiorenza tem a nos dizer:

É possível que o conflito entre os helenistas e os hebreus tinha envolvido o papel e a participação de mulheres na ceia eucarística. A expressão que diz que elas eram “negligenciadas” ou “omitidas” na *diakonia* ou ministério diário podia indicar ou que não se lhes designava sua vez no serviço à mesa ou elas não eram servidas adequadamente. (...) Ao passo que as mulheres greco-romanas tinham o costume de participar em *symposia* e refeições festiva, mulheres e homens helenistas em Jerusalém ou Antioquia tinham provavelmente como evidente a participação das mulheres na “fração do pão” na igreja doméstica, ao passo que os “hebreus” podem ter tido problemas com essa prática<sup>161</sup>.

Segundo Atos 12,12-17 os helenistas se reuniram na casa de uma mulher porque Pedro diz aos que se reúnem na casa de Maria que fossem dizer a Tiago e os irmãos sobre sua fuga miraculosa da prisão. Maria é identificada como a mãe de João Marcos, parente de Barnabé e encarregada da igreja doméstica de helenistas em Jerusalém.

Ainda segundo Atos as mulheres estiveram envolvidas no movimento missionário cristão em toda fase de sua expansão. E quem representa a primeira fase da expansão é a mulher Tabita de Jafa enquanto que Lídia é a primeira convertida da Europa (At 16,14). Algumas mulheres tementes a Deus expulsaram Paulo e Barnabé de seu distrito (At 13,55ss), enquanto que muitas mulheres gregas, que foram atraídas ao judaísmo em Tessalônica (At 17,4), bem como as mulheres gregas de Beréia, ouviram os pregadores cristãos e se converteram. Damaris é uma das mulheres convertidas e é mencionada em Atenas (At 17,34) assim como Prisca é mencionada como ter evangelizado em Corinto (At 18,2ss). Mas a real contribuição das mulheres ao primitivo movimento missionário cristão continua perdido em larga escala por causa da escassez e do caráter androcêntrico de nossas fontes.

As mulheres trabalharam ao lado de Paulo, segundo o que ele mesmo diz. Em Fl 4,2-3 Paulo diz que Evódia e Síntique combateram lado a lado com ele. Que

---

<sup>161</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 197.

essas mulheres competiram na causa do evangelho lado a lado com Paulo, Clemente e o resto dos co-missionários de Paulo. Essas duas mulheres tem uma autoridade muito grande na comunidade de Filipos, por isso Paulo tem medo de que sua oposição possa trazer problemas à missão cristã.

Febe (Rm 16,1ss) é a única mulher e a única pessoa na literatura paulina a receber uma carta oficial de recomendação e também a única pessoa a qual lhe é dado três títulos substantivos: irmã, *diakonos*, *prostatis*. Mas seu significado para a missão cristã primitiva não era reconhecido. Sabe-se que alguns exegetas tentam denegrir esses títulos ou interpreta-los de forma diferente só porque são títulos dados a mulher. Febe exerce seu ofício na igreja de Cenecria e este não está limitado por papéis sexuais prescritos, isto, porque ela não é uma diaconisa das mulheres, mas um ministro da igreja inteira.

A Igreja doméstica se dava nas casas das próprias mulheres, segundo o que nos relata Fiorenza, e esta realidade concreta fornecia oportunidades iguais a elas porque nesta época “a casa era considerada como esfera própria das mulheres”<sup>162</sup>, e nela elas não eram excluídas de nenhuma atividade.

As igrejas domésticas eram fundamentais no início do cristianismo, ou seja, eram um fator decisivo no movimento missionário na medida em que elas forneciam espaço, apoio e liderança para a comunidade. Eram o lugar onde o cristianismo primitivo celebrava a ceia do Senhor e pregava as boas novas. Como as mulheres estavam entre os convertidos (At 17,4.12), elas desempenharam importante papel em fundar, sustentar e promover essas igrejas domésticas. Vários textos falam de mulheres líderes de igrejas domésticas: Ápia, que junto com Filêmon e Arquivo era líder da igreja doméstica de Colossos, para onde foi escrita a carta de Filêmon (Fm 2). O casal missionário Prisca e Áquila e a igreja em sua casa (1Cor 16,19; Rm 16,3). Ninfa e laodicéia e a igreja em sua casa (Cl 4,15). A igreja de Filipos, segundo Atos, teve seu começo com a conversão da mulher Lídia de Tiatita. Ela ofereceu sua casa para a missão cristã (At 16,15). Deste modo foram três as mulheres que iniciaram e foram as figuras líderes na Igreja de Filipos.

Assim vemos que “não somente as mulheres de classe superior, mas também, mulheres de posição inferior tinham a oportunidade de fazer e seu negócio

---

<sup>162</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 210.



e acumular alguma riqueza própria”<sup>163</sup>, segundo Fiorenza. Portanto, muitas mulheres eram ativas em finanças, em negócio e no comércio. Elas podiam usar seu capital para patrocinar, buscando assim ganhar reconhecimento e honras públicas em troca de sua benevolência.

Nesta época a lei romana e o costume judeu-helenista permite às mulheres possuir e administrar suas próprias casas e propriedades. Não só as mulheres de classe superior como também as de posição inferior têm oportunidade de fazer seu comércio e acumular alguma riqueza. Enquanto isso as mulheres que se juntavam e começavam fazer parte do movimento cristão, “fundavam igrejas domésticas e desenvolviam liderança. Sua liderança no movimento missionário permitia àquelas que eram social e politicamente marginalizadas – porque eram mulheres – a ganhar nova dignidade e novo status”<sup>164</sup>, conforme Fiorenza.

As mulheres estavam entre os mais distinguidos missionários e líderes do movimento cristão primitivo, assim, ao menos é o que nos mostra a literatura paulina e os Atos. Revela também que elas eram apóstolos e ministros como Paulo, eram suas colaboradoras, mestres, pregadores e competiam na corrida pelo evangelho e, além disso, foram também elas que fundaram as igrejas domésticas e usavam sua influência em favor de outros missionários e cristãos.

As mulheres são vista por alguns tradicionalistas como pessoas inferiores e com “papéis diferentes dos varões na ordem da criação e redenção”<sup>165</sup>, diz Fiorenza e que além disso tem uma posição subordinada diante de Deus, por outro lado outros afirmam que a mulher diante de Deus é igual ao homem, ou seja, todos são iguais, homens e mulheres recebem os dons do Espírito Santo e, portanto, tem posição igual diante de Deus.

É necessário que reconheçamos que a comunidade de Corinto era constituída de um grande número de mulheres cristãs ativas. Essas mulheres tinham voz na prática da comunidade bem como na teologia. Temos poucas informações sobre a liderança das mulheres nas comunidades primitivas, mas podemos observar que as comunidades de Corinto e vizinhas tinham três mulheres importantes que exerciam

---

<sup>163</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 218.

<sup>164</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 218.

<sup>165</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 239.

essa liderança, que eram: Cloé, Prisca e Febe. É importante também notar que essas mulheres líderes mantinham boas relações de trabalho com Paulo e como conseqüência Paulo expressa seu respeito para com elas e as enaltece como suas colaboradoras.

Segundo Paulo as mulheres eram profetisas e carismáticas na comunidade, porém não se conhece o nome de nenhuma mulher profetisa ou líder em Corinto, mas pelo fato de Paulo usar com freqüência a palavra irmãos mostra que entre os coríntios cristãos havia mulheres que eram educadas e ricas como também tinha pobres e escravas. A atenção dada ao papel das mulheres na assembléia litúrgica mostra que as mulheres eram muito ativas na comunidade.

Nesta época era muito difícil para as mulheres cristãs partilhar do estilo de vida pagão e das obrigações sociais de suas famílias. Neste sentido Fiorenza relata que “as mulheres pobres, que se tornavam cristãs, corriam o risco de se divorciarem de seus maridos e perderem, em conseqüência, os sustento econômico”<sup>166</sup>. Por isso, quando Paulo interfere ou deixa a decisão ao esposo não crente por razões missionárias sacrifica o direito dos cristãos de determinar o seu estado marital.

O impacto de Paulo sobre a liderança das mulheres no movimento missionário cristão é de dois gumes, porque de um lado ele afirma a igualdade e a liberdade cristãs encorajando as mulheres para que permaneçam livres dos laços do casamento e por outro lado ele subordina o comportamento das mulheres no casamento e na assembléia litúrgica aos interesses da missão cristã, restringindo seus direitos como mulheres.

Nas últimas décadas do século I a situação das igrejas na Ásia Menor ainda era diversificada, mas sua forma organizacional era a de pequenas igrejas, a igreja doméstica, onde as mulheres faziam parte da liderança das mesmas. Ao escrever para uma dessas comunidades Paulo saúda Ápia como membro líder da igreja doméstica de Filêmon. Filêmon e Arquipo a descrevem como co-missionária de Paulo. Já o autor de Colossenses envia saudações especiais a Ninfa e à igreja que estava em sua casa. Ao mesmo tempo a Segunda Carta a Timóteo recorda o empenho missionário de Prisca e Áquila (2Tim 4,19). Também enviam saudações a uma mulher de nome Claudia que deveria ser muito influente e líder de alguma igreja

---

<sup>166</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 259.

doméstica. Outras mulheres importantes e provavelmente líderes eram Lóide e Eunice, pois, da fé destas duas que eram avó e mãe, deriva a fé de Timóteo (2Tim 1,5).

Nesta época, a liderança da comunidade consistia em presbíteros, homens e mulheres, bem como de diácono homens e mulheres. Essa liderança e o comportamento das mulheres eram limitados e defendidos de acordo com os padrões da sociedade greco-romana.

Segundo Fiorenza, “entre os heróis elogiados por sua humildade e obediência e apresentados à comunidade como exemplo a imitar, estão as mulheres”<sup>167</sup>. Por outro lado, também são elas que estão entre os que sofrem como vítimas de contenda e rivalidade.

Quando são convidados os membros insubordinados ao arrependimento, são mencionadas “várias mulheres que, fortalecidas pela graça de Deus, praticaram atos dignos de varões”.<sup>168</sup> Não foi citado o nome de nenhum homem enquanto foram mencionadas duas mulheres: Judite e Ester. Judite que salvou seu povo arriscando a própria vida, e Ester que é caracterizada como uma mulher de fé perfeita e de humildade. Sabemos que entre os que não eram estimados bem como também não tinham nenhuma reputação, mas que assumiram liderança na comunidade de Corinto estão as mulheres. Ao invés de deixarem os presbíteros/bispos controlarem suas doações, elas se organizaram e se juntaram aos que destituíram os presbíteros/bispos do ofício. Isto mostra que as mulheres exerciam liderança na comunidade.<sup>169</sup>

Essas mulheres também tinham parte no momento em que a comunidade se reunia e escolhiam o elemento considerado cheio do Espírito Santo como profeta e responsável para exercer as funções próprias das celebrações eucarísticas. Vejamos o que diz Fiorenza a este respeito:

Sempre que a comunidade se reunia, seus membros tiravam sortes, prática tradicional judaica e primitivo-cristã usada para adivinhar a vontade de

---

<sup>167</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 331.

<sup>168</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 332.

<sup>169</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 332.

Deus. Por meio destas sortes, eram alternativamente designados para o papel de presbítero, para celebrar a eucaristia como bispo, para ler e explicar as escrituras ou ensinar e dirigir-se ao grupo como profeta. Todos os membros, mulheres e varões, podiam ser escolhidos para agir como bispo, presbítero, mestre e profeta. Porque estas funções mudavam de reunião para reunião, nunca se tornavam prerrogativa exclusiva de determinados membros<sup>170</sup>.

Assim podemos concluir que havia mulheres entre os líderes proféticos das comunidades paulinas. Elas eram escolhidas da mesma forma como os homens e exerciam as mesmas funções que os homens. Desta forma, Lucas assinala três mulheres como profetisas: Maria, Isabel e Ana, bem como menciona as quatro profetisas filhas de Felipe (cf. At 21,9). A fama destas mulheres era tão grande que a origem apostólica das províncias da Ásia decorrem delas. Neste sentido as mulheres profetisas são reconhecidas então como aquelas que transmitem a tradição apostólica.

Sabemos que Paulo faz referência a várias mulheres profetisas tais como: Teonoe, Estratônica, Êubula, Fila, Artemila e Ninfa. Temos um exemplo em Corinto, onde uma dessas mulheres, profetisa, de nome Mirta confortou Paulo e a comunidade para que não desanimassem, mas permanecessem firmes e animados porque Paulo tinha que ir a Roma. Mirta, nos lembra Fiorenza, foi iluminada pelo Espírito e profetizou dizendo: “Paulo o servo do Senhor salvará muitos em Roma e alimentará muitos com a palavra”<sup>171</sup>. Mirta provavelmente tenha falado isso numa assembléia eucarística, é o que ao menos indica o contexto da liturgia, segundo Fiorenza.

---

<sup>170</sup> FIORENZA, Elizabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 340

<sup>171</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.341

### **3 DISCÍPULAS E MISSIONÁRIAS: UM CAMINHO PEDAGÓGICO**

Neste terceiro capítulo apresentamos algo sobre como a mulher é vista na Igreja. Isto será feito a partir do Magistério da Igreja através de alguns de seus documentos, bem como a partir da visão crítica de uma autora relevante do feminismo.

#### **3.1 A PALAVRA DA IGREJA**

A mulher, atualmente, já conquistou certo espaço na Igreja, porém este só será maior e integral se ela puder participar de tudo lado a lado em igualdade com o homem. Neste sentido teremos a seguir uma palavra sobre como a mulher é vista na Igreja a partir do documento Pontifício *Mulieris Dignitatem* (MD) que trata da questão da dignidade e da vocação da mulher, bem como a mulher nos documentos latinoamericanos: no Documento de Puebla (DP) e Documento de Aparecida (DA) e por último, a mulher na Igreja.

##### **3.1.1 João Paulo II: A dignidade e a vocação da mulher**

Para entender melhor a dignidade e a vocação da mulher é importante ver o que a Igreja tem a dizer sobre esse assunto. Vamos nos ater a um documento privilegiado, ou seja, da Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* (MD) do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano.

João Paulo II ressalta que a questão da dignidade da mulher e sua vocação vêm assumindo, nos últimos anos, cada vez mais um destaque todo especial. Isto ocorre devido às intervenções do Magistério da Igreja que se refletem nos documentos do Concílio Vaticano II que fala sobre a vocação da mulher, da seguinte forma: "mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire no mundo uma influência, um alcance e

poder jamais alcançados até agora”.<sup>172</sup> Só a partir do momento em que a mulher tiver espaço e protagonismo nas transformações sociais, poderá dar uma contribuição significativa na transformação de um mundo mais humano e justo.

João Paulo II, referindo-se aos discursos do Papa Paulo VI, menciona que aquele Papa valorizava a mulher e a considerava parte da estrutura da Igreja, “a mulher é destinada a fazer parte da estrutura viva e operante do cristianismo de modo tão relevante, que talvez ainda não tenham sido enucleadas todas as suas virtualidades”.<sup>173</sup>

Segundo o documento, desde o início do cristianismo, a mulher tem um estatuto especial de dignidade e João Paulo II apresenta o amor de Deus, como amor de uma mãe, porque assim como uma mãe, Deus carregou a humanidade e, em especial, seu povo escolhido no próprio seio, deu a luz a esse povo na dor e o nutriu (cf. Is 42,14; 46,3-4).<sup>174</sup>

Ressalta João Paulo II que a questão dos direitos da mulher já assume um novo sentido no conjunto dos direitos da pessoa humana. Diante disso é justa a oposição da mulher em relação ao que expressam as palavras bíblicas: “ele te dominará” (Gn 3,16). A mulher em nome da libertação do domínio do homem não pode abrir mão da sua própria originalidade feminina apropriando-se de características masculinas, pois, por este caminho a mulher não se realiza e pode deformar e perder aquilo que compõe a sua riqueza essencial<sup>175</sup>.

Considera João Paulo II que “diversas mulheres aparecem no itinerário da missão de Jesus de Nazaré, e o encontro com cada uma delas é uma confirmação sobre a novidade de vida evangélica”<sup>176</sup>.

Cristo, diz o papa, foi o promotor da verdadeira dignidade da mulher e da vocação que corresponde a esta dignidade. Ele dignifica a mulher e a promove (cf. Jo 4,27). Isto significa que o comportamento de Cristo em relação às mulheres se distinguia daquele dos seus contemporâneos, inclusive seus próprios discípulos se admiravam da atitude dele em relação às mulheres<sup>177</sup>.

---

<sup>172</sup> MD nº 1.

<sup>173</sup> MD nº 1.

<sup>174</sup> Cf. MD nº 8.

<sup>175</sup> Cf. MD nº 10.

<sup>176</sup> MD nº 12.

<sup>177</sup> cf. MD nº 12.

Muitas mulheres com as quais Jesus ia se encontrando o acompanhavam enquanto ele ia anunciando o Evangelho do Reino de Deus. Essas mulheres “o assistiam com seus bens” e, entre as citadas está Joana, Susana e muitas outras” (cf. Lc 8,1-3).<sup>178</sup>

Na visão do Papa, Jesus sempre exprimiu o respeito e a honra à mulher (cf. Lc 13,16). Em seu ensinamento e comportamento nunca demonstra nenhuma discriminação em relação às mulheres. Estas mulheres que a opinião comum apontava com desprezo como pecadoras públicas e adúlteras. Um exemplo disso é o caso da Samaritana, a ela Jesus diz: “tiveste cinco maridos e aquele que agora tens não é teu marido” (Jo 4,18). Ela reconhece em Jesus o Messias e em seguida corre a anunciá-lo aos seus conterrâneos.

Outro exemplo é a pecadora pública que diante da condenação da opinião pública entra na casa do fariseu para ungir os pés de Jesus com óleo perfumado. Jesus lhe diz: “São perdoados os seus muitos pecados, visto que muito amou” (cf. Lc 7,37-47).

Outra situação significativa, diz João Paulo II, é a questão da mulher surpreendida em adultério e conduzida a Jesus. Jesus a perdoa e a liberta e pede a ela que vá e não volte a pecar (cf. Jo 8,3-11).

Portanto, a mulher herda do princípio a dignidade de pessoa como mulher isso porque cada mulher é aquela única criatura na terra que Deus quis por si mesma. Jesus faz da dignidade da mulher um conteúdo do Evangelho e da redenção, para a qual é enviado<sup>179</sup>.

Diante do que nos diz João Paulo II, Jesus entra na situação concreta e histórica da mulher, a transforma. Também a liberta da situação sobre a qual pesa a herança do pecado.

Muitas mulheres sofrem o abandono na sua maternidade porque o homem não assume sua responsabilidade. Existem muitas mães solteiras, porém, os pais solteiros dificilmente aparecem, ou seja, a mulher deve arcar com todas as conseqüências da maternidade sozinha.<sup>180</sup>

---

<sup>178</sup> cf. MD n° 13.

<sup>179</sup> cf. MD n° 13.

<sup>180</sup> cf. MD n° 14.

Segundo João Paulo II, para Cristo a dignidade da mulher era algo muito importante a ser regatada: "Cristo fazia de tudo o que estava ao seu alcance para que as mulheres reconhecessem no seu ensinamento e no seu agir, a subjetividade e dignidade que lhes são próprias".<sup>181</sup>

O Papa se refere à dignidade e a vocação da mulher dizendo que estas encontram a sua vertente eterna no coração de Deus e nas condições temporais da existência humana.

O modo de agir de Cristo, palavras e obras, protestam contra tudo o que afronta a dignidade da mulher, diz João Paulo II. Assim, as mulheres que se encontram próximas dele reconhecem-se a si mesmas na verdade que ele ensina e faz. Por essa verdade as mulheres se sentem libertas, restituídas a si mesmas, amadas por um amor que encontra expressão no próprio Cristo.

Neste documento, João Paulo II fala das duas dimensões da vocação da mulher: a virgindade e a maternidade que são as duas dimensões da personalidade feminina. Elas adquirem a plenitude e valor em Maria, como Virgem e Mãe do Filho de Deus, se encontraram nela e se completaram admiravelmente, sem se excluírem uma a outra. A virgindade e a maternidade coexistem em Maria, elas não se excluem nem se limitam reciprocamente.<sup>182</sup>

A maternidade da mulher, unida à paternidade do homem, reflete-se no mistério eterno do gerar que é próprio de Deus Uno e Trino (cf. Ef 3,14-15). O gerar humano é comum ao homem e a mulher, porém, a maternidade da mulher constitui a parte especial do ser genitor. Os dois são genitores, mas é sobre a mulher que recai o peso do comum gerar, pois a gestação absorve todas as energias do corpo e da alma.

Assim a maternidade comporta uma comunhão especial com o mistério da vida que amadurece no seio da mulher.<sup>183</sup> Por isso, a luz do princípio, a mãe aceita e ama o filho que traz no seio como uma pessoa.

João Paulo II fala que a mulher possui uma precedência específica sobre o homem. Ela imprime uma marca essencial em todo o processo do fazer crescer como pessoa os filhos e filhas da família humana.

---

<sup>181</sup> MD n° 14.

<sup>182</sup> cf. MD n° 15.

<sup>183</sup> Cf. MD n° 18.



O documento fala que Deus, na pessoa da mulher, Maria Mãe de Deus, no seu “*fiat*” materno (Faça-se em mim) inicia uma Nova Aliança com a humanidade. Em Maria termina a Antiga Aliança e se inicia uma Aliança Eterna e definitiva em Cristo.

Deus realizou uma Aliança com o homem em Jesus Cristo e nela foi introduzida a maternidade da mulher. Sempre que a maternidade da mulher se repetir na história humana, acontece de novo a maternidade divina.

O papa João Paulo II lembra que na maternidade de toda a mulher se exprime na profunda escuta da palavra do Deus vivo e a disponibilidade para guardar esta Palavra, que é palavra de Vida eterna (cf. Jo 6,68).<sup>184</sup>

A mulher está submetida a muitos sofrimentos, como o desvelo maternal pelos filhos, a morte das pessoas mais queridas, a solidão, as mulheres que lutam sozinhas pela sobrevivência, as mulheres que sofrem uma injustiça ou são exploradas.<sup>185</sup>

João Paulo II ainda lembra que além deste sofrimento há os das consciências que é uma conseqüência do pecado, o qual atingiu a dignidade da mulher. São as feridas da consciência que doem e que não querem cicatrizar.

Outra vocação a qual a mulher é chamada é a vocação à virgindade. Através desta se confirma a sua dignidade à semelhança da Virgem Maria de Nazaré. João Paulo II diz que: “o Evangelho propõe o ideal da consagração da pessoa, que significa a sua dedicação exclusiva a Deus em virtude dos conselhos evangélicos: castidade, pobreza e obediência”.<sup>186</sup>

A virgindade deve ser considerada como um caminho para a mulher, através do qual ela realiza a sua personalidade de mulher. Quando a mulher escolhe e opta em viver a virgindade, ela se confirma como pessoa, como criatura que o Criador desde sempre quis para si.

Para viver a virgindade no sentido Evangélico faz-se necessário renunciar ao matrimônio e a maternidade física. A renúncia a este tipo de maternidade abre-se para a experiência de uma maternidade segundo o espírito (Rm 8,4). Mas a

---

<sup>184</sup> Cf. MD n° 19.

<sup>185</sup> Cf. MD n° 19.

<sup>186</sup> MD n° 20.

virgindade não priva a mulher de suas prerrogativas: “a vida das mulheres consagradas que vivem segundo o carisma e as regras dos diversos Institutos de caráter apostólico, poderá exprimir-se como solicitude pelos homens, especialmente pelos mais necessitados”.<sup>187</sup>

Desde o início na história da Igreja existem mulheres para as quais a resposta da Esposa ao amor redentor do Esposo adquiria plena força expressiva.

João Paulo II fala que a mulher é muito forte em várias ou em todas as situações, isto é, “a mulher é forte pela consciência dessa missão, forte pelo fato de que Deus lhe confia o homem, sempre em todos os casos, até nas condições de discriminação social em que ela se possa encontrar”<sup>188</sup>. Portanto, essa consciência e vocação fundamental falam da dignidade que a mulher recebe de Deus o que a torna forte e consolida a sua vocação. Assim, a mulher perfeita se torna um amparo insubstituível bem como uma fonte de força espiritual para os outros.

*Mullieris Dignitatem* elogia a capacidade de sofrimento da mulher quando a meu ver deveria questionar as causas do sofrimento.

### **3.1.2 Magistério Latinoamericano**

Dentre os documentos latinoamericano que falam da mulher, citaremos dois: o Documento de Puebla (DP) e o recente documento de Aparecida (DA).

#### **3.1.2.1 Documento de PUEBLA**

O documento de Puebla fala da marginalização da mulher como conseqüência de hábitos culturais, tais como a prepotência do homem, salários desiguais, educação desigual e tantos outros fatores os quais se manifestam em sua ausência da vida pública, econômica e cultural e, além dessas, são acrescentadas outras formas de marginalização, numa sociedade consumista e hedonista. Dessa forma se transforma a mulher em objeto de consumo e sob o pretexto de evolução

---

<sup>187</sup> MD nº 21.

<sup>188</sup> Cf. Prov 31,10.

dos tempos se disfarça a exploração da mulher, através da publicidade do erotismo, da propaganda e outros tantos.

Segundo os Bispos, nos últimos tempos a prostituição feminina tem aumentado em muitos países tanto pela situação econômica que é angustiante e pela crise moral.

Entretanto, dizem os Bispos, que as mulheres nem sempre estão organizadas para exigirem o respeito a seus direitos, porque na maioria dos setores, as leis que garantem os direitos e a proteção das mulheres não são cumpridas, são omitidas. Como exemplo de um setor que ocorre isso com muita frequência é o setor operário.

A mulher, na sua grande maioria, também se vê sobrecarregada na família, pois tem uma jornada de trabalho profissional igual do homem e carrega as tarefas domésticas, inclusive em vários casos, assume sozinha todas as responsabilidades com os filhos, quando abandonada pelo marido.

Dentre as mulheres que mais sofrem estão as empregadas domésticas, pois a sua situação é lamentável, devido aos maus tratos e a exploração que sofrem da parte dos patrões.

Puebla fala também da desvalorização da mulher até mesmo dentro da própria Igreja e diz: “na própria Igreja, tem havido por vezes uma valorização insuficiente da mulher e uma escassa participação da mesma em nível de iniciativas pastorais”.<sup>189</sup>

Ao mesmo tempo fala de que a participação da mulher sempre teve um papel relevante na Igreja, participando dos dons de Cristo e difundindo seu testemunho pela sua vida de fé e caridade. Maria é a pessoa que mais intensamente participa dos dons de Cristo, por isso Puebla destaca os momentos mais importantes de sua vida pelo testemunho de fé e caridade:

Acima de tudo, porém, como Maria, na Anunciação, ao aceitar incondicionalmente a Palavra de Deus; na Visitação, ao oferecer e anunciar a presença do Senhor; no *Magnificat*, ao aceitar profeticamente a liberdade dos Filhos de Deus e o cumprimento da promessa; na Natividade, ao dar à luz ao Verbo de Deus e ao oferecê-lo à adoração de todos aqueles que O buscam, sejam eles singelos pastores ou sábios vindos de terras longínquas; na Fuga para o Egito, ao aceitar as consequências da desconfiança e da perseguição de que é objeto o Filho de Deus; perante o

---

<sup>189</sup> DP n° 839.

comportamento misterioso e adorável do Senhor, ao conservar tudo em seu coração; com sua presença solícita às necessidades dos homens; ao provocar o “sinal messiânico” que garantia o bom êxito da festa; na cruz, forte, fiel e aberta a uma acolhida materna universal; na espera ardente, com toda a Igreja, da plenitude do Espírito; na Assunção, celebrada na Liturgia como a Mulher do Apocalipse, símbolo da Igreja.<sup>190</sup>

### 3.1.2.2 Documento de APARECIDA

O documento de Aparecida quando se refere à mulher diz que há uma “igual identidade entre homem e mulher em razão de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus”.<sup>191</sup>

Segundo o documento, num tempo de machismo, a prática de Jesus foi decisiva para significar a dignidade da mulher e de seu valor indiscutível. Jesus falou com elas (cf. Jo 4,27), teve especial misericórdia com as pecadoras (cf. Lc 7,36-50; Jo 8,11), as curou (cf. Mc 5,25-34), Ele reivindicou a dignidade delas (cf. Jo 8,1-11), as escolheu como primeiras testemunhas de sua ressurreição (cf. Mt 28,9-10) e, além disso, incorporou mulheres ao grupo de pessoas que lhe eram mais próximas (cf. 8,1-3).

O Documento de Aparecida se refere à Maria como a discípula por excelência entre os discípulos. Ela é a figura fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja. Maria é a mulher que foi capaz de se comprometer com sua realidade e diante dela ter voz como nos mostra o canto do *Magnificat*.<sup>192</sup>

Por outro lado, ainda hoje inúmeras mulheres não são valorizadas em sua dignidade e quando sozinhas ou abandonadas, não se reconhece nelas o abnegado sacrifício, nem a generosidade no cuidado e educação dos filhos e na transmissão da fé na família. Também não se valoriza nem se promove sua indispensável e peculiar participação na construção de uma vida social mais humana e na edificação da Igreja. Conforme o Documento de Aparecida, “sua urgente dignificação e participação são distorcidas por correntes ideológicas, marcadas com o selo cultural

---

<sup>190</sup> DP nº 844.

<sup>191</sup> DA, nº 451.

<sup>192</sup> Cf. DA nº 451.

das sociedades de consumo e do espetáculo, capazes de submeter às mulheres a novas formas de escravidão”<sup>193</sup>.

Na América Latina e no Caribe ainda há uma mentalidade muito machista que deve ser superada, pois ignora a novidade do cristianismo que reconhece e proclama a dignidade e responsabilidade da mulher, da mesma forma como a do homem.

Segundo Puebla é urgente, na América Latina e no Caribe, que se escute o clamor silenciado das mulheres que estão submetidas às diversas formas de exclusão e de violência em todas as etapas da vida, ou seja, desde a gestação até a velhice. É fundamental que todas as mulheres possam participar da vida eclesial, familiar, cultural, social e econômica. Para isso faz-se necessário criar espaços e estruturas que favoreçam maior inclusão.

As comunidades cristãs na sua grande maioria são constituídas pelas mulheres que são as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras dos pastores. Por esse motivo, as mulheres devem ser atendidas, valorizadas e respeitadas pelos pastores.

O documento ainda ressalta que a maternidade é uma missão de excelência da mulher e ela não se opõe ao seu desenvolvimento profissional e ao exercício de todas as suas dimensões. A mulher é capaz de exercer sua maternidade conciliando com a vida profissional e é chamada a ser fiel junto com o homem ao plano original de Deus que dá ao casal humano, de forma conjunta, a missão de melhorar a terra.

Assim a mulher não pode ser substituída no lar, na educação dos filhos e na transmissão da fé, mas isso não exclui sua participação ativa na construção da sociedade. Para que isso seja possível é preciso propiciar uma formação integral a fim de que as mulheres possam cumprir sua missão na família, na Igreja e na sociedade.

O Documento de Aparecida no número 457 se refere ao papel da Igreja em relação à maternidade da mulher dizendo que:

A Igreja é chamada a compartilhar, orientar e acompanhar projetos de promoção da mulher com organismos sociais já existentes, reconhecendo o ministério essencial e espiritual que a mulher leva em suas entranhas:

---

<sup>193</sup> DA nº 453.

receber a vida acolhê-la, alimenta-la, dá-la à luz, sustentá-la, acompanhá-la e desenvolver seu ser mulher, criando espaços habitáveis de comunidade e comunhão. A maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica, mas se expressa de diversas maneiras. A vocação materna se cumpre através de muitas formas de amor, compreensão e serviço aos demais<sup>194</sup>.

O documento conclui dizendo que a dimensão maternal também se concretiza na adoção de crianças, oferecendo-lhes proteção e lar.

### 3.2 A MULHER NA IGREJA

Para tratar do assunto da mulher na igreja será privilegiado uma autora crítica que é Elisabeth Schüssler Fiorenza.

As questões em torno das mulheres no ministério da Igreja não são apenas um fenômeno moderno, pois no tempo de Paulo, ele já teve que tratar deste assunto. A história da Igreja revela a existência de grandes e extraordinárias mulheres. Frederico Ozaman (1913-53) nos aponta que: “Nada de grande poderia acontecer na Igreja sem a contribuição de uma mulher”.<sup>195</sup> Portanto, a mulher é fundamental na Igreja, pois sem ela nada de extraordinário aconteceria. Porém, assim mesmo constatamos que o homem ficava com a liderança pública, enquanto a atuação da mulher era oculta e privada. Segundo Fiorenza essa situação mudou:

Esta situação mudou no início deste século. A mudança foi ocasionada, de igual modo, pelo novo *status* da mulher na sociedade e pela redescoberta do laicato na Igreja. O movimento feminista lutou pelo acesso da mulher a todos os níveis de educação e pela plena participação dela em todas as profissões. Gradualmente, a mulher passou da esfera privada à luta pública. Pelas suas capacidades e duro trabalho, a mulher conquistou todas as áreas da vida pública, a ponto de se haver tornado comum que a educação se empenhe, não apenas no preparo das meninas para o casamento e para a vida religiosa, mas igualmente para a vida profissional.<sup>196</sup>

Fiorenza nos lembra que “nos tempos modernos, a Igreja, despojada de seu poder político e temporal, defronta-se com um mundo cada vez mais

---

<sup>194</sup> DA n° 457.

<sup>195</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 24

<sup>196</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 24.

secularizado”.<sup>197</sup> O clero não tem mais condições de satisfazer as necessidades de nossos tempos, isto por falta de clérigos ou porque não atingem mais certos grupos de pessoas. Por isso se tornou fundamental que todos os membros da Igreja sejam seus apóstolos e o laicato voltasse à ativa.

Era visto que a contribuição do laicato era fundamental, pois esse poderia resolver os problemas com que se defrontava a Igreja no mundo moderno. Para tanto foram criadas, nas primeiras décadas deste século, os ministérios para as mulheres em tempo integral: nas áreas de cuidados pastorais, na catequese, na Ação Católica.

Fiorenza diz que a própria “sociedade, do ponto de vista da mulher, tem aparência diferente, quando vista a partir da perspectiva dominante masculina”<sup>198</sup>.

As obras que falam da natureza e da vocação da mulher focalizam uma diferença de gênero e consideram a mulher dentro da perspectiva do quadro dominante humano-homem-macho que sempre prevaleceu nas culturas clássicas há muito tempo. O homem-macho sempre exerceu um domínio cultural bem como científico e institucional. Por isso não é de se surpreender que instituições estatais, públicas e econômicas tenham características masculinas, pois se originaram numa sociedade patriarcalmente estigmatizada. A natureza da mulher, neste mundo, só é possível ser compreendida com referência à do homem.

Como consequência disso, temos que, a mulher que queira participar ativamente desse mundo que é determinado pelo homem deve adaptar-se a eles. Porém, o movimento de emancipação feminina lutou por direitos iguais para as mulheres, em relação aos homens e isso possibilitou às mulheres ser e agir como o homem. Mas houve transformação não só com a vida das mulheres em confronto com o mundo machista, nas últimas décadas, mas também da parte dos homens. Muitos deles se deram conta que no local de trabalho são controlados por mulheres da mesma forma como sempre eles as controlaram em casa. Os acentuados contrastes que existiam entre o trabalho dos homens e das mulheres já não existem mais, eles acabaram se tornando não mais distintos e até se anularam mutuamente em muitos casos. Aqui, o importante não é saber até que ponto o trabalho fora do lar

---

<sup>197</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 24.

<sup>198</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 27

tem condições de transformar as idéias a respeito da natureza e essência feminina, mas até que ponto é possível transformar uma sociedade que sempre foi orientada pelo homem.

Fiorenza se refere à mulher como aquela que precisa assumir o seu lugar, sua autonomia sem ser tutelada eternamente pelo homem da seguinte forma:

O que aqui está em jogo é a integração da consciência tradicional do homem com a emergente consciência feminina, formando uma consciência humana e pessoal. As mulheres devem hoje aprender a considerar-se, primeiro que tudo, como pessoas humanas. De modo igual aos dos homens, elas devem realizar sua personalidade humana em autonomia, parceria e autodeterminação; devem assumir sua maioridade e não tolerar mais tutelas. Somente quando a mulher for reconhecida como parceira igual nos cursos sociais, poderá a nossa sociedade, unilateral, estruturada para o macho, sofrer uma transformação.<sup>199</sup>

Se fizermos um exame do ensinamento sobre a mulher tanto na igreja antiga como na medieval e moderna verificaremos o quanto foi difícil a luta pela personalidade feminina e também pela sua igualdade, com referência ao homem na Igreja e na sociedade. No decorrer da história surgiram líderes, mulheres excepcionais e criativas que influenciaram a vida e a espiritualidade da Igreja, tais como: Helena, Olímpia, Pulquéria, Domitila, Líoba, Tecla, Hildegarda de Bingen, Isabel da Hungria, Catarina de Siena, Brígida da Suécia, Teresa d'Ávila, Mary Ward da Inglaterra e Teresa de Lisieu.

Os Padres da Igreja e Santo Tomás de Aquino estavam mal informados sobre genética e biologia, além disso, estavam impressionados com a imagem patriarcal e o *status* das mulheres de seu tempo, isto os levou a cometer vários erros graves. Assim, São Tomás de Aquino teve muita influência na teologia medieval e moderna. Neste sentido é colocada em dúvida até hoje a igualdade das mulheres. A desvalorização tomista da mulher, portanto, “continua a influenciar o pensamento católico na medida em que a necessidade de completar-se por meio do sexo oposto é postulada apenas para as mulheres e não para os homens”.<sup>200</sup>

---

<sup>199</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 28.

<sup>200</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 28.



Para Elizabeth Fiorenza “a imagem católica contemporânea, quase canônica, da mulher, é a da maternidade, da submissão, do serviço, do cuidado e da contribuição silenciosa, pouco visível, da mulher, à vocação criativa do homem, no mundo”.<sup>201</sup>

Para Lê Fort a história toda se resume no homem e no seu trabalho. Segundo ele, a mulher deve trabalhar às ocultas e sob o véu. Portanto, a natureza essencial da mulher correspondia apenas ao auxílio ocasional e nunca à atividade independente.

Atualmente, as mulheres trabalham em público e são orientadas para questões sócio-políticas e não somente para assuntos pessoais. Neste sentido Elizabeth Gossman, afirma que: “A própria mulher não deve, em nenhuma circunstância derivar sua existência da noção do eterno feminismo”.<sup>202</sup>

Assim as mulheres não devem nunca desistir da luta pela cooperação ativa em todos os ministérios da Igreja. É fundamental para a Igreja toda e não só para as mulheres, que a linha clerical que divide os sexos e o *status* das mulheres de cristãs de “segunda classe” segundo Fiorenza seja abolida.<sup>203</sup> Por outro lado, a história do movimento de emancipação das mulheres mostra que a igualdade dos sexos não vai ser alcançada nem por meio da conformidade das mulheres às estruturas patriarcais autoritárias e, muito menos, pela incorporação delas ao grau mais baixo da hierarquia.

Mesmo depois de um século de luta pela igualdade, as mulheres não conseguiram posições importantes de liderança em nossa sociedade. O que aconteceu foi exatamente o contrário, isto é, as mulheres foram incorporadas no sistema político econômico da sociedade industrializada patriarcal. Este se limitou a apenas organizar as capacidades de trabalho das mulheres em benefício próprio bem como admíti-las a postos mal pagos e subordinados.

O movimento de emancipação da mulher perdeu por causa da ala moderna que tentou apenas humanizar o trabalho em vez de mudar a sociedade. Era uma

---

<sup>201</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.30.

<sup>202</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.31.

<sup>203</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.41.

ilusão pensar que as mulheres pudessem “feminizar a sociedade industrial, pois o mundo moderno não é produto da mente masculina, mas obedece as leis materiais que determinam a vida dos homens e das mulheres num plano de igualdade”, segundo Fiorenza.<sup>204</sup>

Mas a partir do momento em que a ala conservadora do movimento feminista afirmou que o *status* social da mulher não tinha integridade própria, mas deveria ser considerado como complemento do trabalho masculino, não busca oposição à idéia de que as mulheres trabalhavam para terem seu dinheirinho e sim um aumento do duplo papel da mulher. Ainda hoje muitos homens tanto quanto mulheres acreditam que o trabalho caseiro é coisa de mulher, enquanto que o trabalho na esfera pública é de responsabilidade dos homens e por serem considerados os chefes da casa, eles têm o direito de receber um salário família. Neste sentido, a capacidade e o papel da mulher eram adaptados às necessidades econômicas da sociedade industrial, enquanto que, na verdade, a sociedade deveria transformar-se no interesse das mulheres.

As mulheres, como batizadas e membros confirmados da Igreja e, portanto, estão habilitadas a ocupar posições de responsabilidade e liderança na Igreja devem insistir e lutar para evitar a clericalização e monopolização hierárquica dos ministérios eclesiais.

Portanto, as mulheres devem seguir a própria vocação dada por Deus. Elas também são chamadas a seguir Jesus, tanto quanto os homens, mesmo que isto implique numa atitude ou rumo de ação contrária aos costumes culturais de seu tempo. Sabemos que a escolha de vida de muitas santas mulheres era limitada e tinha que se conformar a estereótipos masculinos e estas escolhas contradiziam a imagem da mulher total que era propagada pela mística cultural feminina e pela teologia católica da mulher.

Entende-se, porém, que as mulheres tanto quanto os homens são chamadas ao discipulado e à santidade. O chamado, a eleição de Deus era para todos, homens e mulheres, ou seja, transcendia a todas as limitações da religião, cultura, raça, classe e sexo. Porém, os primeiros cristãos, achavam que este chamado ou a eleição de Deus era só para eles, bem como se consideravam os santos de Deus.

---

<sup>204</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.42.

Assim, vemos que o chamado de Jesus ao discipulado tinha precedência sobre todas as demais obrigações, deveres religiosos e laços de família. Os Evangelhos nos mostram que Jesus não respeitava a família patriarcal e as reivindicações desta, pelo contrário, ele chegou a substituí-la pela nova comunidade dos discípulos.

Segundo Fiorenza, “esta visão do discipulado e da comunidade tem evocado, através dos séculos, respostas de vida, não só de homens, mas igualmente de mulheres”.<sup>205</sup> Como exemplo de uma dessas mulheres temos Isabel da Hungria. Sua vida foi muito curta<sup>206</sup> mas ela passou-a toda na procura desta visão do discipulado. Isabel mostrou com a sua vida o quanto é difícil para as mulheres viver a primitiva visão cristã do discipulado numa religião e numa cultura que são patriarcais.

Esta sua decisão e sua imagem dão coragem às mulheres para que elas sejam capazes de romper com as limitações culturais e religiosas da feminilidade e que busque assim uma auto-imagem e uma identidade de plena personalidade e discipulado radical.

As mulheres são chamadas a viver o discipulado radical indo contra esses papéis femininos, sexistas, de classe média, cultural e teologicamente sancionados. Fiorenza diz que a mulher hoje em dia se quiser ser radical no seu seguimento irá enfrentar muitas dificuldades assim como Isabel passou:

Isabel passou por violência e brutalidade porque buscava seguir a própria vocação, definindo a maneira de o fazer pelo ato de ultrapassar a sua classe social e horizonte histórico, assim também as mulheres católicas de hoje devem estar preparadas para sofrer a violência social e religiosa, se responderem ao chamado do Evangelho ao discipulado radical.<sup>207</sup>

As mulheres sempre viveram a opressão cultural, e não é de hoje que elas sofrem por serem oprimidas desta forma. Esta situação constitui uma violência principalmente se ainda for adoçada pela falsa generosidade por parte do homem.

O principal papel da mulher na vida numa sociedade sexista é o de ajudante do homem. A mulher deve cozinhar e trabalhar para ele sem receber por isso.

---

<sup>205</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.52.

<sup>206</sup> Do ano de 1207 a 1231.

<sup>207</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 28.

Mulher, nesta sociedade, é aquela que dá a luz e cria os filhos, além disso, cabe a ela, garantir a satisfação psicológica e sexual do homem. Portanto, o lugar da mulher é na casa, como já foi dito em outro momento enquanto que o lugar do homem é no mundo, isto é, ganhando dinheiro, administrando o Estado, as escolas, as Igrejas, ou seja, na vida pública. Caso a mulher se arrisque a entrar neste mundo masculino a tarefa dela normalmente é subsidiária, ou seja, da mesma forma como as tarefas da casa ou são serviços mal pagos porque se considera que a mulher trabalha apenas para suprir pequenas despesas. Por isso, em muitos casos, ela ainda é limitada a profissões de pouca consideração.

As mulheres já estão lutando por igualdade a mais de um século e até hoje ainda não conseguiram em boa parte do mundo alcançar posições de liderança ou de igualdade de oportunidades tanto na esfera pública como social. Elas foram sim, incorporadas ao sistema econômico e aos valores morais da cultura sexista. E esta cultura se limitou a organizar as capacidades das mulheres apenas para atender a seus próprios interesses.

A cultura sexista recusa às mulheres o pleno alcance de suas potencialidades humanas e, além disso, as mulheres são socializadas para se enxergarem como dependentes, menos inteligentes e que procedem dos homens. A mulher desde pequena já aprende que seu papel principal é ser obediente e serviçal e avaliar sua pessoa através dos olhos de uma cultura masculina. Nós mulheres sempre somos consideradas a outra e somos “socializadas como ajudantes dos homens ou objetos sexuais para seu desejo”.<sup>208</sup> Somos representadas como garotinhas dependentes ou como mulheres sedutoras e *sexy*, além de, esposas ou mães abnegadas, pelos meios de comunicação.<sup>209</sup> Infelizmente, nós mulheres ainda somos definidas como alguém que deriva do homem, que é inferior e subordinada a quem falta a inteligência, a coragem e o talento, caráter do homem.

Ainda hoje, em nossa cultura, as mulheres são difamadas, consideradas infantis ou idealizadas e colocadas em pedestal. Não é permitido às mulheres serem pessoas humanas livres e independentes e o que é pior ainda elas não vivem suas próprias vidas porque lhes é ensinado desde muito cedo que devem viver a vida dos

---

<sup>208</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.69.

<sup>209</sup> Os jornais, a propaganda, a televisão e o cinema.

maridos e filhos. Não lhes é dado o direito de exercerem o próprio poder, pois sempre são obrigadas a manipular o poder masculino. Também não têm o direito de expressarem a opinião própria, mas espera-se que fiquem em silêncio ou no máximo que repitam o que seus pais, maridos, patrões ou filhos dizem. Como resultado, temos que até as próprias mulheres acabam interiorizando uma imagem ou compreensão de si mesmas de que são inferiores e que dependem dos homens. As mulheres sempre aprenderam a se sentirem inferiores e a se autodesprezar e por isso tem até dificuldades de se respeitarem entre si manifestado assim os traços típicos da personalidade dos povos oprimidos.

O feminismo, diante dessa imagem cultural e da autocompreensão das mulheres, defende que as mulheres são pessoas humanas e por isso exigem um livre desenvolvimento de plena personalidade para todos, tanto homens como mulheres e que os direitos, talentos ou fraquezas humanas não são divididos por sexo. Por outro lado ele aponta a necessidade das mulheres de se tornarem econômica e socialmente independentes para que se compreendam e valorizam a si próprias tornando-se agentes livres, autônomos e responsáveis da própria vida. Para que aconteça uma mudança no papel da mulher na sociedade faz-se necessário em primeiro lugar que ocorra uma transformação nas percepções e atitudes dos homens e das mulheres para com as mulheres.

As instituições que exploram as mulheres as estereotipam ou as mantêm em posições inferiores são criticadas pelo feminismo e neste contexto Fiorenza diz que:

O cristianismo teve não apenas uma influência importante na elaboração da cultura ocidental e da ideologia sexista, mas também que as igrejas e teologias cristãs ainda perpetuam a mística feminina e a inferioridade da mulher, por meio de suas desigualdades institucionais e das justificações teológicas da diferença inata das mulheres em relação aos homens. A ética cristã identifica a interiorização do que é feminismo, das atitudes passivas, por exemplo, a ternura, a humildade, a submissão, a abnegação, o amor abnegado que impede o desenvolvimento da auto-afirmação e da autonomia, para as mulheres. O pretense voluntarismo da submissão imposta, no patriarcado cristão, fez voltarem-se as mulheres contra si próprias, mais que nunca mascarando e reforçando o processo de interiorização.<sup>210</sup>

---

<sup>210</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.70.

A sociedade e a cultura reagem a análise e a crítica feminista com recusa, rejeição e a cooptação, da mesma forma as igrejas e os teólogos cristãos reagem para neutralizar a crítica feminista e fazem o possível para que a ordem social e eclesial não seja alterada. Eles “negam a exatidão e a validade dessa análise e da crítica feminista e lembram por outro lado que, as mulheres de modo nenhum são inferiores e oprimidas, mas, ao contrário, superiores e privilegiadas”,<sup>211</sup> conforme o que Fiorenza nos relata.

Neste sentido há várias declarações do Papa Paulo VI em que ele se refere às qualidades superiores das mulheres. Em uma dessas declarações ele “sustenta que a Igreja já reconheceu o esforço contemporâneo para promover o progresso das mulheres como sinal dos tempos e exige uma legislação que proteja os direitos iguais das mulheres na participação da vida cultural, econômica, social e política”<sup>212</sup>. Por outro lado, “ele sustenta que as mulheres devem ser excluídas das ordens hierárquicas”,<sup>213</sup> porém, não vamos aqui aprofundar este assunto, pois não é de nosso interesse neste momento.

Os teólogos liberais cristãos, bem como a imprensa liberal cristã por um lado elogiam as metas do movimento das mulheres e por outro o rotulam de anticristão só porque a crítica feminista sustenta que o cristianismo é um dos maiores responsáveis pela racionalização do *status* da mulher, em nossa cultura. Assim podemos dizer que são os teólogos, os homens, os responsáveis pela formação de uma ideologia que envolve a imagem e o papel da mulher, na teologia cristã.

O cristianismo, em toda a sua história, sempre viveu mergulhado no patriarcalismo cultural e eclesial e por isso as mulheres nunca puderam desempenhar seu papel significativo na teologia cristã. Mesmo hoje em dia quando as mulheres escolhem ser teólogas não encontram muito espaço ou são relegadas a condição de colegas juniores. Conforme o que nos diz Fiorenza, mulheres “cristãs reagem basicamente de dois modos diferentes à violência que contra elas é dirigida

---

<sup>211</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.71.

<sup>212</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.72.

<sup>213</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 72.

pelas instituições eclesiais e seus representantes masculinos”<sup>214</sup>. Tem o grupo que advoga um êxodo e uma separação de toda a religião institucional por amor ao Evangelho e à experiência da transcendência, referindo-se à história do cristianismo e às suas próprias histórias pessoais provando assim que a submissão das mulheres é absolutamente essencial ao funcionamento da Igreja. Por outro lado tem o grupo que espera mudança radical e arrependimento das igrejas cristãs. Essas afirmam seu próprio papel profético e missão crítica no cristianismo.

Fiorenza diz que ela não crê que as mulheres contribuam com modos especificamente femininos ao processo da teologia, mas que, as teólogas feministas podem contribuir para o desenvolvimento de uma teologia humanizada, na medida em que se insiste que os valores femininos definam a totalidade da existência cristã e a prática das igrejas cristãs. Neste sentido a teologia feminista é capaz de integrar as áreas masculinas e femininas, bem como a intelectual e pública e a pessoal e emocional. Aqui se faz necessário compreender a difícil situação pessoal das mulheres, numa sociedade e numa Igreja sexista. É preciso compreendê-las através de uma análise dos estereótipos culturais, sociais e eclesiais que tem um alcance pessoal e político.<sup>215</sup>

O feminismo cristão leva a sério a questão da igualdade, da integridade e liberdade que está expressa em Gálatas 3,28<sup>216</sup> e a Carta Magna do feminismo cristão que foi ratificada pelo Vaticano II, na Constituição sobre a Igreja.<sup>217</sup> Mas a visão vista em Gálatas nunca foi totalmente realizada pela Igreja cristã, através de sua história. Esta declaração reflete uma práxis discriminatória da Igreja a partir do momento que ela não discute e não questiona as estruturas da Igreja e o ofício eclesiástico e apenas discute ou propõe a igualdade para todos os cristãos apenas com respeito à salvação, à esperança e à caridade.

A história feminista dos primeiros séculos mostra o quanto foi difícil para a ordem eclesiástica estabelecida acabar com o clamor e o espírito de liberdade entre as mulheres cristãs. Nesta época a apologética teológica afirmava que a Igreja não

---

<sup>214</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 73.

<sup>215</sup> Para um maior aprofundamento do assunto ver artigo da autora: O papel da mulher no movimento cristão primitivo, *Concilium* 1976/1. Petrópolis, Vozes.

<sup>216</sup> Em Jesus Cristo “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher”.

<sup>217</sup> N° 32: Portanto, não há em Cristo e na Igreja nenhuma desigualdade com base em raça e nacionalidade, condição social ou sexo, pois não há judeu nem grego.

podia libertar as mulheres por causa da posição culturalmente inferior que elas ocupavam na Antiguidade. É importante lembrar que a emancipação cultural e social das mulheres tinha conseguido um bom espaço no mundo greco-romano.

Neste sentido Paulo, a tradição e os Padres da Igreja além de limitar ou eliminar as conseqüências dos atos de Jesus e do espírito expressos em Gálatas (Gl 3,28) inverteram os processos de emancipação de sua sociedade. Na verdade eles conseguiram eliminar as mulheres da liderança eclesial e teológica e isto eles o fazem através da domesticação da mulher sob a autoridade masculina. Nos casos em que as mulheres não se sujeitavam a autoridade masculina ou continuavam ativas e ocupavam uma posição ou exerciam a liderança dentro dos movimentos cristãos iam sendo eliminados da principal corrente do cristianismo.

Falando em libertação da mulher pode-se citar como exemplo a Maria Madalena, pois seu encontro com Jesus libertou-a (Lc 8,3) e transformou sua vida e como conseqüência, ela o seguiu.

Assim, Maria Madalena é a principal testemunha dos dados da primitiva fé cristã, segundo o que nos atestam os quatro Evangelhos. Ela testemunhou a vida e a morte de Jesus, seu enterro e ressurreição. Maria Madalena foi enviada aos discípulos com o objetivo de proclamar o Kerygma da Páscoa. Por isso Bernardo de Claraval a denomina de “apóstola dos apóstolos”. Pode-se dizer que toda a fé cristã é baseada no testemunho e na proclamação das mulheres, pois, assim como Maria Madalena foi enviada aos discípulos para proclamar os princípios básicos da fé cristã é possível às mulheres de hoje “redescobrir, pela contemplação de sua imagem, a importante função e o papel que poderão desempenhar para a fé e a comunidade cristã”<sup>218</sup>.

Porém, quando pensamos em Maria Madalena, logo nos vem a imagem de Maria como pecadora e dificilmente nos recordamos dela como apóstola cristã e evangelista. A imagem de Maria Madalena foi totalmente distorcida e é interpretada e retratada pelos modernos romancistas e os teólogos como se ela tivesse abandonado os prazeres sexuais e a concupiscência pelo amor do homem Jesus. Esta imagem distorcida de Maria Madalena implica numa profunda distorção na autocompreensão das mulheres cristãs. Na qualidade de mulheres devemos

---

<sup>218</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 90.



reivindicar sempre a contribuição da mulher e o papel que ela representa na fé cristã e a tradição. É preciso libertar a imagem de Maria Madalena de todas as distorções e recuperar seu papel de apóstola.

Não só Maria, mas também outras mulheres foram escolhidas para serem apóstolas dos apóstolos. O primeiro testemunho das mulheres, da Ressurreição foi um fato histórico, pois, não poderia ter derivado do judaísmo nem inventado pela Igreja primitiva. Tanto a fé como a comunidade cristã tem seu fundamento na mensagem da Ressurreição, na nova vida que foi proclamada pelas mulheres.

Sabe-se que na época de Jesus seus maiores seguidores eram os cobradores de impostos, os pecadores e as mulheres, ou seja, os considerados imundos para o culto e que não pertenciam à religião oficial daquele tempo e não os virtuosos, os piedosos ou os poderosos.

Segundo Fiorenza, “a autocompreensão da comunidade cristã eliminava todas as distinções de religião, raça, classe e casta, permitindo, por esse meio, que não só os gentios e escravos assumissem a plena liderança da comunidade cristã, mas também as mulheres”.<sup>219</sup> As mulheres neste movimento exerciam a liderança de apóstolas, profetisas, evangelistas e missionárias, ou seja, ofícios semelhantes aos de Barnabé, Apolo e Paulo.

Para Paulo, a qualidade de apóstolo se entendia a todos aqueles que foram testemunhas oculares da ressurreição e foram designados pelo Senhor para o trabalho missionário (cf. 1Cor 9,4) e não se limitava aos doze. Segundo Lucas, seriam aceitáveis para substituir Judas apenas os cristãos que acompanharam Jesus em seu ministério na Galiléia e só se fossem testemunhas oculares de sua ressurreição (cf. At 1,21). Assim, as mulheres, conforme os quatro Evangelhos preenchem os critérios de apostolado enumerados tanto por Paulo quanto por Lucas. Portanto, as mulheres acompanharam Jesus da Galiléia a Jerusalém e foram as testemunhas da sua morte (cf. Mc 14,40) e também foram as primeiras testemunhas da ressurreição. Este é um fato de autenticidade histórica, pois atende a todos os critérios para tanto.

---

<sup>219</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 96.

As mulheres tinham um papel importante no movimento cristão da Palestina, elas foram indicadas pelo nome e, portanto, não ficaram no anonimato. Isto foi muito importante para as mulheres, mas também para a Igreja da época e parece que a líder entre elas tenha sido Maria Madalena porque os quatro evangelhos transmitem o nome dela. Eles citam outros nomes, mas estes são variáveis. Por isso podemos afirmar novamente que segundo as tradições evangélicas elas foram as primeiras testemunhas apostólicas dos dados essenciais da primeira fé cristã, ou seja, elas foram as testemunhas oculares do ministério de Jesus.

As mulheres exerciam liderança como profetisas durante o cristianismo primitivo. Paulo e Lucas documentam estes fatos onde elas exerceram essa liderança.

As referências à liderança das mulheres no movimento cristão que estava nascendo não limitavam a sua atividade ao círculo feminino, nem comprova tendências ascéticas. Com certeza Priscila era casada e Maria, Febe, Evódia ou Trifena e tantas outras, talvez não fossem casadas, tanto que desconhecemos o estado civil dessas mulheres. Elas também viviam numa situação onde não tinham definidos ainda seus papéis, como esposas ou mães ou mesmo seus relacionamentos com homens. Em função dos padrões do judaísmo, do mundo greco-romano, bem como dos padrões da Igreja cristã da época, a liderança das mulheres nas comunidades cristãs era excepcional.

Jesus, quando esteve no seu grupo, não deixou aos seus seguidores um organograma pronto de sua comunidade, por isso os cristãos primitivos assimilaram estruturas e instituições do judaísmo e do helenismo. Neste sentido “o processo de adaptação cultural e de institucionalização eclesial limitaram progressivamente o papel e a influência das mulheres”,<sup>220</sup> conforme o que nos diz Fiorenza.

Este processo de solidificação estrutural e hierarquização cultural de ofícios eclesiásticos e a patriarcalização dos ministérios cristãos e da Igreja eliminava cada vez mais, as mulheres de seus papéis de liderança eclesial e relegava-as a tarefas subordinadas femininas. Nesta época o cristianismo se adequava cada vez mais às instituições sociais e religiosas existentes e com isso se tornava um segmento genuíno de sua cultura e da religião greco-romana e como consequência disso

---

<sup>220</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 98

relegava a liderança das mulheres a grupos periféricos ou as limitava a papéis que são definidos a partir do sexo. Nessa situação as ordens de diaconisas e viúvas já não serviam mais a toda a comunidade, mas somente às mulheres, assim como nem todas as mulheres exerciam funções de liderança, somente as virgens e as viúvas que haviam transcendido os papéis sexuais.

Nesta realidade as mulheres foram afastadas da liderança e da teologia eclesiais e isto se deu em função da domesticação da mulher, sob a autoridade masculina, tanto em casa como nas comunidades para celibatários, ou seja, em conventos. Nesta época, muitas mulheres não se conformavam com essa realidade e continuavam ativas e lideravam em várias comunidades cristãs. Mas como era de se esperar, não demoraram em receber o rótulo de hereges e cada vez mais se viam empurradas para fora da corrente do cristianismo. Junto com essa eliminação e a repressão de elementos de emancipação dentro da Igreja ocorria a justificação teológica da supressão da liderança feminina e da patriarcalização do ofício eclesial.

Para Fiorenza “a admissão das mulheres à plena liderança na Igreja requer o reconhecimento oficial e a confissão de que a Igreja tratou injustamente as mulheres e deve, portanto, submeter-se a uma conversão radical”.<sup>221</sup> A Igreja é chamada a abandonar todas as formas de sexismo e rejeitar o quadro de referências teológicas e institucionais que perpetuam a discriminação e o preconceito contra as mulheres, pois, se ela oficialmente rejeitou toda a exploração nacional e renunciou publicamente a toda teologia anti-semita.

Na Constituição Dogmática, declaração sobre a Igreja o Concílio Vaticano II afirmou a visão da Igreja em Gálatas 3,28 onde diz que “não há, pois, em Cristo e na Igreja, nenhuma desigualdade, em vista de raça ou nação, condição social ou sexo”.<sup>222</sup> Esta declaração na verdade reflete uma mentalidade que discrimina, uma *práxis* da Igreja hierárquica, enquanto ela apresenta a igualdade dos cristãos somente a respeito à salvação, à esperança e à caridade e não em relação ao ofício eclesial e ao poder. A Igreja e a teologia só serão capazes de transcender suas próprias formas ideológicas sexistas, quando for concedida às mulheres a igualdade, espiritual e eclesial. Para que não se tenha mais a necessidade de suprimir o

---

<sup>221</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 100.

<sup>222</sup> Cf. FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 101.

Espírito que impele as mulheres cristãs à participação plena, tanto na teologia como no ministério, é preciso admiti-las à plena liderança da Igreja e, além disso, é necessário que seja respeitado o espírito de liberdade e responsabilidade das mulheres cristãs, caso contrário, os líderes e teólogos negam à Igreja sua plena integridade e catolicidade.

Fiorenza diz que as mulheres devem estar envolvidas em todos os níveis de comprometimento da Igreja caso a Igreja busque uma comunidade de iguais. Assim ela diz:

As mulheres devem dar na vista, todos os níveis da Igreja; devem ser sacerdotes, bispos cardeais e papas, devem envolver-se na formulação da teologia e da lei da Igreja, na emissão de encíclicas e na celebração da liturgia, se realmente a Igreja almeja tornar-se uma comunidade de iguais, diante de Deus e do mundo. Além disso, essas mulheres, que em sua capacidade de professoras, teólogas, (...), educadoras religiosas, conselheiras e administradoras, já exercem ativa liderança na Igreja, devem insistir para que seu ministério seja publicamente reconhecido como ministério ordenado, para que a liderança feminina não venha a ser a presa das ciladas da presente forma clerical, celibatária e hierárquica, do sacerdócio católico.<sup>223</sup>

Para que aconteça o maior envolvimento da mulher na comunidade cristã não pode mais se dividir em liderança ativa, dominada pelos homens e membros passivos, de submissão feminina. Mas por outro lado, ela deve ser uma comunidade de pessoas chamadas por Deus e autorizadas a participar ativamente e são chamadas a liderança na missão da Igreja.

Aqueles que advogam uma saída de todas as instituições do cristianismo e da religião afirmam que a submissão das mulheres é absolutamente essencial ao funcionamento das Igrejas e que elas infelizmente são consideradas como seres marginais nas atuais estruturas e teologias cristãs.

Segundo os Evangelhos, como os doze apóstolos<sup>224</sup> eram todos homens, pode-se concluir que as mulheres não podiam ter igual acesso às funções de

---

<sup>223</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p 101.

<sup>224</sup> Na origem, a palavra apóstolo significava um mensageiro comissionado e na correspondência paulina ela significa um mensageiro enviado pelo Ressuscitado. Neste sentido o título não se restringe ao grupo dos doze, porque se assim fosse, Paulo não poderia ser qualificado como apóstolo. Assim, como nem todo apóstolo pertencia ao grupo dos doze, o termo apóstolo conota um círculo independente e mais compreensivo de liderança na Igreja primitiva.

liderança, isso tanto no movimento missionário cristão quanto no movimento de Jesus.

As mulheres discípulas que seguiram Jesus da Galiléia a Jerusalém (cf. Mc 15,40s) não somente acompanharam Jesus em seu caminho para o sofrimento e a morte, mas também fizeram o que ele viera fazer: servir (cf. Mc 10,42-45; 15,41). Os doze discípulos são incapazes de entender e aceitar o ensinamento de Jesus, principalmente, de que ele quis sofrer, enquanto isso é uma mulher que demonstra essa percepção e age de acordo com ela (cf. Mc 14,3-9). Vemos em Marcos que os atos dessa mulher tornam-se a causa de traição de Jesus por um dos doze (cf. Mc 14,10s). Esse contraste entre os doze discípulos e as mulheres do discipulado insinua que na Igreja de Marcos, as mulheres apóstolas eram consideradas como discípulas exemplares de Jesus. Essas mulheres tinham seus lugares entre os líderes do movimento de Jesus. Neste sentido, Marcos as considera como as sucessoras funcionais de Jesus e que dão continuidade à missão e ministério na Nova Família de Deus.

As mulheres como pertencem a um grupo sem muito poder institucional só podem promover mudanças se estiverem compartilhando de uma visão e de um movimento político comum. Porque até as próprias mulheres introjetaram seu *status* inferior e atribuem a falta de êxito às próprias falhas pessoais, como já mencionamos em outra ocasião.

Segundo a visão de Fiorenza a liderança das primeiras comunidades cristãs era feita só por homens e que as mulheres que foram mencionadas nas cartas paulinas eram ajudantes e assistentes dos apóstolos, principalmente de Paulo. Ela diz que “um modelo interpretativo tão androcêntrico exclui completamente a possibilidade alternativa de que as mulheres seriam missionárias, apóstolas, chefes de comunidades, independentes e iguais a Paulo”.<sup>225</sup>

A marginalidade histórica da mulher não foi criada pela exegese moderna, mas com certeza ela foi criada pelo fato da marginalização das mulheres que era muito acentuada desde o princípio. Pois, nas igrejas primitivas a mulher não tinha nenhuma significação e nem lhes foi permitido exercer funções de liderança ou de

---

<sup>225</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 179.

ensinamento. E toda essa marginalidade das mulheres tinha suas origens nos começos patriarcais da Igreja, bem como no da revelação cristã centrada no homem.

As poucas referências às mulheres nas fontes reflete a história real de sua atividade na Igreja. Pode-se notar que todos os escritos primitivos, tanto os Evangelhos como os Atos falam dos problemas e situações da Igreja primitiva e procuram iluminá-los teologicamente. Mas esta compreensão sistemática se aplica também às tradições e fontes referentes às mulheres do cristianismo primitivo. Sabe-se que as comunidades e autores do início do cristianismo viviam num mundo onde predominava o patriarcalismo e com certeza a carência de informações sobre as mulheres foi condicionada pelas tradições e modos de escrever androcentricos dos autores cristão primitivos.

As mulheres foram discípulas de Jesus e testemunhas da ressurreição, segundo o que nos mostram os Evangelhos, mas nenhuma delas na verdade é indicada entre o grupo dos doze. As imagens encontradas nas parábolas retratam o mundo e a experiência da mulher, isto é, retratam o mundo e a experiência feminina, mas a linhagem de Jesus é totalmente masculina. Também segundo os Evangelhos, as mulheres descobriram o sepulcro vazio, mas elas não são consideradas as verdadeiras testemunhas da ressurreição e sim os homens.

A mulher, conforme 1Coríntios 14,33-36 teve que viver por muito tempo o silêncio e a subordinação dentro da comunidade cristã. A finalidade na verdade era a patriarcalização das funções de liderança eclesial. O que era evidente, portanto, era que a mulher devia aprender sempre em submissão total e também era proibida categoricamente de ensinar ou exercer autoridade sobre os homens. Na verdade esta ordem patriarcal do silêncio e submissão das mulheres é teologicamente baseada no argumento de o homem ter sido criado primeiro e de a mulher ter pecado por primeiro. No fundo essa é uma compreensão teologicamente negativa das funções da mulher e ela é utilizada para legitimar a exclusão das mulheres da liderança e do ofício da Igreja. Então, segundo o que nos diz a história, “a vocação da mulher não é o chamado ao discipulado ou às missões, é seu papel de esposa e mãe patriarcalmente definido que realiza sua salvação”.<sup>226</sup>

---

<sup>226</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 191.

Nas epístolas pastorais aparece bem claro esta exigência de subordinação da mulher que está fundamentada numa patriarcalização progressiva da Igreja e de suas funções de liderança.

As mulheres cristãs eram excluídas cada vez mais da liderança e ofícios da Igreja na medida em que o movimento primitivo cristão ia se adaptando às instituições sociais que predominavam na época e que se tornavam parte genuína da sociedade patriarcal greco-romana. Por esse motivo, as mulheres eram reduzidas a grupos de periferia, destituídas do poder ou mesmo deviam se conformar ao estereótipo feminino que reinava nessa cultura patriarcal.

As tradições dão a entender que Jesus foi criticado por levar a sério às mulheres e que elas eram suas discípulas e as principais testemunhas. Pois o comprometimento e a fidelidade das mulheres como discípulas são destacados no Evangelho de Marcos. Sabemos pela história e pela Escritura que as mulheres perseveraram, pois ficaram com Jesus desde seus sofrimentos até a ressurreição.

Neste sentido GANGE se refere à fidelidade e perseverança das mulheres dizendo que elas sempre estiveram ao lado de Jesus e eram muito fiéis, desde os primeiros momentos até o fim:

Perto de Jesus, ao lado de Jesus, sempre havia mulheres, e a fidelidade delas para com ele não falhou, nas próprias palavras dos Evangelhos, uma vez que, tendo seguido Jesus “desde a Galiléia”, como precisam Marcos, Mateus e Lucas – o que significa que desde os primeiros momentos de sua pregação itinerante - elas também estavam lá e no último dia ao pé da cruz.<sup>227</sup>

Gange e Fiorenza tratam da questão das mulheres que acompanharam Jesus desde a Galiléia e não mais o abandonaram, até a hora de sua morte e depois indo ao túmulo, o vêem ressuscitado.

Essas mulheres no movimento de Jesus eram discípulas por mais que na sociedade elas fossem consideradas marginais e religiosamente inferiores. Mesmo que a sociedade e a religião excluíssem as mulheres, Jesus, em seu movimento fazia a exigência e oferecia estruturas inclusivas e livres de domínio. Essa exigência oferece a base teológica para que as mulheres sejam reconhecidas como discípulas de pleno direito.

---

<sup>227</sup> GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 19.

Para Fiorenza , “as mulheres, como *ekklesia* de Deus, têm em sua história uma continuidade que pode reivindicar Jesus e o movimento primitivo cristão como raízes e como início”.<sup>228</sup> Portanto, a história das mulheres como povo de Deus deve ser revelada porque ela é uma história ao mesmo tempo de opressão e de exclusão mas também de conversão e libertação.

As mulheres devem se tornar cada vez mais conscientes de sua dignidade humana para que assim possa reivindicar os direitos e deveres que se harmonizam com essa dignidade de pessoas humanas

A mulher em vez de abandonar a fé e a comunidade cristã que são opressivas às mulheres ela procura recuperar o poder da fé cristã e da comunidade para libertar a integridade de todos.

As mulheres sempre foram e continuam sendo igrejas, pois são chamadas e eleitas por Deus. Durante toda a história e ainda hoje, a Igreja patriarcal e a teologia androcêntrica, silenciaram, marginalizaram e tornaram invisíveis as mulheres e as mantiveram privadas de poderes teológicos ou eclesiásticos por serem mulheres. Mas, por outro lado, as mulheres sempre escutaram o chamado de Deus, transmitiram a graça e a presença de Deus, além disso, também viveram a Igreja como comunidade de discípulos em pé de igualdade com os homens.

Por muito tempo as vozes das mulheres foram silenciadas e excluídas da tomadas de decisões eclesiais, da teologia e do ministério.

Gange discorda de Fiorenza quando diz que: “Jesus cercou-se de discípulos homens, os Doze, que ele escolheu, entre os quais Pedro, João, Mateus, Tomé, Felipe, André, Judas. (...) Quanto às mulheres que o cercaram desde o começo de sua pregação, elas o serviam”;<sup>229</sup> mas em momento nenhum os Evangelhos do Novo Testamento as apresenta como discípulas. Enquanto isso Fiorenza diz que as mulheres eram as discípulas de Jesus.

Eram numerosas as mulheres que seguiam Jesus e elas o seguiam atraídas pelo seu ensinamento. A presença dessas mulheres em torno de Jesus era um fato excepcional no mundo palestino, segundo Mateus 27,55 e Marcos 15,41.

---

<sup>228</sup> FIORENZA, Elisabeth S. *Discipulado de Iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 228.

<sup>229</sup> GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 20.



Na ótica do judaísmo, que também era a ótica do grupo dos Doze, a mulher que era considerada relativa e subordinada ao homem do qual ela dependia em todos os aspectos não era possível nesta mentalidade ela ser uma discípula. E tinha mais, sua salvação só podia proceder do cumprimento de seu destino de servidora do homem.

Segundo Gange a mulher era vista de forma diferente no Antigo Testamento e no Novo, principalmente com Jesus:

Enquanto o gênero feminino é demonizado em todo o Antigo Testamento, simbolizando em geral a duplicidade da tradição (o que é expresso pelo termo prostituta), enquanto Javé a destina a ser submissa ao masculino, Jesus lhe dá um imagem totalmente diferente. Sua ternura e sua compaixão se voltam para as mulheres cuja doçura, generosidade e pureza de coração ele faz sobressair incansavelmente.<sup>230</sup>

Jesus trata a mulher diferente que o homem da sua época a tratava lhe dando uma imagem diferente daquela que eles lhe davam, ou seja, Jesus se volta para elas com ternura e compaixão valorizando a doçura, generosidade e pureza de coração que é algo específico da mulher.

---

<sup>230</sup> GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 31.

## CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, cabe dizer que as mulheres sofrem muita violência ainda em nossos dias, em todas as áreas e de diversas formas. Portanto, elas sofrem a violência física, psíquica, moral, sexual, econômica e social e também pela sua raça, gênero, etnia e classe.

As agressões, das quais as mulheres são vítimas, deixam marcas permanentes na alma e no corpo. São feridas que se abrem e que são muito difícil ou quase impossível de serem curadas pelas conseqüências que estas causam às mulheres que vivenciam essa violência.

A violência contra a mulher ainda é um assunto um tanto evitado por causa do preconceito, do desconhecimento ou em função de fatores culturais e porque ele provoca desconforto.

O mundo inteiro padece desse problema da violência contra a mulher há muitos séculos e pode-se dizer que as agressões físicas contra as mulheres acontecem na sua grande maioria no âmbito doméstico e seus agressores, geralmente, são pessoas com as quais as vítimas têm relações pessoais e afetivas. Isto quer dizer que aqueles que deveriam zelar, proteger e cuidar da mulher são os que mais agridem.

Mas a mulher tem mudado seu modo de agir e em muitos momentos, assume seu papel de sujeito ao mesmo tempo em que se nega a continuar sendo objeto definido pelos conceitos que a ela foram atribuídos no decorrer dos séculos.

Hoje em dia muitas mulheres vítimas da violência registram ocorrência, denunciam, mas algumas ainda acabam desistindo, retirando sua queixa. Essa desistência, talvez seja por medo do agressor, por promessas de melhora, de mudança ou conversão por parte do agressor. Muitas ainda acreditam numa reconciliação ou mesmo para evitar a prisão do seu companheiro agressor. A maioria destas mulheres é de baixa renda e escolaridade, mas a violência não escolhe cor ou classe social. Ela ocorre em todas as classes sociais. A agressão

para muitas mulheres é motivo de vergonha e parece ser maior nas mulheres que tem boa situação financeira ou posição de *status*.

Uma grande conquista das mulheres, nos nossos dias, é a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7/08/06). a qual leva esse nome em homenagem a uma mulher que muito sofreu a violência e que não se acomodou diante dela. Podemos vê-la como um exemplo de mulher que lutou contra a violência que sofria e alcançou êxito, não só para ela individualmente, mas para todas as mulheres que sofrem diariamente. A mulher vítima de violência que decide romper com a violência agora tem onde procurar ajuda.

Essa lei, na verdade é um estatuto de combate à violência doméstica e familiar que é o tipo de violência mais grave, ocorrendo contra as mulheres no Brasil e no mundo. A Lei Maria da Penha com certeza pode modificar, profundamente, as relações entre mulheres vítimas de violência doméstica e seus agressores, pois a agressão é um crime e os agressores são punidos, com prisão em flagrante.

Ninguém tem o direito de maltratar alguém. É um direito da mulher o respeito à sua pessoa, como pessoa humana. A mulher goza de direitos fundamentais e esse é o grande avanço nestes últimos anos em favor da mulher, especialmente aquela que sempre sofreu a violência no silêncio. Esta lei está tendo grande repercussão e trouxe várias vantagens para as mulheres oportunizando o respeito pela sua pessoa e o direito de gozar os direitos fundamentais da pessoa humana, garantidos na nossa Constituição, isto no aspecto legal. Por outro lado o cristianismo apresenta uma proposta eficaz de vida para as mulheres.

Cristo apresenta uma proposta de libertação das mulheres e conseqüentemente de inclusão das mesmas no seu discipulado. Ele as liberta curando-as de seus males, de seus sofrimentos, do seu silenciamento e as conduz para um caminho de libertação e de seguimento. Jesus inclui as mulheres no seu grupo e as torna líderes de comunidades.

Assim, a mulher que é liberta da escravidão da violência se torna líder e assume com muito vigor o seguimento a Cristo. Ainda hoje as mulheres que encontramos nas comunidades que sofriam e conseguiram superar esse sofrimento, ou que enfrentaram a violência de uma forma madura tornam-se em geral líderes de comunidades assumindo as mais variadas pastorais e ministérios.

Porém, a nossa sociedade e também a Igreja ainda são muito machistas e em grande parte impede que a mulher atue de forma igual na comunidade, ou seja, ainda não pode exercer todas as funções como o homem. Só no dia em que isso ocorrer de forma plena de as mulheres estarem lado a lado com os homens, elas poderão viver aquilo que Cristo propôs, ensinou e viveu.

Cristo cura as mulheres, as liberta do seu sofrimento e da violência e as inclui no seu grupo e elas correspondem com a sua vida, seguindo-o por onde Ele andou e pregou. Elas estiveram com ele desde o início, desde a Galiléia a Jerusalém e ficaram firmes até o fim. Estiveram presentes na cruz, no seu sofrimento e no momento de sua glória, na ressurreição. Foram as primeiras testemunhas do ressuscitado e as primeiras a levarem o Cristo vivo aos discípulos e comunidades.

Então, podemos concluir que a proposta de Cristo foi e é de inclusão das mulheres na Igreja e no discipulado de iguais. O mesmo compete ao cristianismo, ou seja, desde o início o cristianismo tem a missão de lutar pela inclusão de todas as pessoas sem distinção. O cristianismo tem uma proposta diferente que é proposta de Cristo. Esta proposta é o seguimento a Cristo por meio do Evangelho que, aliás, as mulheres no tempo de Jesus realizaram com a maior perfeição.

A vivência da fé cristã é caminho de libertação para a mulher, pois, ela abre possibilidades para a conscientização, resistência, mudança nas relações sociais e integração da sociedade.

No decorrer dessa dissertação podemos observar que a experiência cristã mostra que as mulheres das quais o Novo Testamento se refere eram mulheres em situação de violência, na sua grande maioria e que se tornaram discípulas e apóstolas, missionárias e animadoras de comunidade. Elas superaram sua situação de violência em que viviam e tornaram-se as grandes anunciadoras e seguidoras de Jesus e coordenadoras de comunidades cristãs. Em nossa dissertação usamos autoras com visão mais crítica em relação à violência contra a mulher ou sua inclusão na Igreja por um lado e, do outro o Magistério da Igreja que apresenta a mulher como algo tranqüilo onde ela está ou é considerada como se estivesse lado a lado com o homem.

## REFERENCIAS

ALVES, Fabrício da Mota. *Lei Maria da Penha: das discussões à aprovação de uma proposta de combate a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Disponível em: <http://www.Jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8764>. Acesso em 10/06/09.

BARBOSA, Rosa M. A mulher na teologia. Revista *Convergência*, nº 289, ano XXX. São Paulo: Loyola, março/1995

BERGESCH, Karen. Poder e violência a partir da ótica da mulher. Revista *RIBLA* Nº 41, 2002/1, p. 129-137.

BROWN, Joanne C. Em respeito aos anjos: violência e abusos sexuais. *Concilium* nº 252, 1994/2, p.184-192.

BRUNELLI, Delir. *Ele se fez caminho e espelho: o seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis*. Petrópolis/JR: Vozes, 1998.

CARVALHO, Marília P. de; PINTO, Regina P. (Org.). *Mulheres e desigualdades de gênero*. São Paulo: Contexto, 2008. (Série justiça e desenvolvimento).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim*. São Paulo: Loyola, 1999.

CAVALCANTE, Luciana. *Mulheres reagem contra a violência*. Disponível em: [www.orm.com.br/plantão/notícia/default.asp?id\\_notícia=237599](http://www.orm.com.br/plantão/notícia/default.asp?id_notícia=237599) Acesso em 03/06/09.

CONFERENCIA SOBRE AS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DIREITOS HUMANOS. Viena 1993. Disponível em: <http://www.violenciamulher.org.br/apc-aa-patriciagalvão>. Acesso em 05/06/08.

COMPENDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 1995.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL 1ª Região (Org.). *Coletânea de leis*. Porto Alegre: Decasa Editora/Palmaricana, 2009.

CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ EM 1994. Disponível em: <http://www.violenciamulher.org.br/apc-aa-patriciagalvão>. Acesso em 05/06/08.

COPELAND, M. Shawn. Reflexões editoriais. *Concilium* nº 252, 1994/2, p. 321.

DECLARAÇÃO SOBRE A ELIMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. Resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas, dezembro de 1993. Disponível em: <http://www.violenciamulher.org.br/apc-aa-patriciagalvão>. Acesso em 05/06/08.

DELUMEAU, Jean. *O medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Schwarcz, 1989.

ELIZONDO, Felisa. Violência contra as mulheres: estratégias de resistência e fontes de cura a partir do cristinismo. *Concilium* nº 252, 1994/2, p. 298-150.

ESTEVEZ, Elisa. A mulher na tradição do discípulo amado. RIBLA. Petrópolis: Vozes, nº 17, 1994/1, p. 65-74.

FIORENZA, Elisabeth S. Violência contra a mulher. *Concilium* nº 252, 1994/2, p. 163-184.

\_\_\_\_\_, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulina, 1992.

\_\_\_\_\_, Elisabeth S. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GANGE, Françoise. *Jesus e as mulheres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GEBARA, Ivone. Mística e Política na Experiência das Mulheres. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 49, fasc 196, dezembro de 1989.

GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Org) *Violências e gênero: coisas que a gente não gosta de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HAMMES, Érico J. Orientações e normas para trabalhos científicos. Porto Alegre, 2005/2006. disponível em : <<http://www.pucrs.br/fateo/normas.pdf>> Acesso em: 2008.

III CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Loyola, 1979. (Texto oficial da C.N.B.B.)

JOÃO PAULO II. A dignidade e a vocação da mulher. *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem*. São Paulo: Paulinas, 1988.

MACHADO, Alzira G. Violência contra a mulher: uma hermenêutica de João 7,53-8,11. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, v. 96, 2007.

NEUENFELDT, Elaine. Violência sexual e poder – o caso de Tamar em 2Samuel 13, 1-22. *Revista RIBLA* N° 41, 2002/1, p. 42-53.

ODUYOYE, Mercy A. Pobreza e maternidade. *Concilium*. n° 226. ... p. 762-892.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. Disponível em: <http://www.violenciamulher.org.br/apc-aa-patriciagalvão>. Acesso em 05/06/08.

RABELLO, Patrícia M.; JUNIOR, Arnaldo de F. C. *As filhas de Eva: violência do gênero*. Recife: EDUPE, 2006.

REIMER, Ivoni R. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Bíblia em comunidade: Série teologias bíblicas; 8).

RIBEIRO, Helcion. *Mulher e dignidade: dos mitos à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RIBEIRO, Zilda F. Prostituição e estupro no período colonial. *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 194-206.

ROY, Ana. *Tu me deste um corpo*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção: Sopro do Espírito).

SCHIELE, Beatrix. Violência e Justiça. *Concilium* n° 252, 1994/2, p. 219.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (Org.). *Corporeidade e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (Org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007.

STREY, Marlene N. (org) *Mulher, estudos de gênero*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

STREY, Marlene N.; AZAMBUJA, Mariana P. R. de; JAEGER, Fernanda P. (Org.). *Violência gênero e políticas públicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SUSIN, Luiz C. (org.). *O mar se abriu*. São Paulo: SOTER – Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_ (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_ (Org.). *Terra Prometida: Movimento social, engajamento cristão e teologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_ *Sarça ardente: Teologia na América Latina: perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000.

TEPEDINO, Ana M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990.

V CONFERENCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 13-31 de maio 1007.

WILLIAMS, Delores S. Mulheres Afro-americanas em três contextos de violência doméstica. *Concilium* nº 252, 1994/2, p. 321-325.